

ANO XLIV

N.º 3

Revista da Semana

16 de Janeiro de 1943

Cr\$ 1,50 em
todo o Brasil



Parada universal de noivas

(REPORTAGEM NO TEXTO)

Mil mulheres diferentes em
uma só verdadeira

BETTE DAVIS

APENAS UM DETALHE A IDENTIFICA EM SUAS MULTIPLAS
INTERPRETAÇÕES: — FORMA DE SEGURAR O CIGARRO.

De Maria Luiza

Bette Davis é talvez a maior atriz, não direi do século porque este ainda não chegou ao meio, mas do momento, pelo menos. Nenhuma tem interpretado tantos papéis diferentes e importantes com a mesma inigualável perfeição; nenhuma tem realizado um número tão elevado de grandes filmes, cuja maior grandeza é dada a ela própria, como nenhuma se tem arriscado em tantos argumentos vulgares e mesmo máus, salvando-os com o seu gênio. Bette Davis é, talvez, a única estrela cujo simples nome é suficiente para nos fazer entrar em um cinema de olhos fechados, sem interrogar se o argumento interessa e se o diretor é, pelo menos, bom; sim, é talvez a única cujo nome vale por um cartaz, neste momento em que os maiores valores cinematográficos têm sido lamentavelmente sacrificados com histórias horríveis e diretores medíocres. Sempre diferente, jamais cansa porque jamais parece a mesma. Quem seria capaz de identificar a mesma mulher em "Floresta Petrificada" e "Mulher Marcada", por exemplo? Quem seria capaz de identificar "Pérfida" na pequena endiabrada de "A noiva caiu do céu"? Quem poderia reconhecer a amorosa de "Vitória Amarga" na "Solteirona" ou em outros tipos? Essa mulher cuja capacidade de multiplicar-se é incomensurável, lembra-me certa personagem de uma peça de Pirandello, uma atriz que após longa carreira de brilhantes triunfos resolveu procurar-se dentro de si mesma, pois parecia-lhe haver perdido a própria personalidade à força de interpretar as alheias. Mas Bette Davis não perdeu a sua, ela transparece nitida tanto através dos atos diários de sua vida fora da tela (que chegamos a conhecer apesar das deturpações da publicidade) como de seus pequenos gestos inconscientes, daqueles que não foram estudados especialmente no momento de "compôr os tipos", porque parecem comuns a todas as criaturas humanas. Na forma de fumar, por exemplo, no seu modo natural e um pouco displicente de segurar o cigarro, Bette Davis é sempre a mesma. Estou certa de que ela o faz com a mesma simplicidade diante da camera — no papel de uma ingênua, de uma pérfida ou de uma "vamp" — como na vida real, no seu próprio papel.

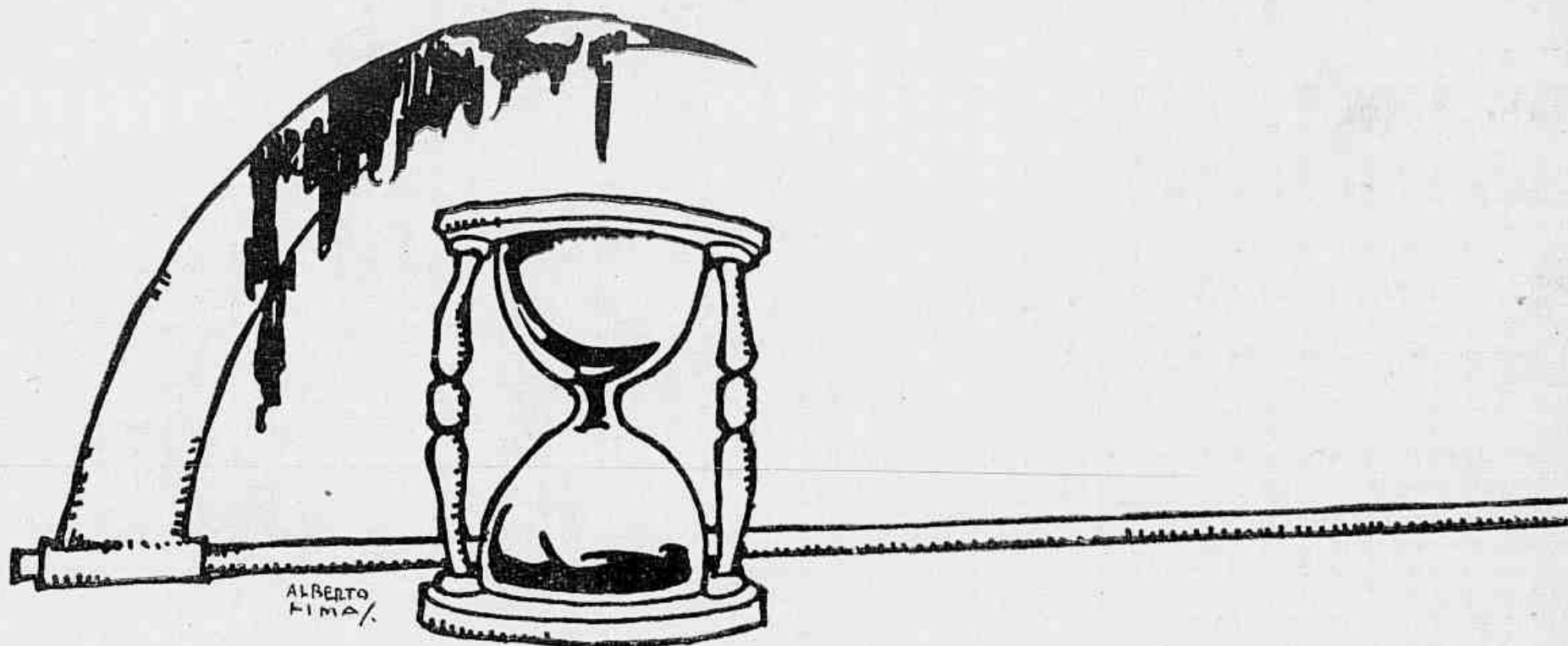


Diálogo com as sombras

Por BERILO NEVES

Revista
da
Semana

ANO XLIV -- N.º 3
16 de Janeiro de 1943



ONTEM, era o Natal e Jesus sorria; hoje, é o Ano Novo, e o Tempo renasce... Deus e o Tempo confundem-se no infinito das suas dimensões e na eternidade da sua duração. O Infinito é a eternidade no espaço, assim como a Eternidade é o infinito no tempo... Um e outro estão acima da Terra, que é um minuto no tempo e um nada no espaço... Os anos são rios que correm para um oceano que não tem nome... E, no fim, como distinguir no tumulto coletivo das ondas, a alma individual dos rios?...

O' mortos, que vos fostes para o lugar de onde nunca mais se volta, tenho o meu pensamento convosco neste limiar do ano e nesta transição do tempo! Quanta diferença vai do que fostes ao que sois! Tinheis desejos e amáveis, tinheis ambições e sentieis! O Mundo era pequeno para vos conter, porque o vosso cérebro abarcava o Infinito, assim como os braços de um pai abarcam e envolvem um filho muito amado... E, todavia, hoje sois sombras que erram e lembranças que flutuam. Sois tudo ou sois nada, conforme vos recordam, ou não, os que vos amavam em vida... Tudo se acabou para vós, *porque tudo se acaba com a morte, até a própria morte* — disse o padre Vieira.

Apagou-se a chama que vos alumia, extinguiu-se o fogo que vos aquecia. Volvestes ao seio da terra, laboratório universal onde se processa a fábrica misteriosa das feras e se tece o corpo virginal das flores. Sois pó, amanhã, sereis árvores ou pedra, cedro ou granito... Estareis no pavimento das catedrais, no leito dos noivos ou no ataúde de outros mortos... Sereis chama ou raiz, pensamento ou legume, gênio que pensa ou água que corre... O ciclo vegetativo das matérias químicas é invariável como as leis físicas que presidem à gestação dos mundos... De nós, que fica na terra, senão a imagem no coração dos que nos amam, ou o exemplo na memória do que praticámos?

Quantos, ao iniciar-se o ano velho, fizeram projetos de amores novos, riquezas maiores e triunfos mais altos? Este quis reformar a sua casa, aquele pretendeu aumentar a sua fazenda, outro imaginou apor o nome a obras ilustres, que lh'o guardassem para exemplo e contemplação das gerações vindouras... Este vaticinou-se a si mesmo deleites de Venus, aquele figurou-se mimoso de Minerva e valido dos deuses olímpicos... E todos se foram para aquela morada sombria, onde o homem se identifica à pedra, e o orgulho mais melindroso se une ao barro mais pobre e mais frio!

O' mortos, por que não buscastes, no exemplo de outros mortos, motivo para emenda própria? Por que vos fiastes do Tempo, que é o mais volúvel dos deuses, e o mais infiel dos amigos? O Amor, a Morte e o Tempo enganam-nos muitas vezes e traem-nos quase sempre. Uns e outros são aliados, porque o Amor nos deixa antes de tempo, e a Morte com frequência, nos leva o Amor e o Tempo... A quantos fraudou o Tempo, roubando-lhes prematuramente a Vida, e a quantos enganou o Amor, tirando-lhes, impiedosamente, a Esperança?

O Tempo compraz-se em dar longevidade aos desgraçados, e em cortar cerce a vida aos venturosos. Todo o tempo é curto para os mimosos da fortuna, e todo tempo é longo para os esquecidos dos deuses... Sempre haverá distinção entre os homens, pois que sempre os tratará de modo diverso o Tempo, o Amor ou a Morte...

O Ano Novo é um apelo do homem ingênuo à Eternidade impassível. Para alguns, ele será o Ano Bom, para outros, o Ano Terrível, e para quase todos, um ano igual aos outros anos... Não trará remédio aos incuráveis, nem esperança aos desesperados, nem vida aos mortos... Apenas será um elo a mais, chumbado na interminável cadeia dos tempos, um grão de areia que a Eternidade arrojará às praias do Infinito... Essa é a realidade do Tempo, e o desengano dos homens...

Mais vale não esperar nada do que sonhar com o sol e virem as trevas, almejar a aurora do dia e virem as sombras da noite...

O Tempo é uma ficção que une duas realidades: o berço e o túmulo, o ser e o não ser. Para quem do princípio e para além do fim, há pontos de interrogação que se elevam às nuvens do Céu e se prendem às profundezas da Terra...

O Homem é um enigma que chora e reza. O Nada é um absurdo filosófico, mas o túmulo é um argumento feito de silêncio e sombra... Os que perderam o filho querido, ou o pai extremo, ou apenas um amigo dileto — encaram a Morte a frio, mas não ousam olhar face a face do Tempo... Porque o Tempo é a imagem do imprevisto, a alma da dúvida, o germe da inquietação universal...

Do Tempo se alimenta a imortalidade dos gênios e se tece a coroa dos santos, com o Tempo se arquitetam os impérios e se consomem as civilizações, com o Tempo se fez Roma, e com o tempo se destrói Cartago, sem o Tempo, nem a Vida tem sentido, nem a esperança tem forma.

Eis por que o Ano Novo deve ser recebido, não com festa, mas em oração... Cabe a Deus o fazê-lo dadivoso ou ingrato, benéfico ou trágico, munificente ou mesquinho. Nada existe sem Ele. O Amor que Ele não abençoa é maldição, e a vida que não bendiz — é tortura...

Desabrochem, pois, as flores rescentes da Esperança e fale Antero de Quental, o maior filósofo dentre os poetas de nossa língua e o maior poeta dos nossos filósofos:

"E A MIM, QUE ASPIRO A ELE, A MIM, QUE O CHAMO,
QUE ANSEIO POR MAIS VIDA E MAIOR BRILHO,
HÁ DE NEGAR-ME O TERMO DESTA ANSEIO?

BUSCOU QUEM O NÃO QUIS! E A MIM, QUE O CHAMO,
HÁ DE FUGIR-ME COMO A INGRATO FILHO?
O' DEUS, MEU PAI E ABRIGO: ESPERO!... EU CREIO!..."

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píslulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píslulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 3\$000.

O programa da borracha sintética nos Estados Unidos

A produção da borracha sintética tipo Buna S, o melhor e o mais barato substituto da borracha natural até agora descoberto para a fabricação de pneus, compreende três operações distintas. De acordo com o programa delineado pelo Governo dos Estados Unidos para a produção de 700.000 toneladas inglesas por ano desse tipo de borracha, cada operação será executada por uma espécie de indústria. Os dois compostos usados na fabricação de Buna S são « styrene » e « butadiene ». Ambos estes produtos químicos podem ser feitos de várias maneiras e de diversas matérias primas. As companhias químicas estão encarregadas de produzir « styrene ». De outubro de 1942 a agosto de 1943, deverão estar construídas 13 fábricas para a produção desse composto. O custo de « styrene » é estimado em cerca de 20 centavos a libra-peso. « Butadiene » pode ser feita de carvão de pedra e de cal, de petróleo e de cereais. Segundo o programa em andamento, 70% serão fabricados de petróleo e o restante de cereais. Quando fabricada de petróleo em grandes estabelecimentos, o custo de « butadiene » fica em 10 centavos a libra, mas quando feita de cereais o custo é muito mais alto, dependendo, naturalmente, do custo do produto agrícola. A mistura ou a polimerização de « styrene » e « butadiene » para produção da Buna S será feita nas fábricas de produção de borracha, ora em construção. O custo da Buna S é estimado em 20 centavos a libra. O financiamento do programa de borracha sintética está sendo feito pelo Governo Americano. A princípio, estimou-se que o custo da realização desse programa ficasse em... \$ 750.000.000, porém, com o aperfeiçoamento do desenho das fábricas e da técnica, desenvolvida desde então, é provável que não exceda de \$500.000.000.

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo,
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações da asma, como dispnéas, influências, defluxos, bronquites, catarrhos agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocadora, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogarias
Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

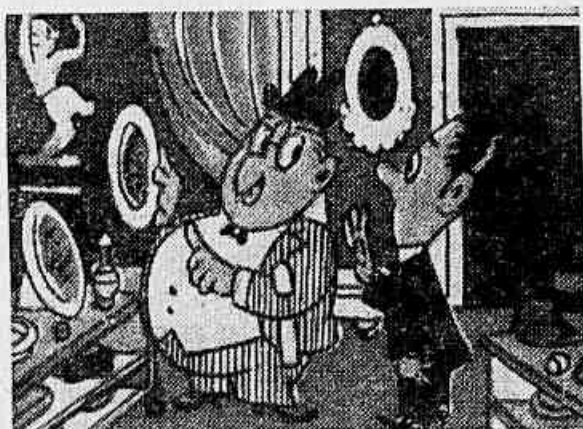
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

Outros Riram...



— E o senhor garante que estas porcelanas são autênticas de Sévres?
— Como não, doutor! Somos nós mesmos que as fabricamos!



— Acha que poderei vir a jogar bem o golf?
— Como não? Se tiver vida bastante para isso...



— Poz o termômetro?
— Várias vezes, doutor. Mas ele continuou a tossir na mesma...



— Poderia indicar-me, cara amiga, o melhor meio de limpar tapetes?
— Meu marido.



— Venho afinar o piano.
— Mas eu não o chamei...
— Foram os seus vizinhos que mandaram fazer o serviço.



— Do que realmente precisamos é da completa união nacional.
— Apoiado! Olhe eu, se fosse Governo, começava por suprimir os generais de divisão.



— Ha seis meses não falo com minha mulher.
— Estão brigados?
— Não. E' para não a interromper.



— Hoje saio com um dos meninos.
— Qual deles?
— O que for melhor com o meu vestido beige.

Nossa Capa

A linda norueguesa que enfeitava hoje a capa da REVISTA DA SEMANA completa maravilhosamente a sensacional parada de noivas deste numero.

Com o seu bolero escuro, cravejado de bordados, o seu diadema de fabulosos ornatos, a festa de cores do rosto sadio e bonito, acostumado aos beijos do vento polar e à



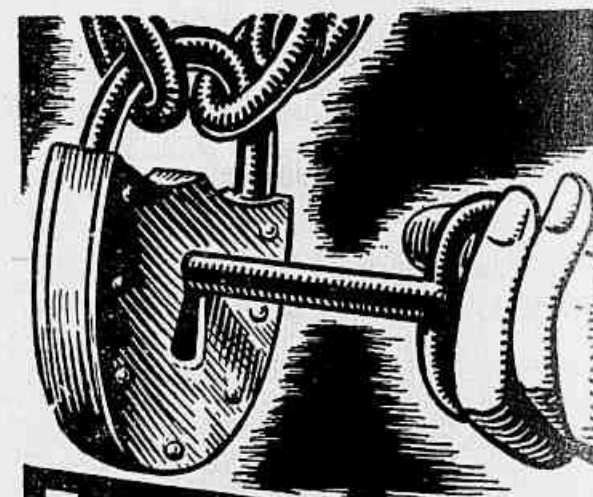
gostosa ardência do sol da meia noite, esta pequena das montanhas do país de Knut Hansum vale pela melhor sugestão para uma fantasia de baile a caráter. No entanto, seu traje tem talvez dois séculos, e vem passando de geração a geração de camponesas, para a cerimônia nupcial que as iguala às noivas de todo o mundo, na realização do sonho mais doce da mulher.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A

PRISÃO DE VENTRE

E NORMALISA AS

FUNÇÕES DO TUBO

DIGESTIVO



T. T. T. T. T.



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES

ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio

TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Poco enviar-me prospectos!

Nome: _____ Endereço: _____

A Z R E G

Conto do escritor arabe Sliman Ben Ibrahim

EM árabe a mesma palavra significa cidadela e cavalo. E' que, para o cavaleiro, o cavalo constitue uma verdadeira fortaleza. A bala, passando entre as ameias formadas pelas orelhas da montaria, vai alcançar o inimigo, enquanto que o cavaleiro anda protegido pela própria velocidade da corrida!

Aquele baluarte é edificado no vento e caminha com a rapidez do relâmpago. E o coração do cavalo foi animado pelo Altíssimo de sentimentos semelhantes aos do coração do homem para o qual ele deve ser um companheiro inseparável.

Ben Merzoug recebeu o apelido de Ben Aoudá, Filho da Egua, porque sua mãe, apenas o desmamou, o confiou ao lombo duma égua que passou a carregá-lo e a embalá-lo carinhosamente. E, antes de saber andar com firmeza, já o menino era um cavaleiro consumado.

Mais tarde, chegado à idade de homem, Ben Merzoug, montado no seu fiel Azreg, cujo pelo imitava o cinzento azulado das pedras dos rios, tornou-se célebre pelas suas proezas em todo o Hodna, onde, em verdade, não faltam garbosos e intrépidos cavaleiros.

Era vê-lo, firme nos estribos, no exercício chamado "jogo da pólvora", passando como uma aparição e provocando com a sua audácia os gritos das mulheres entusiasmadas. Era vê-lo, quando sabia que a esbelta Ferahoha, sua prima, o acompanhava com o olhar, afastando os panos do palanquim. E também Azreg sentia fitos nele os olhos da apaixonada do seu dono e deixava a grande distância todos os cavalos para, vitorioso, ir ajoelhar-se aos pés da formosa criatura.

Outras vezes Azreg, levava o dono a caçadas sensacionais ou às miragens perturbadoras das estradas do deserto.

Achavam-se nas imediações de Mdoukal, na época em que os peregrinos se juntam para visitar o túmulo de Sidi Mohammed el Hadj, quando os alcançou uma carta remetida de Bou Sâada, a terra da prima.

"Molha a tua cabeça no Mdoukal — escreviam-lhe — e não demores a voltar a Bou Sâada se quizeres tornar a ver tua prima antes de ela descer à terra e desaparecer para sempre."

Apavorado com tal noticia, Ben Merzoug selou, apressadamente o cavalo e disse-lhe:

— Aproveita a noite, Azreg!

E o cavalo respondeu:

— Meu dono, estarás em Bou Sâada antes de romper o dia, ou eu deixarei de ser Azreg, o Rinchador!

Com efeito, lá chegaram, tendo vencido duas longas etapas numa só noite. Ainda a luz do sol se não tinha estendido como tapete de ouro à porta de Ferahoha quando o cavalo rinchou e a moribunda, soerguendo o busto, gemeu:

— Ouço Azreg que vem chegando...

Incrédulo, o irmão de Ferahoha precipitou-se para fóra e ao dar, estupefacto, com Ben Merzoug, perguntou-lhe:

— Como pudeste vir tão depressa? Pelas estradas da terra ou pelas dos ares?

— Louva Azreg que encurta as longas distâncias e ocupa-te dele em vez de pensares em mim.

Reconhecido, Ben Merzoug beijou o cavalo na estrela branca que ele tinha na testa e confiou-o ao outro homem.

Quando os seus olhos encontraram os de Ferahoha, a doente fez um esforço para se erguer mas tombou, exausta. Ben Merzoug levantou-lhe a cabeça, apoiou-a contra o peito e disse:

— Todas as criaturas teem que pagar o seu tributo à enfermidade, mas a primavera volta, trazendo novas forças a todos os seres animados, e muito breve, se Deus quizer, viajaremos juntos, Ferahoha! Respiraremos o ar vivificante das grandes planícies, tu embalada no teu palanquim de cortinas vistosas, eu montado no fiel Azreg, e os cascos dos nossos animais pizarão tapetes de flores embalsamadas. Mas, neste momento, não te lembras dalguma iguaria que possa restaurar as forças do teu corpo?

— Queria uma carne que tu mesmo caçasses... murmurou a doente.

Sem sentir a necessidade de descansar um momento depois de tão longa caminhada, Ben Merzoug selou Azreg ainda coberto de espuma, pediu-lhe novo esforço e ao montar disse à prima:

— Fica descansada que eu te trarei essa carne impregnada dos aromas saharianos.

Partiu. Mal, porém, saía da cidade, avistou um corvo que voava, crocitando; e apertou-se-lhe o coração, porque essa ave sombria tem fama de separar os que se amam.

Em breve uma cinta de colinas onde a caça abundava cercou o cavaleiro; as emoções cinegéticas o empolgaram; e a sua espingarda abateu tantas perdizes que lhe não couberam na bolsa amarrada à cinta.

Tomou então Ben Merzoug o caminho da volta. Encontrou um pastor que acabava de apanhar uma Rim, graciosa gazela branca dos areiais, cujos olhos suplicantes lhe lembraram os grandes olhos negros de Ferahoha.

Tal recordação encheu de lágrimas os olhos de Ben Merzoug que ofereceu ao pastor duas possantes camelas em troca da Rim novinha ainda e que tremia de medo. E efetuada a troca, soltou a gazela, dizendo:

— Sê livre, em honra daquela a quem te assemelhas!

A' entrada da cidade, a estrada ladeia o cemitério do Norte. E Ben Merzoug avistou uma sepultura cavada de fresco. Pelas três pedras erguidas ao lado, viu que era uma sepultura de mulher. Trágico presentimento o assaltou de novo. E o seu coração bateu com força — porque o coração recebe as notícias antes que os olhos e os ouvidos delas tenham conhecimento...

O cavaleiro dirigiu-se a casa de Ferahoha. Uma chusma de mendigos se agitava junto à porta, esperando a refeição que é costume oferecerem-lhes da parte dos que acabam de passar deste para o outro mundo. Abandonaram-no as forças. Escorregou do cavalo que se inclinara para o depor suavemente no chão. E gemeu:

— O mundo tornou-se para mim mais estreito que o anel do meu dedo. Só a sepultura é bastante larga para conter o meu desespero!

Subitamente ouviu-se um relincho lúgubre, tão agudo, tão violento que fez estremecer as próprias paredes; e Azreg, depois de haver fustigado com a pata, raivosamente, a terra maldita que arrebatara o tesouro único do seu dono neste mundo, caiu morto.

Azreg era a energia, a coragem do cavaleiro. Não podia continuar a viver. Que ficaria ele fazendo na Terra, donde partira aquela que inspirava tão nobre paixão?

Ben Merzoug amortiou o seu grande amigo num magnífico lençol de seda, cuja côr vermelha simbolizava as alegrias passadas. Depois de haver dito adeus à sua própria coragem envolta naquela mortalha, foi se deitar na outra sepultura, onde já estava o seu coração. E, quando o vieram buscar encontraram apenas um corpo sem coração, sem sopro de energia e que a terra ávida e implacavelmente reclamava.

PILULAS DE FOSTER
Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinárias e no tratamento da uricemia e suas manifestações.

DORES LOMBARES



São sinais evidentes de fraqueza e morosidade dos rins. Convém atendê-los quanto antes. Dores lombares, dores do reumatismo gotoso, irregularidades na bexiga, são também sintomas comuns de que os rins não estão funcionando como devem e que estão necessitando de um socorro diurético. As PILULAS DE FOSTER auxiliam aos rins, fazendo-os retirar do sangue todos os venenos perturbadores da saúde. Nas enfermidades dos rins e da bexiga usem as PILULAS DE FOSTER.

PILULAS DE FOSTER
PARA OS RINS E A BEXIGA

Anúncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 197 em 2.4.41

MOYSE'S

DUEK

TAMBÉM SOU ASSIM...

UMA frase me vem á lembrança sempre que lamento a minha trivialidade. E' de Dwight Moody e diz: « Nunca encontrei um homem que me perturbasse tanto quanto eu mesmo ».

Realmente, ela se aplica ás mil maravilhas ao meu caso. Se não fosse aquele meu escrupulo, hoje seria eu um figurão. Muitas vezes me lamento por isso; mas, em momentos de felicidade - que sempre os tenho - rejubilo-me com tal vulgaridade.

Nem com Ana converso a este respeito. Mas vou lhes contar agora tudo e depois vocês me dirão o que

pensam do caso. Quanto a mim, ainda não pude concluir definitivamente se foi para meu bem ou para meu mal; mas incumbo-os disso, a vocês, e vou começar a narrativa:

Tinha eu, então, os meus vinte e cinco anos. Todos os que se distanciaram consideravelmente dessa idade sabem o que ela significa. Os adolescentes acham que, quando lá chegarem, já estarão velhos... Os velhos, porém, afirmam que só então viveram, como agora se diz, cem por cento. Os que estão no quarto do século acham que tem o mundo nas mãos e tem, realmente. A questão é que não sabem o que fazer dêle...

Não fui exceção da regra. Acabando de me formar em Direito, persuadi-me de que ninguém poderia ser mais feliz do que eu. Olhava-me ao espelho e ficava satisfeitiíssimo. Alisava o bigode louro e fino, examinava os meus olhos azuis, claros como pedras sem jaça; contemplava os cabelos fartos que me levaram a compôr versos mesmo sem inspiração - e sorria. E, olhando o meu sorriso ao espelho, mais ainda me regosijava. Que dentes! Que regularidade, que brilho, que alvura! (Um colega meu, filho dum fabricante de dentifricios, quis que me deixasse fotografar, para reclame do estabelecimento). Isso, quanto ao fisico. E quanto á inteligencia, igualmente me considerava privilegiado. E' certo que não primava pelo estudo nem pela profundidade na ciência do Direito, mas fazia-me notar pela compreensão clara e imediata das matérias. Sabia, além disso, conversar e palestrar como poucos. Seria capaz de persuadir o maior teimoso da Terra de que o branco era preto... A minha palestra primava pelo colorido das imagens, assim como pela justeza das expressões. Como ninguém, eu sabia encaixar um provérbio ou uma pilhéria em relação com o assunto. Entre os colegas tornára-me um elemento indispensável; e na pensão onde morava deleitava as moças com as minhas histórias. Havia sempre um grupinho em volta de mim; e ás vezes chegavam-me aos ouvidos comentários deste gênero:

—Fala bonito!... Oh, bicho para falar!

Além disso, a minha família, se bem que não contasse nenhum membro na política ou em qualquer academia, era citada e gosava de verdadeiro prestígio pela sua honradez tradicional...

Com todos estes predícos, eu me sentia um príncipe a quem não faltariam princesas desejosas de lhe participar do trono. Em cada moça via uma candidata. Em cada obstáculo para os outros, via para mim uma ditosa possibilidade.

Com o dêdo enriquecido pelo emblema de doutor em leis, penetrei nos salões confiantemente. Hoje estava no seio da família dum senador, amanhã no lar, não menos ilustre, dum general... E assim, positivamente, conquistava a sociedade.

Comecei, porém, a andar apreensivo, porque a minha carreira de advogado não correspondia ao meu êxito mundano. O meu escritório parecia condenado a ficar eternamente ás moscas. Por que? Como explicar tal fenomeno? Ter-se-ia realizado o sonho dos utopistas da confraternização universal? Ter-se-iam conciliado, de repente, todos os maniacos da demanda e da querela? Iriam acabar os tribunais? Mas, refletindo melhor, concluía que em tal terreno nada mudara. Os homens não davam tréguas aos seus semelhantes. As contendas e as corrupções prosseguiram na sua marcha hedionda, começada há séculos, há milênios. Ao recinto dos tribunais continuavam a chegar os infratores das leis, os seus acusadores e os seus defensores. Realmente eu sentia aquela tragédia que abala todos os entusiasmos iniciais: a dificuldade, a aparente impossibilidade do principio das carreiras.

A' mês do trabalho, impecavelmente arrumada, sempre florida, enquanto esperava os clientes que não vinham, passava horas imensamente amarguradas. Era o fracasso que via á minha frente. A coragem se transformava em pavor diante da realidade implacável dos fatos; e o entusiasmo fantasista - traidor! - fôra o primeiro a abandonar-me. Sentia-me como um glutão sentado diante duma mês magnificamente posta, mas onde faltassem as iguarias. As travessas sem um grão de arroz... De que serviriam os talheres faustosos? Por que tantos copos se nem água havia para substituir o « champagne » dos banquetes?... O caso dêsse infeliz gastrônomo seria exatamente o meu. De que valia o belo diploma em pergaminho, com rica moldura e em tão grande destaque na parede? Ninguém me dava causas...

...E os dias iam passando. Já me não restava a menor duvida quanto á minha falência profissional. Porisso tive que deixar o apartamento e voltar á pensão do tempo de estudante.

O mesmo quarto me aguardava. Voltar, vencido, para o ninho dos meus ideais... Olhava a mês pobre, os outros móveis baratos, e o coração se me fazia negro como a noite. Recordava o pensamento de Salvador de Madriaga: « Um idealista precisa de ser realista ou os seus ideais se tornarão ilusões ». Mas não fôra

eu realista? Não era perfeitamente possível, razoável, tudo o que planejava? Não me permitia aquele presente esperar um bom futuro? - Rolava a cabeça pelo travesseiro, sem poder adormecer, e de repente abria os olhos. Aquele quarto tornava-me ainda mais infeliz. Fôra olhando aquele guarda-roupa ordinário, com a porta empenada, que idealizara uma mobília pomposa e de estilo. Fôra olhando aquela pálida oleografia que concebêra a ambição de possuir télas de Renoir, Manet, Maxence... Fôra sob a luz daquele ridiculo e insignificante « abat-jour » amarrado em duas partes com barbante que imaginára um lustre suntuoso...

Os dias se sucederam cada vez mais melancolicamente até áquele em que vim a conhecer certa moça. Era filha dum industrial recentemente e rapidamente enriquecido. As suas mãos pareciam pesadas de tantas gêmas que traziam nos dêdos. O brilho dos cabelos se desvanecia junto ao esplendor dos brilhantes que cintilavam nos lóbos das orelhas. O peito, que talvez dêsse uma impressão encantadora se o adornasse um véu singelo, esmorecia, quasi morria sob a ostentação fulgurante das joias.

E foi essa criatura que se apaixonou por mim! Tive pena dela. Aspirava o cheiro do meu cabelo, passava a face pelo meu rosto, apertava as minhas mãos entre as suas, que tremiam como rolas enternecidas acomodando-se no ninho...

Fôra a primeira mulher que devêras gostou de mim. Afirmava que se tornaria escrava de minha vontade e que sem mim não poderia viver... Lembro-me que de volta das nossas entrevistas, eu pensava, pensava, não para concluir se de fato a amava ou não, mas para saber ao certo o que devia fazer. Decididamente, não era a companheira que me estava indicada. O seu olhar dava-me a impressão daquilo que sentiriam as donzelas amarradas aos postes dos mercados de escravos... E isso me repugnava. O que eu procurava não era uma escrava e sim uma esposa com quem pudesse estudar e discutir a vida, deliberar e agir em certos momentos... Queria uma mulher que, ás vezes, me fizesse imaginar que a perdêra e me obrigasse a reconquistá-la... E a essas exigências absolutamente Célia não correspondia.

Não sei bem como, um dia, consegui dizer-lhe que não nos poderíamos casar. Vi-a empalidecer, segurar-me pelos ombros, humilhar-se para me dizer, numa supplica:

—Não podes fazer isso, querido, não podes!

Olhou-me muito, beijou-me nos olhos, sem que eu correspondesse a semelhante ternura; e então, desatou em pranto. Deixei-a chorar. Sabia que lhe faria bem. Enquanto isso, passava-lhe fraternalmente a mão pelos cabelos até que, vendo-a mais calma, lhe observei:

—Precisas de compreender, querida. Não poderíamos ser felizes... Não nascemos um para o outro. Os nossos mundos são diferentes. Encontrarás, com certeza, outro rapaz que fará a tua felicidade...

Falei-lhe assim, porque me repugnava casar com a sua fortuna. Olhava tal casamento como uma traição a mim próprio. Onde estavam os meus ideais? Onde ficava a minha dignidade, o meu brio? Onde?... Foram os escrupulos que me levaram para longe de Célia, longe do escritório deserto, longe da cidade impiedosa, longe dos meus anêlos irrealizáveis...

Parti para a fazenda de meus pais. Fui á procura do sossego e da simplicidade da roça. Passava os dias em andadas pelos campos e montes das redondezas. E foi numa dessas caminhadas que encontrei Ana. Vê-la foi ficar cativo. Não da sua beleza. Nem propriamente da sua mocidade... O que me seduziu foi talvez o contraste que ela formava com a figura e os modos de Célia. Quando a vi pela primeira vez, Ana ordenhava uma vaca preta. Sem saber porque, achei-a admirável. Aproximei-me da porteira e cumprimentei-a. Olhou-me, respondeu-me muito de leve e continuou no trabalho. Depois, como eu insistisse em conversar, explicou-me singelamente:

—Rita é a mais difícil de todas...

De fato, Rita estava irrequieta.

—Quer vir ajudar-me?

Senti-me embaraçado, mas, procurando ser o mais natural possível, abri a porteira, aproximei-me da vaca, segurei-a pelas ancas. E encabulei devêras quando a moça me observou alegremente:

—Meu Deus, como o senhor é desajeitado!

Ajudei-a, naquela tarde, a ordenhar Rita; e desde aquele dia, ela me ajudou a viver. Casámo-nos. Saiu-se uma companheira admirável. Os seus conselhos valem ouro. E como fazendeiro, que me tornei, é por ela que me guio.

A's vezes, porém, fico triste. Vejo em mim o advogado que fálhou. Dá-se isto, geralmente, nas noites de luar, porque o brilho das estrelas me recorda as joias de Célia e o esplendor da existência que ela me poderia proporcionar. Nesses instantes, a mim próprio me repto a frase de Dwight Moody: « Nunca encontrei um homem que me perturbasse tanto quanto eu mesmo ».

E é a pura verdade.

A SEMANA EM REVISTA



ULTIMO CAPITULO — Quem não se lembra do *Graf Spee*, essa belonave alemã que se incendiou espetacularmente, próximo ao nosso continente, após um violento combate? E devem recordar-se, também, do salvamento da tripulação, do suicídio do comandante, da fuga de alguns membros da marinhagem, depois de internados, e possivelmente de outros incidentes que não nos ocorrem no momento.

Quando julgávamos, porém, que tudo houvesse acabado e que o drama pertencesse em definitivo ao passado, eis um novo acontecimento, superpondo-se aos outros e enriquecendo a crônica do malogrado vaso de guerra. Alguns marujos internados, desejaram contrair núpcias com argentinas. Houve uma proibição do adido naval do Reich no país. Inútil. O amor vence tudo. Acabaram casando mesmo. Por isso e por outras coisas perderam sua condição especial de combatentes e estão agora submetidos exclusivamente às leis argentinas.

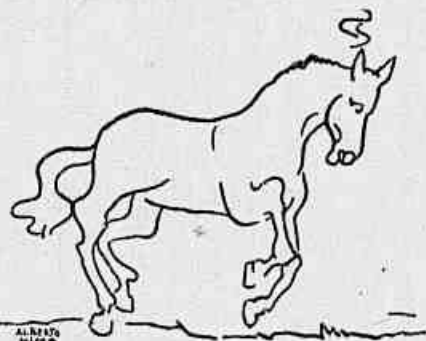


VARA DE MARMELO — João Alves de Lima é um desses casos excepcionais de alguém que consegue suportar a existência por mais de cem anos. O rapaz já chegou aos 102. E chegou até aí lépido, com bons dentes bem disposto, e otimista. Ha dias tomou o elevador do Palácio da Justiça; interpelado sobre o andar, respondeu que iria para "qualquer um". Fôra ali buscar justiça e presumia encontrá-la naquela casa, em todos os andares. O cabineiro insistiu de outro modo — "que vara?" "Vara de marmelo, se pode ser..." E parece que podia, porque o homem acabou atingindo as fontes alme-jadas. Era paraibano, careca, teimoso, chegara ao Rio em 1900 e agora queria voltar à sua Terra, para morrer. Desejava, pois, vender uma casinha, de modo a custear a viagem; para obter a necessária autorização é que bateu às portas da Justiça.

FLÁVIO

ELES, OS CAVALOS — Dentre os animais que se aproximaram do homem, nenhum outro atingiu a situação que desfruta o cavalo. E' realmente invejável. Nas propriedades agrícolas ele classifica os seus donos. A jerarquia do homem revela-se pelo porte do animal. Nas cidades, as competições hípias fascinam as elites, movimentam os milionários, empolgam as multidões. E os bichos são bem tratados, bem nutridos, melhor do que muito pobre coitado de dois pés.

Acabamos de ler uma notícia, segundo a qual o diretor do Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização autorizou alguns senhores a fazerem o seguro de vida dos seus animais. Cavalos no seguro! Centenas de milhares de cruzeiros pela vida deles! Isto é deveras importante, conhecendo-se o preço hoje atribuído às vidas humanas, nos teatros da guerra.



UMA EXISTENCIA DE REALIZAÇÕES



A 6 de Novembro de 1892 deixava o porto de Leixões, em demanda do Brasil, o navio inglês "Tagus". Como tantos outros que se lançaram às águas do Atlântico em busca da "Terra da Promissão", também o "Tagus" trazia em seu bojo um jovem português cheio de ousadia, esperanças e ambições... que seriam, felizmente, realizadas.

Era Bento d'Andrade Lemos. Desde então a sua vida se transformou num exemplo raro de perseverança e amor ao trabalho.

Começando pelos cargos mais modestos, certo de que o trabalho, em todos os setores, sempre eleva e nunca rebaixa aqueles que o procuram, o jovem de então empregou-se num escritório de café, sonhando com o tempo em que viria a ser, ele próprio, o dono de uma casa igual. E com esse fito principiou a trabalhar sem desfalecimentos.

Em 1895 começou a viajar para importantes estabelecimentos, tais como as firmas Coelho Duarte & Cia. e Miranda Junior.

Aos 22 anos de idade contraiu núpcias, em Conceição de Macabú, com D. Maria Julia Gomes de Lemos, filha do Cel. Guilherme Oliveira Gomes, a 5 de Junho de 1902.

Já em plena atividade comercial, apesar da pouca idade era sócio da firma Valentim Freire & Cia., uma das mais importantes daquela época no Estado do Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, vendo que o meio ali já não poderia comportar o volume de suas atividades, resolveu voltar ao Rio, onde novamente ingressou no comércio do café.

Realizou então o sonho de sua juventude: estabeleceu sua própria casa a 15 de Dezembro de 1910, estabelecimento que foi em sua época um dos mais importantes do Rio - verdadeiro banco da lavoura de diversas zonas do Estado de Minas, Espírito Santo e Rio de Janeiro, onde em diversos pontos recebia a quase totalidade do café produzido.

Completo o sr. Bento d'Andrade Lemos, a 25 de Novembro p. passado, 50 anos de sua estadia no Brasil, onde tem prestado reais serviços, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, no qual agiu e trabalhou sempre. Está remodelando atualmente Conceição de Macabú, que em 1905 já o havia sagrado seu maior benfeitor.

E assim o jovem português que viajou um dia a bordo do "Tagus" veio a ser com o correr dos tempos presidente do ex-Club Atlantico em Copacabana; diretor da Associação dos Empregados do Comercio e Diretor do Centro Transmontano. Fundou também a Fábrica de sacos de Anagem para Café, sob a firma de Oliveira, Lemos & Cia., a mais importante no ramo.

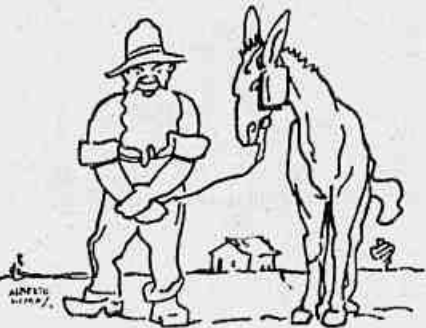
Atualmente o sr. Bento d'Andrade Lemos, como tantos outros portugueses ilustres que se radicaram entre nós, é um cidadão de duas pátrias, dentre as quais não sabe a qual dê preferência: "si a Portugal, tumulto de seus pais, ou si ao Brasil, berço de seus filhos".



APROXIMA-SE O CARNAVAL — Muita coisa já se disse sobre o carnaval de 1943 inclusive que se não realizaria. Por isso o público esteve inquieto, as turmas do samba aguardaram, numa expectativa verdadeiramente angustiosa, notícias mais positivas, relativas à festa de Momo. Tais notícias chegaram de repente, nem se sabe de onde. Surgiram espontaneamente, como se brotassem de uma convicção íntima, coletiva, de que não pode deixar de haver carnaval.

Integrando três sensibilidades diversas, sempre tivemos no carnaval uma válvula de escape dos entusiasmos recalcados, uma possibilidade de mistura das etnias. Pode-se até atribuir a ele uma função sociológica notável, mantendo um equilíbrio energético nas subpopulações urbanas. O samba, ainda que pareça paradoxal, é um elemento da ordem pública e não podia ser desprezado num momento em que ela é tão necessária.

No entanto, esse carnaval de agora, em plena guerra, pode nos sugerir perguntas curiosas. Como irá comportar-se o povo? Com a mesma animação, o mesmo delírio? — Ou será um carnaval amargurado, um carnaval de guerra?



TROCADO POR UM BURRO — Custódio Aleixo, com os seus 120 anos de idade, teve por assim dizer uma vida acidentada. Veio da Bania para São Paulo, na época em que a lavoura paulista, aurorescente, procurou naquele entreposto formidável de braços, os futuros elementos construtores de sua grandeza. Assim, este escravo viveu bem um capítulo de nossa história econômica — o êxodo para o Sul. Conheceu as emoções do cativo — e as da Abolição. Teve duas esposas e desenove filhos. Presenciou os fatos mais notáveis da História do Brasil, relatando tudo com as tintas vivas de quem foi espectador dos fatos. Entrevistado pelos jornais, em Sorocaba, disse que não havia sido comprado e sim trocado por um burro. Preço que muitos homens ainda deviam ter hoje, pregado numa etiqueta e dependurado na testa...



NEM SO PARA BEBIDAS SERVEM AS GARRAFAS — Ainda que muita gente não saiba, existe um Clube Internacional da Garrafa. E não se trata absolutamente de uma agremiação de bebedores. Longe disto. E' uma organização de fraternidade humana. Espécie de Liga das Nações. Acho que ninguém entendeu. Pois explicarei melhor. A ideia surgiu em 1926, quando um veterano da guerra, o coronel australiano Edward Bailev, lançou de um navio em viagem pelo Pacífico, as primeiras garrafas contendo mensagens gravadas em vários idiomas. Anos depois teve notícias de que chegaram a portos diversos, ao Alaska, ao México, à África. Depois, os que recolheram a mensagem responderam aí nasceu o esporte. Já houve uma garrafa, lançada em Honolulu que foi parar — sete anos após — em Angola. Agora uma outra aportou no Recife, vinda do Missouri, nos Estados Unidos. Dois aspectos podem ser analisados à primeira vista nesta história; primeiro a paciência, em seguida a segurança do meio de transporte. De fato, nestes tempos de guerra, a garrafa é a mala postal marítima que oferece a maior soma de segurança. Usemo-la pois!

O COMERCIO E A INDUSTRIA DE CUTELARIA NO BRASIL

A nossa importação de canivetes, facas, navalhas, tesouras, facões de mato e ferramentas grossas em 1939 somou 4.380 contos, caindo para cerca de metade desse valor, tanto em 1940, como nos onze primeiros meses de 1941. Isso importa em dizer que diminuiu de forma sensível a evasão de ouro brasileiro que se destinava à aquisição dessas utilidades nas praças do exterior. O motivo deve residir, em parte, no fechamento de algumas fontes habituais de suprimento e, por outro lado, no desenvolvimento desse ramo da indústria brasileira, se não nas duas razões conjugadas. Como quer que seja, é grato comprovar mais essa emancipação. Nossa exportação das mercadorias desse grupo começou efetivamente em 1940, quando somou 1.324 contos, contra somente 80 contos em 1939, isto é 64 contos de facas e 16 de ferramentas grossas e ferros de engomar. Para compensar os 204 contos de canivetes importados em 1940, exportamos nesse ano 67 contos do artigo nacional, fornecidos na maior parte pela manufatura paulista, e destinados em quotas iguais à Argentina e à Colômbia.

Quanto às facas, sensivelmente maior foi a nossa realização. Importamos, ainda em 1940, cerca de 611 contos, sendo 80% com destino à Argentina 10% para o Chile e os outros 10% para a Colômbia, Equador, Peru e Paraguai, juntos. O artigo brasileiro procedeu, na proporção de 75% de fábricas do Estado do Rio Grande do Sul e na de 25% da indústria paulistana.

No que respeita às navalhas e facões de mato, foram relativamente grandes em 1940 as nossas aquisições no exterior: 465 e 513 contos, respectivamente, sem compensação de vendas de artigo nacional. As tesouras figuraram, por igual, nos nossos compromissos cambiais, com 337 contos, contra uma exportação totalmente sul-riograndense, de apenas 47 contos, toda ela para a Argentina. Das ferramentas grossas importamos 51 contos no ano de 1940, mas exportamos pouco menos de 100, sendo 75% para a Bolívia, 10% para a Colômbia e 15% distribuídos entre a Argentina, o Peru e o Uruguai. Foi a indústria de Corumbá que contribuiu com o maior contingente, seguida da de Manaus, figurando Rio, Santos e Jaguarão com fornecimentos representando uns 5%.

Relativamente aos ferros de engomar acionados a carvão, a exportação de 1940, no valor de 3 contos, toda ela efetuada pelo Amazonas, caiu em relação ao ano de 1939, quando atingira 10 contos, da mesma procedência. Foi o Peru o seu maior consumidor, com 50%. A Bolívia absorveu cerca de 25% e a Colômbia outro tanto.

Os maçaricos não apresentam cifras sugestivas, naturalmente por terem sido vendidos em quantidades de ensaio, a julgar pelo valor atingido, ou sejam 6 contos de réis. Comprou-os todos a Argentina, da indústria de São Paulo.

Nossa importação desse grupo de mercadorias, de janeiro a novembro de 1941, somou 2.298 contos, contra uma exportação de 1.400 contos, destinada aos mesmos consignatários do ano anterior, salvo pequenas alterações. O mesmo se pode dizer quanto às zonas do nosso parque industrial de onde saíram os artigos em apreço para o exterior.

Da análise aqui feita se conclui que todos os mercados sul-americanos se acham ao alcance da indústria manufatureira do Brasil mas muito particularmente os da República da Argentina, por se tratar de país muito próximo e populoso, com grande capacidade aquisitiva e onde nossas manufaturas vão logrando grande aceitação.

Feira de câl em búrghos



- O boi... é o ex-touro da botãda. Um quadro humano



Uma "estrela" a pular.



Ilha das inchadas



- Não houve remédio, acabou-se o teu tônico...

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.

Homenagem a Alphonse Daudet

É grato falar dignamente dos mortos que formam parte de nosso passado, de nossa indiscutível posse. É preciso nos resignarmos a admitir que o presente é apenas confusão e que o amanhã pode não vir nunca; de certo, somente o precioso ontem é que não podem arrancar-nos. Dos mortos, grandes e pequenos, é ele que nos torna a vida suportável. Quasi que é preciso acreditar na intenção benevolenta da criação. É uma crença qualquer é bem necessária. O conhecimento real de indagações infinitamente mais profundas que qualquer plano concebível da criação pertence apenas aos mortos. Desse modo, nossos propósitos a seu respeito devem ser tão dignos quanto o seu silêncio. Sua generosidade e sua discreção não merecem menos de nossa parte: eles, que já pertencem ao imutável, desdenham certamente de exigir mais duma humanidade que muda de amores e de odios a cada vinte e cinco anos.

Um dos mais generosos dentre os mortos, Alphonse Daudet, com uma prodigalidade que toca a magnificência, deu-se-nos sem reservas na sua obra, com todas as suas qualidades e os seus defeitos. Nem as suas qualidades nem os seus defeitos estavam acima da mediania, embora não fossem sem dúvida imperceptíveis. Era sua generosidade que saía do comum. O que chama a atenção na sua obra é o desinteresse do autor. Dotado de maior talento do que muitos homens de mais realce, guardou-se sempre de

Um grande romancista francês visto por um grande romancista inglês

Por
JOSEPH CONRAD



ALPHONSE DAUDET

qualquer cabotinismo, nunca procurou convencer a humanidade a respeito de sua própria grandeza. Nunca posou como homem de ciência nem vidente, nem mesmo como profeta: esqueceu seu interesse a ponto de jamais impôr uma teoria destinada a dar uma significação extraordinária à sua arte, num mundo que, por uma estranha falha, não é dotado dum sentido evidente.

Também não adotou uma atitude passiva diante do espetáculo da vida, atitude que, nos deuses, de longe em longe nalgum raro mortal, bem pode parecer divina, mas entre os homens lembra involuntariamente a tranquilidade melancólica dos macacos. Não foi o tedioso defensor de tal ou tal teoria, adotada hoje e rejeitada amanhã. Talvez não fosse um artista; mas Alphonse Daudet, um homem tão ingenuamente claro, honesto e vibrante como o sol de seu torrão natal — este sol, deploravelmente alheio a discriminações, que faz igualmente amadurar as uvas e os limões — não pode, seguramente, merecer a aprovação das pessoas muito inquietadas que olham a vida ao abrigo dum guarda-sol.

Como meridional, ele tinha, naturalmente, uma confiança das mais francas em si mesmo; porém o que o distinguia, e que se poderia deparar a outros muito maiores, era não estar a reboque de nenhuma crença caduca. Era um escritor que podia talvez não forçar a admiração da elite, mas que mereceu numerosos afetos e de quem se pode falar com ternura e quasi com

pena: não se trata dum imortal, porém dum morto. Durante sua vida, esse homem simples, que teria podido entregar-se, em nome da arte, à tarefa de escalar esta ou aquela eminência, contentou-se em permanecer em baixo, na planície, entre as suas personagens e em tomar uma parte íntima nesses desastres, nessas fraquezas, nessas alegrias que são bastante trágicas na sua singularidade, mas não são, muita vez, tão surpreendentes e tão profundas como alguns escritores, por amor à arte provavelmente, pretendem fazer-nos crer.

Pensando bem, uma visão augusta da vida carece consideravelmente de sinceridade. Sem dúvida alguma, uma reticência prudente sobre este assunto, ou mesmo uma sugestão delicadamente falsa a este respeito, é digna de elogio, no que contribui para manter a dignidade do homem — questão muito importante, como todos podem verificar: pode-se portanto pensar que um pouco de sinceridade não seja inteiramente censurável, para se declarar com uma cuidadosa moderação — assim como podemos convencer-nos irresistivelmente em desgraçados momentos de lucidez — que toda esta agitação cega, a maior parte das vezes causada pela fome e que vem ainda complicar o amor ou a ferocidade, não merece, nem pela sua beleza, nem pela sua moralidade, nem pelos seus possíveis resultados, a importância que se lhe dá, artisticamente. Pode ser consoladora, porque a loucura humana é muito estranha, mas é apenas honesto gritar a criaturas que estão a ponto de afogar-se num pantano raso e sordido: “Como sois grandes e admiráveis, vós, que sois as vítimas de um oceano tão profundo e tão terrível!”

Daudet era honesto: culpa, dir-se-á, de saber em demasia: porém ele era muito honesto. Se via somente a superfície das coisas, é que a maior parte das coisas só tem superfície. Não pretendia — culpa talvez de saber como se manter — discernir insondáveis profundezas numa vida que é apenas uma sucessão de aparências incertas que se desenrolam acima de domínios seguramente profundos, mas sem nada a ver com as meias-verdades, os meios pensamentos e as ilusões completas da existência.

O caminho que leva a essas regiões longínquas não atravessa nem o domínio da Arte nem o da Ciência, onde vozes conceituadas disputam ruidosamente num deserto brumoso: é uma verdade onde reina um acabrunhante silêncio e por onde seguem homens simples e desconhecidos, cujos lábios estão fechados ou, quando se fazem docemente a confissão de seus sofrimentos, só o fazem num murmúrio e para si mesmos.

Daudet não murmurava: falava em voz alta e com animação, com uma feliz clareza de entonação, como um passaro canta. Via a vida em torno de si com uma extrema nitidez, e a sentia tal como ela é — mais sutil do que o ar e mais furtiva do que o relâmpago. Dava-lhe, com empenho, sua compaixão, sua indignação, seu entusiasmo, sua simpatia, sem a sombra dum pensamento para as admiráveis consequências que desperta, ao que se diz, a lógica desses sentimentos. Tolerava as pequenas fraquezas, as pequenas infâmias, os erros graves: a única coisa que certamente não perdoava era a secura de coração.

Uma inclinação tão pouco positiva teria sido fatal a um homem de maior mérito, porém seus leitores lhe teriam perdoado. Ao mesmo tempo sabe ser cavalheiresco a respeito das rainhas no exílio como a propósito das costureiras doentes; mostra uma piedade enternecida pelos atores fiacassados, pelos homens decrépitos, pelos academicos estúpidos: rejubila-se com a alegria das criaturas ordinárias dum modo vulgar, e não faz misterio de semelhante coisa.

Não era talvez um artista. Que importa, se suas criações são tão vivamente iluminadas pela radiação de seu temperamento a ponto de se erguerem diante de nós mais reais do que as sombrias aparências que cercam nossa existência cotidiana! Tateia às cegas por entre elas: levanta a voz, põe os pontos nos “ii” onde não estavam faltando, onde não era preciso. Toma Tartarin pelo braço, não dissimula o interesse que dedica aos cheques do Nababo, sua simpatia por um academico honesto, “mais estúpido do que a natureza”, seu odio por um arquiteto “peor do que um furacão”: está no núcleo de tudo isso. Compartilha dos sentimentos do duque de Pora e de Felicia Ruys, e deixa que percebamos isso. Não trepa num pedestal na pose hierática e imbecil de alguma divindade barata cuja unica grandeza consista em ser muito estúpida para se interessar seja pelo que for. Interessa-se enormemente pelos seus Nababos, pelos seus reis, pelos seus contadores, pelas suas Colettes e suas Saphos. Vibra em uníssono com o seu universo e



JOSEPH CONRAD

com piedosa simplicidade segue Mr. de Montpavon no seu primeiro passeio pelo “boulevard”.

“Mr. de Montpavon marcha para a morte” — e o criador desse gentilhomem sem sorte o segue a passos furtivos, os olhos muito abertos, designando-o com o dedo — Quem poderia deixar de olhá-lo? — É difícil, algumas vezes muito difícil, perdoar-lhe seus pontos nos “ii”, seu gesto de apontar com o dedo, essa revelação de mistérios e videntes. “Mr. de Montpavon marcha para a morte” — e como por acaso pelo passeio movimentado sauda com uma cortezia minuciosa a mulher do medico que, elegante e infeliz, faz a mesma peregrinação. É demais! Sentimos que é impossível desculpar semelhantes encontros, o murmúrio constante da presença do autor. Sente-se que é impossível, e de repente essa mesma ingenuidade nos dá a sensação do verdadeiro.

Talvez não seja um artista, porém se aproxima tanto da verdade como alguns dos maiores. Seus personagens são “vistos”: pode-se mergulhar nos seus olhos, e esses olhos são tão desnudados de pensamento quanto os olhos de seres de não importa qual dessas gerações prudentes que dispõem do renome dos escritores. Sim, são “vistos”; e vê-se também que este homem, que se diz não ser um artista, é cheio de comiseração, de indignação e de alegria, humano e vivo entre aqueles seus tipos. Inevitavelmente estes “marcham para a morte” e se aproximam da verdade de nosso destino comum: sua sorte é pungente, ele é profundamente interessante e alheio a qualquer pretensão de importância.

PERFIS MISSIONARIOS, por D. Pedro Massa — 1942

O autor da obra é senhor do seu assunto. Trata-o com justa autoridade. Não diz de outiva e sim por ter visto e por estar vendo de continuo.

D. Pedro Massa, bispo titular de Hebron é bispo-prelado do Rio Negro e Porto Velho. Nos *Perfis Missionarios* quer prestar homenagem aos colaboradores da grande obra silenciosa salesiana na Amazonia.

Em incisivos traços evoca não poucos daqueles colaboradores, que também o são da grandeza brasileira.

A prelazia do Rio Negro tem area quasi de 300.000 quilometros. Da Amazonia vai a limites com a Colombia e Venezuela, povoada esta area por 30.000 habitantes. Manáos o centro da prelazia, dirigida pelos salesianos desde 1915.

A prelazia de Porto Velho estende-se por 250.000 quilometros quadrados sobre os quais 30.000 habitantes, indo a prelazia do Madeira a Mato Grosso. Creada em 1925, realisa não só uma obra educacional como outra científica que abrange assistencia sanitaria e hospitalar.

Estas linhas valem por nossa singela chamada de atenção para a obra amazonica salesiana. Conhece-la em suas minucias, nos seus obreiros, vale por lêr tudo quanto em *Perfis Missionarios* escreve D. Pedro Massa alem do que anteriormente tem escrito sobre pessoas e cousas do Rio Mar.

FREUD E O MEU PERSONAGEM EMERENCIANO, de Mario Brandão — *Livraria Editora Freitas Bastos* — 1945.

Em edição especial pela Campanha do Livro, para homenagem a Sigismundo Freud, Mario Brandão dá-nos a síntese de um seu romance completo, de proxima publicação. Com um livro de contos *Almas do outro mundo* — Mario Brandão, en. 1931 firmou nome literario e o publico o confirmou exgotando não poucos milheiros do livro.

Mario Brandão, antes de apresentar um perfil de Emerenciano, personagem solitario do livro que acaba de trazer a publico, já debuxára o personagem em conferencia causa de discussões, de interrogações e de respostas, estas do proprio apresentador de Emerenciano.

A proposito de um e de outro, o dr. Lira Cavalcanti, com triplice autoridade de cientista, de professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Recife e de diretor do Hospicio de Alienados de Pernambuco, lembra Socrates como um predecessor de Freud, considerando a maieutica socratica "uma incipiente psicanalise".

Sondador da alma de Emerenciano e de outras almas, salvo "As do Outro Mundo" por demais subtraídas a exame, Mario Brandão revolta-se contra as pseudo-almas dos queimadores de livros numa ex-Alemanha de pensadores. Aguardemos o que dirá Emerenciano quando surgir de *pied en cap*, pelo talento do escritor perfeitamente demonstrado.

GUSTAVO SAMPAIO (*Narrativa Historica*), de Eusébio de Sousa — *Fortaleza* — 1942.

Nascido em Baturité, a 1.º de Maio de 1871, filho do casal João Francisco Sampaio e d. Maria de Castro Sampaio, Gustavo Sampaio depois de estudos no Liceu do Ceará, de cujo corpo docente, por concurso, o pae era professor, abraçou a carreira militar no exercito nacional tendo frequentado a Escola Militar do Ceará.

Por escritura de manutença, o pae afiançou o filho, de 16 anos de idade, com 400 réis diários "afim de que pudesse ser reconhecido cadete e como tal viver decentemente com a precisa independencia, cassada a fiança se o afiançado tivesse escusa do serviço

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO

EM LIQUIDAÇÃO

PAGAMENTO DO ÚLTIMO RATEIO

A Interventoria avisa aos senhores depositantes que o rateio final de 40% será pago durante o mês de Janeiro corrente.

Comunica, ainda, que as contas cuja liquidação não fôr solicitada até 31-1-43, não mais vencerão juros a partir dessa data.

Os títulos e demais valores entregues em custódia devem ser retirados o mais breve possível, sob pena de incorrerem na comissão de guarda de 1/5%, e relativa ao ano de 1943.

Pede-se, também, aos locatários de cofre (safes) que os desocupem com brevidade e o mais tardar até 31-1-43.

MOVIMENTO

ou aumento de postol Esta curiosa escritura publica foi lavrada em 1888, pago o sêlo proporcional de 200 réis.

O alferes-aluno Gustavo Sampaio morreria a 10 de Novembro de 1893 por ferimento de granada quando sobre a fortaleza da Lage, na barra do Rio de Janeiro, por ocasião da revolta naval de 1893-1894. Promovido pelo governo Floriano a tenente, Gustavo Sampaio depois teve o seu nome consagrado num navio de guerra caça-torpedeiro.

A historia breve do moço cearense e o seu fim tragico são contados com emoção por Eusebio de Sousa, diretor do Arquivo Publico e do Museu Historico do Ceará, e um dos infatigaveis e provecitos continuadores da obra benemerita do barão de Studart a bem da historia cearense.

E. D.

A VIDA ANECDOTICA E PITTORESCA DOS GRANDES ESCRIPTORES

OLAVO BILAC.

Em 1888, quando me achei ao grupo, com uma timidez, que se me afigura hoje ousadia, Bilac era o mais recente dos habituados: Patrocínio, o maior da familia bohemia; e os outros eram já para mim grandes nomes: Murat, Coelho Netto, Pompéa, Aloysio e Arthur de Azevedo, Parda Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney e Alcindo Guanabara. Só Arthur Azevedo tinha posição segura; dos outros, um Aloysio era exclusivamente escriptor de livro, Murat iniciava advocacia, os mais fluctuavam no jornalismo, collaboradores ou redactores, levados de esperanças ou de sonhos que não faziam sentir muito os apertos quotidianos. Entre todos, Bilac surgiu-me como uma alma escoiteira, a carregar sobre si, physica e espiritualmente, tudo o que era seu.

Escrevia chronicas para "A Cidade do Rio", onde Patrocínio pagava então os collaboradores pontualmente com um farto almoço na propria casa do jornal e em promessas infinitas, que eventualmente reduzia a dinheiro em horas incertas de fortuna e prodigalidade. Bilac morava em casa de commodos, como um pobre, ou menos que um estudante, pois nem tinha livreria. Mas era dos mais lidos e cultos do grupo bohemio; as suas leituras eram feitas em livros de emprestimo, ou nos volumes pequeninos da "Bibliothèque Nationale", que se vendiam naquele tempo a 300 réis e cabiam sem constrangimento num bolso do paletot. Lia-os em bonde ou em casa; e assim conheceu o que havia de maior e melhor na extensa bibliotheca minuscule. Lembro-me bem do exemplar de "Romeu e Julieta", que o acompanhou alguns dias, e sobre o qual elle traduziu com apaixonada vida a scena do balcão. Lido e às vezes relido o volumezinho, perdia-se, e Bilac ia continuando escoiteiro em seu caminho bohemio, leve, despreoccupado, mas levando consigo um cabedal literario que augmentava sem elle dar por isso e que podiam invejar outros pesadamente installados na vida e nas bibliothecas. Não pensava em alardear leitura, nem sabedoria, nem coisa nenhuma. Era sempre como uma ave contente de cantar ao sol e contente das outras. Por esse tempo, trabalhava Patrocínio num plano de levar á Europa, em vapor especial, fretado, os seus amigos de letras, da "Cidade do Rio", e os que a frequentavam. Iriamos todos, mas ao cabo só poudo elle mandar Bilac, em vapor commum, como correspondente da "Cidade do Rio", em Paris; e alli esteve enquanto durou a aura de caprichosa fortuna de Patrocínio. De volta da Europa, Bilac era a mesma criatura, despreoccupada, fluctuante, simples, a viver no seu mundo de sonho, de poesia e de espirito, alheio á revolução que se operava em torno delle, menos no que podia converter-se em materia de gracejo. Entretanto, as circumstancias fizeram delle victima absurda da politica rancorosa daquelles tempos. Collaborador literario d' "O Combate", soffreu a culpa de ser amigo de Parda Mallet e pagou-a como imaginado cumplice da conspiração numa prisão da fortaleza da Lage.

Attribuiam-lhe uns versos, de que era autor Guimarães Passos, e que celebravam, com as mesmas rimas e fecho em todas as quadras, as attitudes do almirante Custodio de Mello. Dizia a primeira das quadras:

Typo serodio
E amarello
Quem é? Custodio
José de Mello.

Bilac desforrou-se com bonhomia, chacoteando em palestras, depois de solto, o ridiculo dos fanfarrões do poder. A sua vingança não foi além do remoque e não assumiu a forma de rancor. A simples extravagancia dessa prisão devia pô-lo a salvo da suspeita na revolta de 1893; pois ainda ali elle soffreu. No mesmo dia 6 de setembro, á tarde, encontrei-o em companhia de Guimarães Passos e de um moço, de nome creio que Freire, camarada recente dos dois. A nova da revolta surpreendia-nos a todos e fomos curiosamente observar o que se passava no largo do Paço. Assisti ao jantar dos tres no hotel Globo e todos commentavamos com espanto e galhofa o novo levante. Dias depois tive a noticia de que, denunciados por aquelle Freire como partidarios de Custodio, Guimarães Passos fôra recrutado e Bilac fugira para Minas. Aquelle Freire foi depois o emissario que levou para Paraná a ordem de fuzilamento de Serro Azul e outros revolucionarios. Bilac permaneceu em Minas até passar a borrasca de delações e, chegando aqui tranquillamente, foi por maior precaução, apresentar-se ao chefe de policia, que era seu conhecido. Não o recebeu o chefe e reteve-o preso dois dias. Fui vel-o e passei algumas horas ouvindo-o rir da sua propria ingenuidade e da estupidez medrosa do poder publico. Supponho que entretanto a policia revolveu o seu arquivo, á cata do libello de culpa de Bilac, ou porventura machinava na retenção do poeta um motivo de notoriedade do seu zelo pela salvaguarda do Brasil. Bilac sorria surpreso da attribuição perigosa que davam a sua presença. Era como se a uma cigarra, que só se alimenta de orvalho e de sol, attribuissem a acção rasteira e clandestina de uma saúva raivosa.

Mas enfim, passaram as revoltas, o effeito da idade ou da dispersão dos compañeros, a cigarra aprendeu a ser também formiga. Inspector escolar, secretario da Prefeitura, secretario do Congresso Internacional, Bilac foi modelar em diligencia, exactidão e methodo de trabalho. Trabalho administrativo, incumbencia que tomasse a seu cargo, particular ou publica, era desempenhada com a nitidez pontilhosa com que elle compunha os seus versos. O artista desdobrou-se também num paciente constructor de dicionario, e o orador academico surgiu um dia constructor de civismo.

MARIO DE ALENCAR

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome, endereço e fins a que as mesmas se destinam.

LITERARIO

PENSAMENTOS DE RUY BARBOSA

Como se sabe, o Governo decretou a publicação oficial da obra completa de Ruy Barbosa monumento mais duradouro que se poderia erguer á glória do eminente brasileiro. Assinalando esse notavel empreendimento, achamos oportuno transcrever os seguintes pensamentos colhidos a esmo nos seus discursos, artigos de imprensa e conferencias, pela comovida devoção do escritor Mário de Lima Barbosa.

Emquanto Deus nos dê um resto de alento, não ha que desesperar da sorte do bem. A injustiça pôde irritar-se, porque é precária. A verdade, não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma acção boa não sabemos se é para hoje, ou para quando. O caso é que os seus frutos podem ser tardios, mas, são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aquelles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o beneficio do genero humano.

(Contestação da Eleição Presidencial — 1910).

Só o bem, neste mundo, é duravel, e o bem, politicamente, é todo justiça e liberdade, formulas soberanas da autoridade e do direito, da intelligencia e do progresso.

(Conf. Bahia, 24 de Maio, 1897).

A grande obra dos bemfeitores predestinados está na ilimitada sobrevivencia dela aos seus autores, que do seu proprio trespassse revivem todos os dias dos frutos do bem, que plantaram, na corrente de benção, que deixaram aberta e borbotante. São fontes de bondade, em que se desentranha a vida ephemera dos mortaes imortalizados, para a continuarem, atravez de seculos e seculos, em caudales de benevolencia e caridade.

(Oswaldo Cruz).

Só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade.

(Disc. Colegio Anchieta).

O mal nunca venceu o bem, senão usurpando a este o necessario para o iludir, o arredar, o adormecer, o fraudar, o substituir, o vencer. Se a injustiça, a mentira, o egoismo, a cobiça, a rapacidade, a grosseria d'alma, a baixeza moral, a inveja, o rancor, a vingança, a traição, apparecessem nus e desnudos aos olhos do individuo, aos olhos do povo, aos olhos da sociedade, aos olhos do mundo, ninguém preferiria o mal ao bem e o bem não se veria jamais desterrado pelo mal.

Só as más causas dependerão do talento dos grandes pregadores. As boas vingan pela sua santidade, que basta apparecer, para ser reconhecida, como a deusa antiga, revelada na majestade silenciosa do seu andar. "Et vera incessu patuit dea".

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

Os pleitos que encheram Atenas e Roma com as orações de Demosthenes e Cicero demandavam, para sobreviver ao seu tempo, o genio daquelles monstros da palavra. O mandato que trouxe o Christo á terra, e o pregou na cruz, resplandece em qualquer boca, donde saia o Evangelho na pureza da sua humildade e na innocencia da sua doçura. A tribuna humana só se abraza com as inspirações do genio. Mas o verbo de Deus arraia de luz o mais obscuro canto do mundo, onde se levante uma consciencia cristã, apostolando a lei de Jesus contra a lei de Caím.

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

Todos os sentimentos puros obedecem á lei da verdade. Onde começa a mentira, principia a infidelidade, se abre o caminho da traição.

(Conf. Juiz de Fôra — Fev. 1919).

Nada expõe tanto uma nação a calamidades irreparaveis, como a inconsciencia das suas chagas e a presumpção da sua sufficiencia, devidas ao atabafamento sistematico da verdade.

(Conf. Juiz de Fôra — 1910).

As decepções em que acordam os povos enfatuados e cegos são inenarraveis.

(Conf. Juiz de Fôra — 1910).

O principio dos principios é o respeito da consciencia, o amor da verdade.

(Conf. Juiz de Fôra — 1910).

Os antigos enxergavam no mentiroso o mais vil dos tarados morais. Depois de enumerar todas as miserias de um perdido, concluiam, quando cabia: "E até mente". Entre dois ladrões crucificaram os judeus a Jesus; porque não ousaram excruciar-o entre dous baldrões. O ladrão prostitue com o roubo, as suas mãos. O mentiroso com a mentira, a propria boca, a sua palavra e a sua consciencia. O ladrão ofende o proximo nos bens da fortuna. O mentiroso, não é no patrimonio, é na honra, na liberdade, na propria vida. Tanto vai do latrocínio á calúnia...

(Conf. Assoc. Com. Rio de Janeiro. Março — 1919).

A tolerancia constitue a mais preciosa das virtudes de educação, nas almas habituadas a estudar com filosofia as cousas humanas.

(Diario Noticias — 7, Março, 1889).

Toda a ciencia da administração e economia dos Estados é um vasto campo de debates e uma lição de transações.

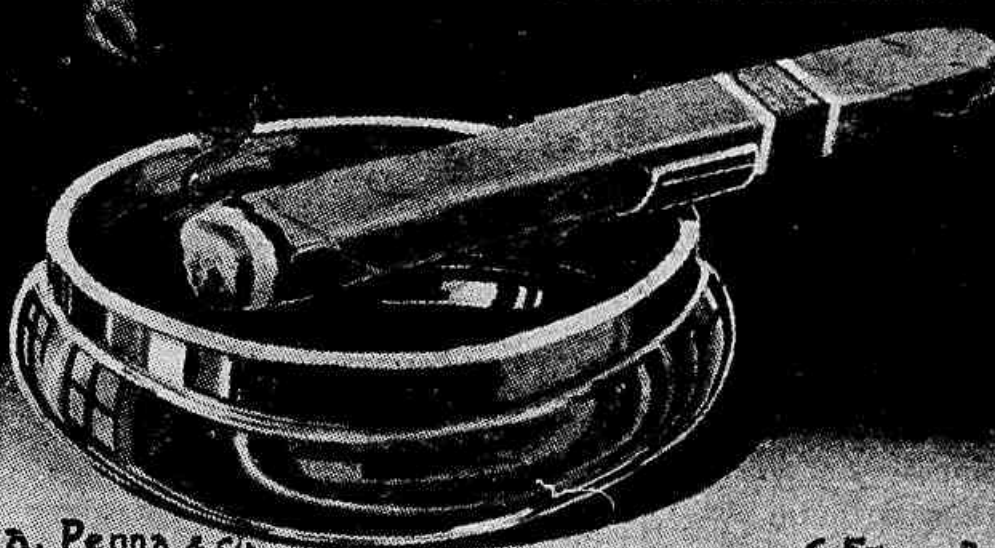
(Diario Noticias — 7, Março, 1889).

Politica e transação, na melhor moral deste mundo, são termos equivalentes. Reformas duradouras são unicamente as que se operam transigindo. As proprias revoluções transigem, e na terapeutica humana, os mais sabios sistemas de cura são transações com o mal, cujos agentes a medicina utiliza para obter a saúde pela doença.

(Disc. Teatro Lirico. Rio, Outubro — 1909).

Príncipe de Galles

NÃO HA CHARUTO IGUAL AO PRINCEPE DE GALLES!



"Costa, Penna & Cia." J. FELIX-BAHIA

COM UMA "Blitzkrieg" NÃO SE CURAM OS MALES DO ESTÔMAGO

Não adianta castigar o estômago com purgantes, quando ele precisa de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão Fostex, que não contém cáusticos nem laxantes.

Combate acidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras.

Prodoto FOSTER **FOSTEX** COMPRIMIDOS
Fáccil de tomar e dosar

Coragem!



FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!
E' O TONICO DE TODOS

DYNAMOGENOL

E' um produto do Laboratorio Sian

GINASIO DE SANTO ANTONIO

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).

S. JOÃO DEL-REI -- MINAS

DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLÂNDESES

O Estabelecimento mantem cursos primário (só para o interno), de admissão e secundário fundamental. Requerer ao Ministro da Educação o título de "colegio".

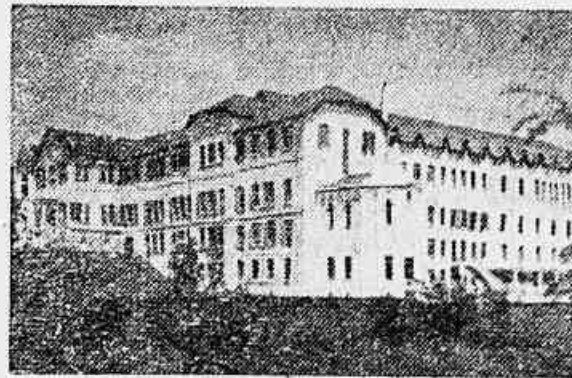
PREÇOS PARA O INTERNATO

Curso primário e de admissão,	
por ano.....	Cr\$ 1.800,00
Curso secundario fundamental,	
por ano.....	Cr\$ 2.100,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa. O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olimpica de natção, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.



Vista parcial da fachada principal do Ginasio de Santo Antonio.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

ESCRAGNOLLE DORIA

O Visconde de Itabaiana

No reconhecimento de nossa Independência pelas potências europeias diplomatas entraram em ação; a diplomacia procuradora de qualquer nação na sua vida *extra muros*, para a de *intra muros* bastando um governo legal.

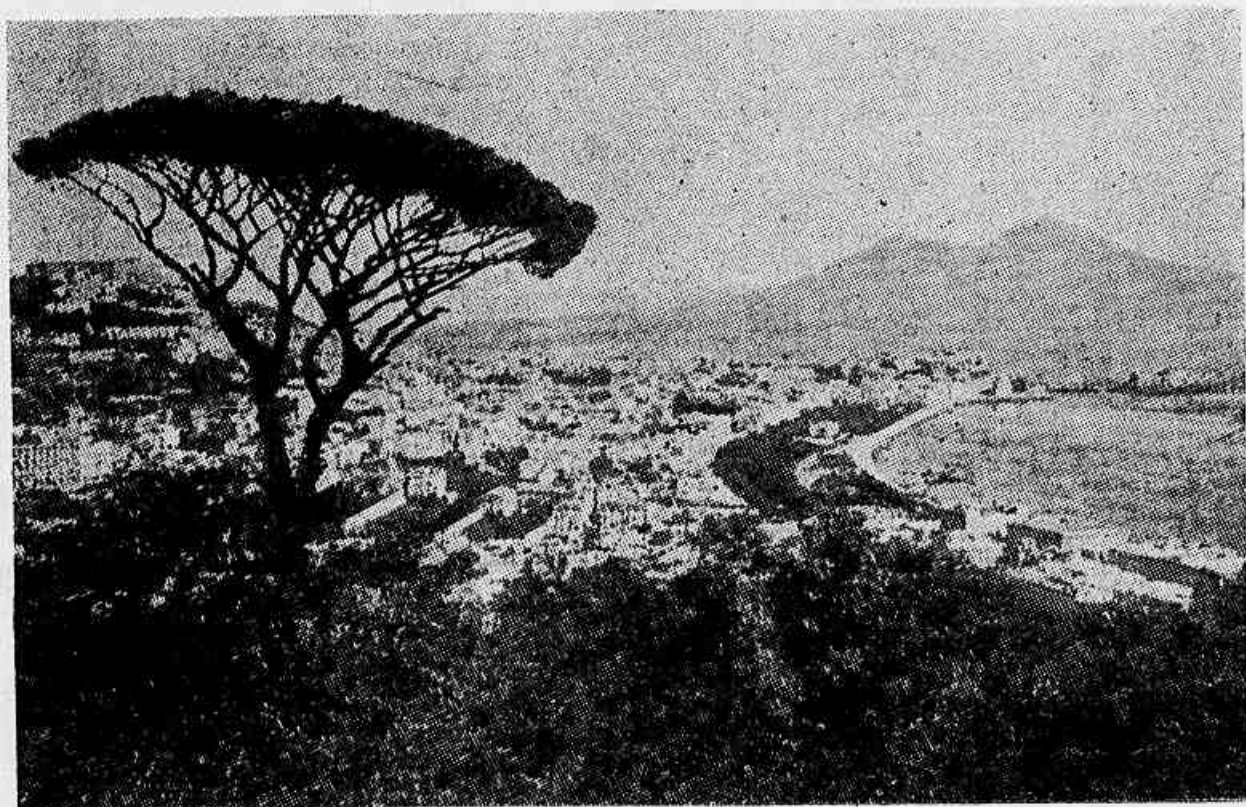
No reconhecimento da Independência, não recebida de boa sombra na Europa monarquizada, distinguiram-se sobremaneira dois personagens, Barbacena e Gameiro Pessoa. Serviram diplomacia como esta requêr, conforme as circunstâncias ductil ou tenaz, intransigente ou contemporisadora no eterno *do ut des* das relações internacionais.

Os passos principais para o reconhecimento da Independência deviam girar em torno da Inglaterra, da França e da Austria. No combate os nossos representantes recorreriam às armas usuais da diplomacia, a palavra nas conferências, o papel a pena e a tinta nas notas, o *ultimatum*, tiro de peça a anunciar o do canhão ribombante na agressão ou nas represalias.

Na hora do reconhecimento da Independência, em pontas opostas de Europa, duas figuras se alteavam, as de Canning, adversário da Santa Aliança, a de Metternich, campeão da mesma.

Longe um do outro ao se desestimarem não careciam sorrir reciprocamente, como tanto sucede a muitos que sorriem com impetos de se esganarem. E' preciso não ter vivido na sociedade para ignorar-o e compadecer-se.

Canning escrevendo a Granville taxava Metternich de *the greatest rogue and liar on the Continent, perhaps in the civilised world*. E' melhor procurar no dicionário



Vista geral de Nápoles, capital do antigo reino das Duas Sicílias, onde faleceu o Visconde de Itabaiana.

Visconde de Itabaiana

Reprodução da assinatura do Visconde de Itabaiana.

inglês o significado da frase nada amável. Em compensação Metternich, no seu alemão, com certeza pagou a Canning em moeda de desagrado.

Canning mereceu ser chamado "o paraninfo de nossa Independência", Metternich não mostrando a menor vontade de ir-lhe ao socorro.

No reconhecimento do sucesso de 1822 empenharam-se Barbacena e Gameiro Pessoa, aquele muito estudado, este pouco. Não nos é dado aqui senão fazel-o sucintamente, talvez trazendo alguns traços não divulgados de sua existência passada quase toda na vida diplomática.

Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, visconde de Itabaiana, era português de nação. Como tal serviu pátria, depois naturalizado brasileiro, útil à pátria adotiva.

Em qualquer início de carreira ter chefe que seja um guia é cousa ótima. Gameiro encontrou em Palmella autoridade sobre exemplos. Foi-lhe auxiliar no Congresso de Viena tão cheio de festas após as guerras napoleônicas. Os vivos abriam largas portas a contínuos prazeres, bastando aos mortos nas carnificinas belicas de então o fecharem as portas dos cemitérios. O homem é animal esquecido por natureza.

Encarregado de negócios do Brasil em Paris, em 1822, no mesmo caráter Gameiro Pessoa passou a Londres em 1823, ali ministro plenipotenciário em 1825. Neste ano por um decreto declarando "relevantes os serviços de Borges de Barros e Gameiro, D. Pedro I os elevava o primeiro a barão da Pedra Branca e o segundo a barão de Itabayana em suas vidas". Assim rezava o decreto referendado pelo barão de Valença, o ato em prêmio "do fervoroso desvelo pelo feliz êxito da Causa da Independência e do Império".

Pouco se assinaram barões Borges de Barros e Gameiro. Em 1826 outro decreto referendado por Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, dizia que D. Pedro I promovia a viscondes de seus títulos "os barões da Pedra Branca e de Itabayana por se fazerem cada vês mais dignos de sua Imperial consideração".

A 26 de Janeiro de 1829 pedia e logo obtinha Itabaiana demissão de ministro, fixando residência em França. Para ela escolheu Boulogne sur Mer, de porto sobre a Mancha e vizinhança da Inglaterra. Aí viveu Itabaiana quatorze anos até desejar

D. Pedro II a sua volta ao serviço diplomático como ministro no reino das Duas Sicílias. Não era das melhores a saúde do nomeado, mas este, de Boulogne, a 6 de Janeiro de 1845, ao ministro dos Estrangeiros, Ernesto Ferreira França, declarava que que "longe estava de esperar nomeação, mas por isso mesmo que partia da Espontaneidade do Imperador tinha a seus olhos hum subido valor e se hum exaltado sentimento de gratidão podia ser suplemento da vigorosa saúde que lhe f'altecia seria o Imperador servido com tanto esmero que falha não haveria na boa conta em que o Imperador o tinha".

Por longa permanência em Boulogne, Itabaiana ali tinha cidadania. Dedicara-se no seu retiro a estudos de Historia, de Economia Política, de Finanças. Amando a França nesta estimava Boulogne, nenhum sucesso francês lhe sendo indiferente.

Respeitava Luiz Felipe e sua real família. O rei dos Francêses retribuía-lhe estima. Provou-o ao convidar Itabaiana para testemunha do nascimento de uma neta filha da princesa de Joinville, irmã de D. Pedro II.

Reentrando na carreira diplomática, por instância do imperador, não podia Itabaiana deixar de nutrir por aquele sentimentos de respeito e gratidão. Designado para chefiar a legação do Brasil em Nápoles, nella a 10 de Maio de 1845, chegado de cinco dias á capital das Duas Sicílias, Itabaiana festejava o nascimento do primogenito de D. Pedro II, D. Afonso, príncipe de breve existência.

Representante nosso em grandes centros Paris e Londres, envolvido em negócios de magna importância, na capital napolitana poderia Itabaiana ter encontrado ambiente mais calmo, clima mais favorável do que em França e na Inglaterra, não fosse saúde combalida.

Ao ser acreditado ministro no reino das Duas Sicílias nele ia dirigir legação da qual haviam sido encarregados um Vasconcellos de Drummond, um Bento Lisboa entre outros. Desde 1843, pelo consorcio de D. Pedro II e D. Theresa Cristina, filha de Francisco I, as relações entre o Brasil e as Duas Sicílias se amiudavam. Tal sucederia até a constituição do reino da Italia e consequente retirada dos Bourbons de Nápoles na pessoa de Fernando II, não sem o memorável sítio de Gaeta no qual tanto se distinguio a mulher de Fernando II, princesa bavara, irmã da imperatriz Elisabeth da Austria. A heroína do assédio retratou-a Alphonse Daudet no seu romance *Les Rois en Exil*, sob os traços da rainha de Palermo.

No século XIX jamais houve sossego nas Duas Sicílias onde tinham sido reis José Bonaparte e Murat, o irmão e o cunhado de Napoleão, gratificados na loteria de corôas da era napoleônica.

Quando Itabaiana assistia na legação brasileira em Nápoles a Italia andava sacudida pelas tendências revolucionárias do partido político da Joven Italia, adversaria da Austria de opressão e armas na península.

Nápoles, reputada uma das gratas e ruidosas cidades da Europa, tinha o seu golfo citado entre as maravilhas do mundo, a ponto de diser-se *veder Napoli e poi morire*. Ninguém contudo punha empenho em morrer depois de ter visto a cid de.

Itabaiana não gosou Nápoles e seus encantos. Idoso, molesto, de certo não os poderia fruir como os fruía jovens vigorosos. Em ofício, de 16 de Dezembro de 1845, endereçado ao ministro dos Estrangeiros, Limpo de Abreu, queixava-se Itabaiana de moléstias e acentuava a necessidade de tomar águas ou banhos fóra de Nápoles, com licença para se ausentar por dous mezes em proximo verão. Respondia-lhe Limpo de Abreu declarando que o governo a isso o autorizava "uma vez que não occorressem negócios de tanta importância que a ausência de S. Exa. pudesse prejudicar o serviço publico e o de S. M. o Imperador". Mas o autorizado se não valeria da concessão assaz rígida e propria do tempo.

Com Itabaiana servia o encarregado de negócios Paulino da Silva Barbosa. Caberia a este noticiar a Limpo de Abreu o falecimento de Itabaiana, a 26 de Janeiro de 1846. Levava doente dous mezes e recaira. Enfraquecido, sentio que ia morrer. Tratou de cumprir deveres de cristão, providenciando sobre a execução de disposições testamentárias. Achava-se em Capodimonte, a tres milhas de Nápoles, e ali pedia a Barbosa que se não separasse dele, valendo-se também do auxilio de um cidadão inglês hospede de Itabaiana.

Ao leito do enfermo veio junta medica por simples *pro formula*. Itabaiana sucumbio, segundo Paulino Barbosa, "com tanta serenidade que vira bem provado o que o seu chefe dous dias antes lhe havia dito, estreitando-lhe a mão. Morro sem remorsos e fazendo votos pela prosperidade de minha patria á qual servi sempre com grande fervor". Referia-se ao Brasil onde entretanto não nascera.

A noticia do obito do visconde de Itabaiana causou tristeza em Nápoles. Ao conhecer a lutuosa nova, o ministro dos Estrangeiros cientificou ao encarregado de negócios do Brasil os sentimentos da corte de Nápoles. Disse o ministro Príncipe de Sicília, que "o rei das Duas Sicílias havia sabido com pesar da morte do Snr. visconde de Itabayana, apreciado bastante no breve exercicio de seu cargo junto á corte, por pessoa muito estimavel e geralmente estimada".

Ao funeral de Itabaiana concorreu todo o corpo diplomático acreditado em Nápoles. Ao seu dedicado auxiliar. Paulino Barbosa, recomendaria Itabaiana o cumprimento de disposição testamentaria, a de ter o seu cadaver sepultura na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes.

Tendo servido eficazmente o Brasil, Itabaiana ao vêr aproximar-se fim de vida volveu lembrança á terra onde nascera e á qual consagrara parte menor de existência laboriosa, mais votada á patria adotiva para cuja Independência empregara esforços coroados de êxito.

Ao chegar ao Brasil a noticia do obito do visconde de Itabaiana houve sentimento oficialmente traduzido e provado pelo ofício de 30 de Maio de 1846 do barão de Cayrú, ministro dos Estrangeiros, dirigindo-se a Paulino Barbosa.

Declarava o ministro ao subordinado que "Sua Majestade o Imperador ouvira com pesar a noticia da morte do visconde de Itabayana, Brasileiro tão distincto por suas excellentes qualidades e serviços valiosos prestados á Nação, maxime ao depois da Independência".

Aqueles serviços haviam sido nobiliarquicamente recompensados, com um baronato e um viscondado e honorificamente premiados com o habito e o officialato da valorizada ordem do Cruzeiro, o Príncipe Regente, em 1814, havendo conferido a Itabaiana o habito de Cristo em remuneração de officios diplomaticos.

Eis traçada com fidelidade e apoio documental a vida de Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, barão e visconde de Itabaiana, com Barbacena negociador do nosso primeiro emprestimo contraído em Londres.

Muitos de trave bem nos olhos ainda acham boca para soprar argueiros nas vistas do proximo. Assim não escapou Itabaiana a censura de ter pedido tumulto na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes. Cabia-lhe o inauferivel direito de suprema escolha, o tudo de sua alma dispondo do nada do seu corpo.

Conto
Brasileiro

A Cartomante

Machado
de Assis

Hamlet observa a Horacio que ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

—Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: « A senhora gosta de uma pessoa... » Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

—Errou! interrompeu Camilo, rindo.

—Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprouviana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda-Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Villela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Villela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego publico. No principio de 1869, voltou Villela da provincia, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.



tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Villela podia saber-lo, e depois...

—Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

—Onde é a casa?

—Aqui perto, na rua da Guarda-Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

—Tu cês devéras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Porque? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

—E' o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Villela olharam-se com ternura. Eram amigos devéras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Villela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Villela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Villela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiencia, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Villela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como dai chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. « Odor di femina »: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si proprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; - ela mal, - ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até ahí as coisas. Agora a acção da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Sete dirigida por
GILBERT DE PARIS



Machado de Assis vale pelo mais belo milagre da cultura brasileira. Esse mestiço de gênio, descido do morro mais pobre do Rio, para a glória do mais alto cenáculo das letras nacionais, aristocrata

ao fim da vida, pela pura força do espírito, consola de muita palermice entronizada no paraíso dos bens humanos.

Pobre e humilde, fchado sempre num sagrado pudor de exhibições e de concessões, a glória que lhe coroou a vida não tem a mais leve mácula. Seu nome poderá ser citado sempre, sem que a figura do homem tenha de ser distinguida da do intelectual.

Tudo nele teve a mesma medida de equilíbrio e sutileza que o trato com a literatura mais poderosa da Europa lhe daria. Poeta, romancista, contador de histórias maravilhosas, como esta «Cartomante», crítico literário e cronista malicioso do «Jait-divers», Machado de Assis, cujo centenário o Brasil celebrou há três anos, com a colaboração dos intelectuais de todo o país, tem na história das letras nacionais um posto de relevo tão alto e tão firme que nenhuma reviravolta de escolas nem de tendências conseguiu até hoje alterar, nem nunca o conseguirá seguramente, porque é construído com material de eternidade.

o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Villela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas ha vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca.

Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fóra, braços dados, pisando folgadoamente por cima de hervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Villela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porem, recebeu Camilo uma carta anonima, que lhe chamava imoral e pífido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar suspeitas, começou a rarear as visitas á casa de Villela. Este notou-lhe as ausencias. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausencias prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pôde ser que entrasse tambem nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obsequios do marido, para tornar menos dura a aleviosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu á cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vi-mos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anonimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou esse pensamento: a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é cativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mas socegado; temia que o anonimo fosse ter com Villela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Villela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar á casa deles, tatear o marido, e pôde ser até que lhe ouvisse a confidencia de algum negócio particular.

Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denuncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Villela: «Vem já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora.»

Era mais de meio dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; porque em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora, - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginarmente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lagrimosa, Villela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo o caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir á casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou á rua, e a idéia de estarem destobertos parecia-lhe cada vez mais verosimil; era natural uma denuncia anonima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Villela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão da suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto futil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, - o que era ainda peor, - eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Villela. «Vem já, já á nossa casa; preciso falar-te sem demora.» Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perderia, e a precaução era util. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tilburi. Chegou, entrou e mandou seguir á trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quasi no fim da rua da Guarda Ve-

lha, o tilburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, á esquerda, ao pé do tilburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultára uma vez, e nunca ele desejou tanto crêr na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e peçadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indifferente Destino.

Camilo reclinou-se no tilburi, para não vêr nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propos-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrível: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Andá! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo.

Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas; mas a voz do marido sussurava-lhe ás orelhas as palavras da carta: «Vem, já, já...»

E ele via as contorsões do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicavel de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários, e a mesma frase do principe de Dinamarca reboava-lhe dentro: «Ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia...» Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu.

Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda peor que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumina da por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestigio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fóra batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

Vejam primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensavel muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele, estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, «ragazzo innamorato...»

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da propria sibila, e levantou-se tambem. A cartomante foi á cómoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas.

Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil réis, e deu-lh'a. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil réis...

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela em baixo, e desceu a escada que levava á rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tilburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu á trote largo. Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava limpo e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Villela e reconheceu que eram intimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu tambem que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravissimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E, consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou tambem o plano de aproveitar o incidente para tornar á antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhára o objeto da consulta, o estado dele, a existencia de um terceiro; porque não adivinharia o resto. O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. A's vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: «Vá, vá, «ragazzo innamorato»; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fóra, até onde a agua e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminavel.

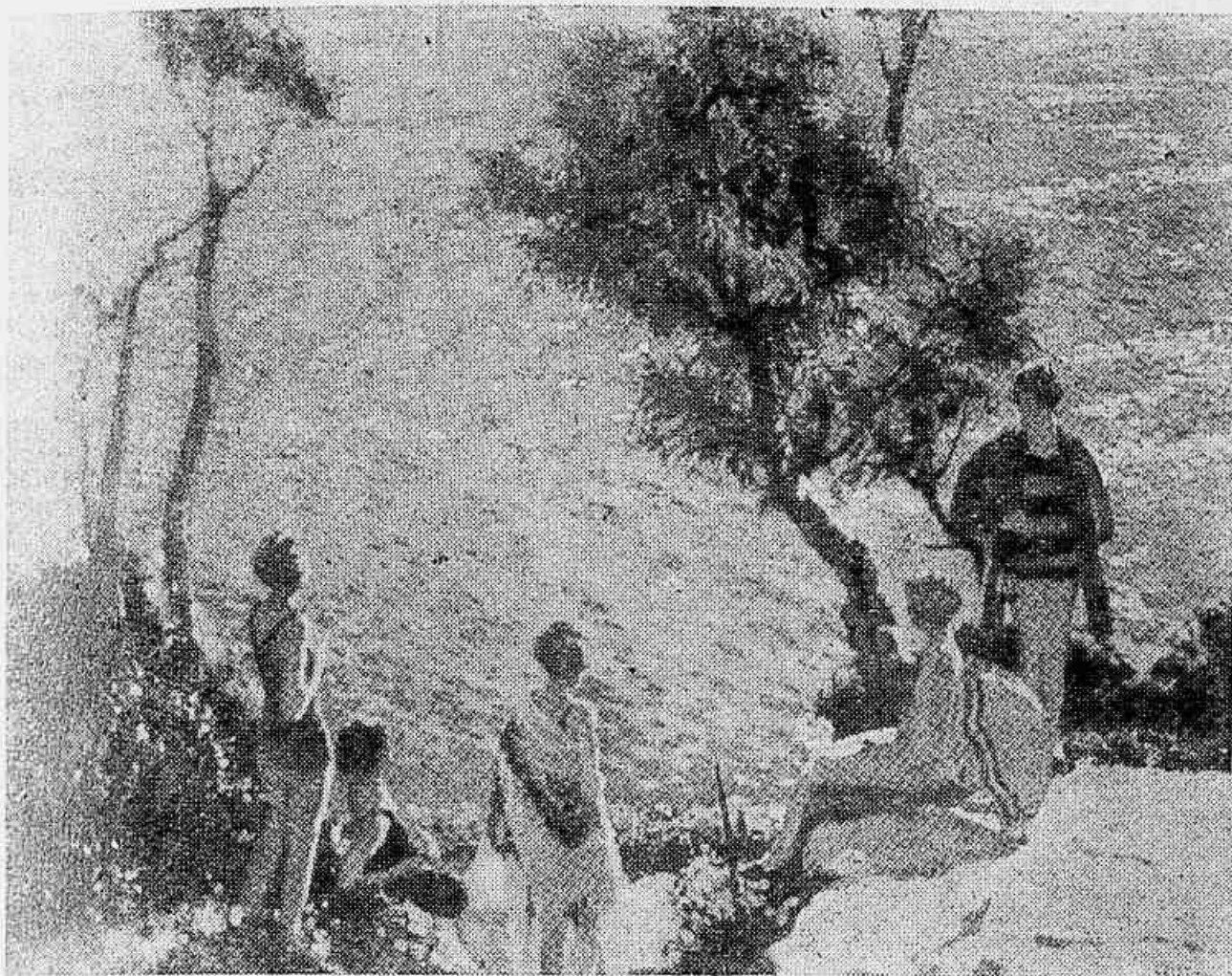
Daí a pouco chegou á casa de Villela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou.

A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Villela.

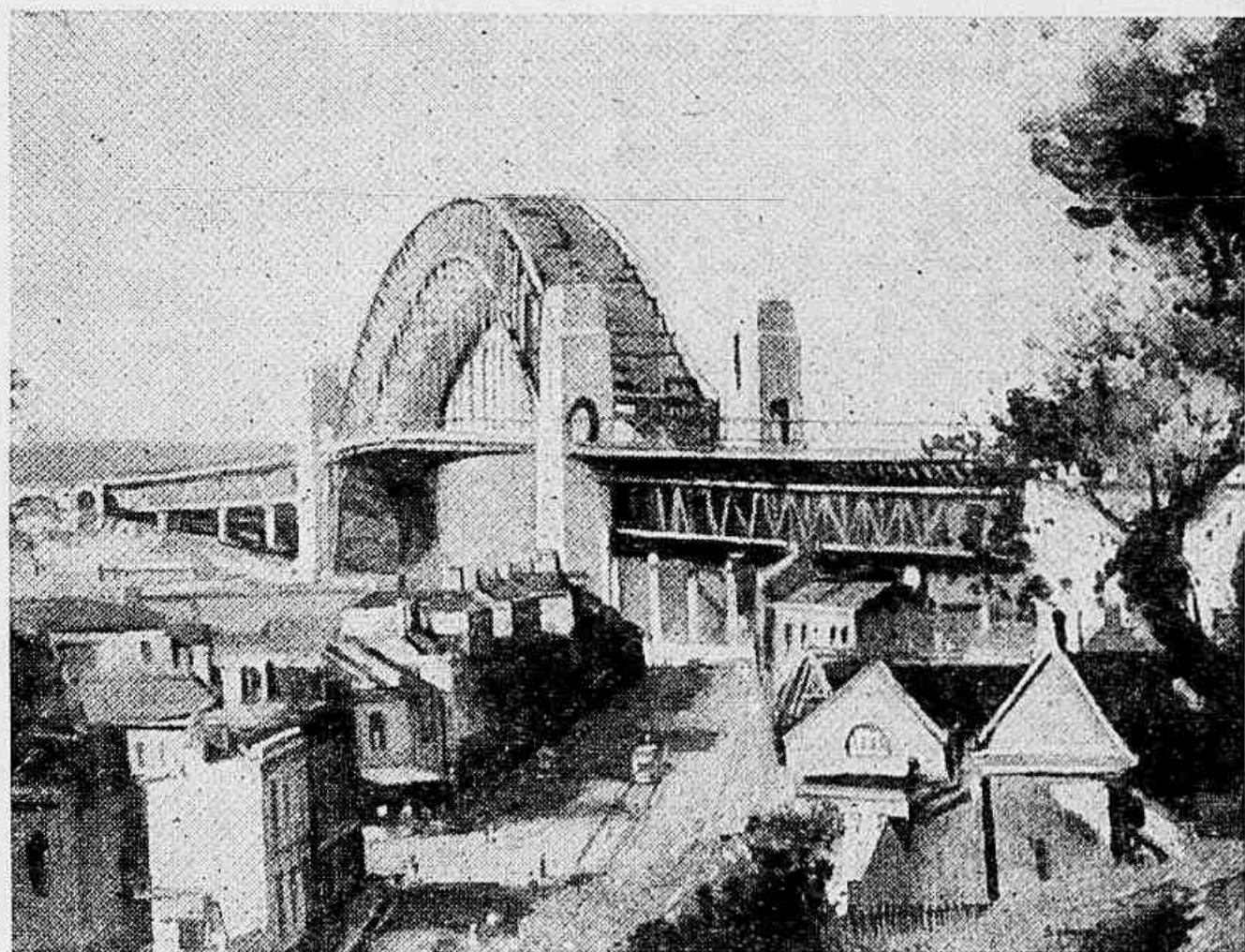
— Desculpa, não pude vir mais cedo; que ha?

Villela não lhe respondeu; tinha as feições descompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo, sob o canapé, estava Rita morta e sufocantada. Villela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Pintura Contemporânea



Banhistas em Sydney Harbour, por Fred Leist.



O velho e o novo, por Sydney Long.



AUSTRALIA

A arte primitiva da Austrália, como tem sido assinalado pelos historiadores, ficou até hoje envolta no mistério, desafiando a curiosidade dos estudiosos. Há mais de um século, um explorador descobriu numa gruta do oeste pinturas representando um homem e quatro mulheres veladas, sem que se pudesse já mais averiguar se pertenciam a algum artista japonês, mouro ou malaio.

Depois da visita de Parkinson, artista inglês que

entrou em Botany Bay em 1770, acompanhando o capitão Cook, foi fundada, em 1812, a primeira escola de pintura. A primeira exposição de arte data de 1880, assinalando-se como nota excepcional o aparecimento dos artistas da escola de Melbourne, que foram acolhidos com grande interesse e entusiasmo.

A terra australiana, com as suas praias coloridas, as suas florestas, os penhascos fronteiras ao mar e a sua luz fina e plástica, tem inspirado admiravelmente os pintores deste século, como demonstram bem os dois quadros acima, pertencentes à Internacional Business Machines Corporation.



BULGARIA

A história da arte contemporânea da Bulgária deve ser contada de 1878, ano em que surgiu independente o reino bulgaro, para cá. A verdade é que a dominação bizantina seguida da turca não conseguiu apagar o que havia de específico no espírito nacional bulgaro, revelado nas manifestações mais antigas da arte popular de afinidades flagrantemente asiáticas.

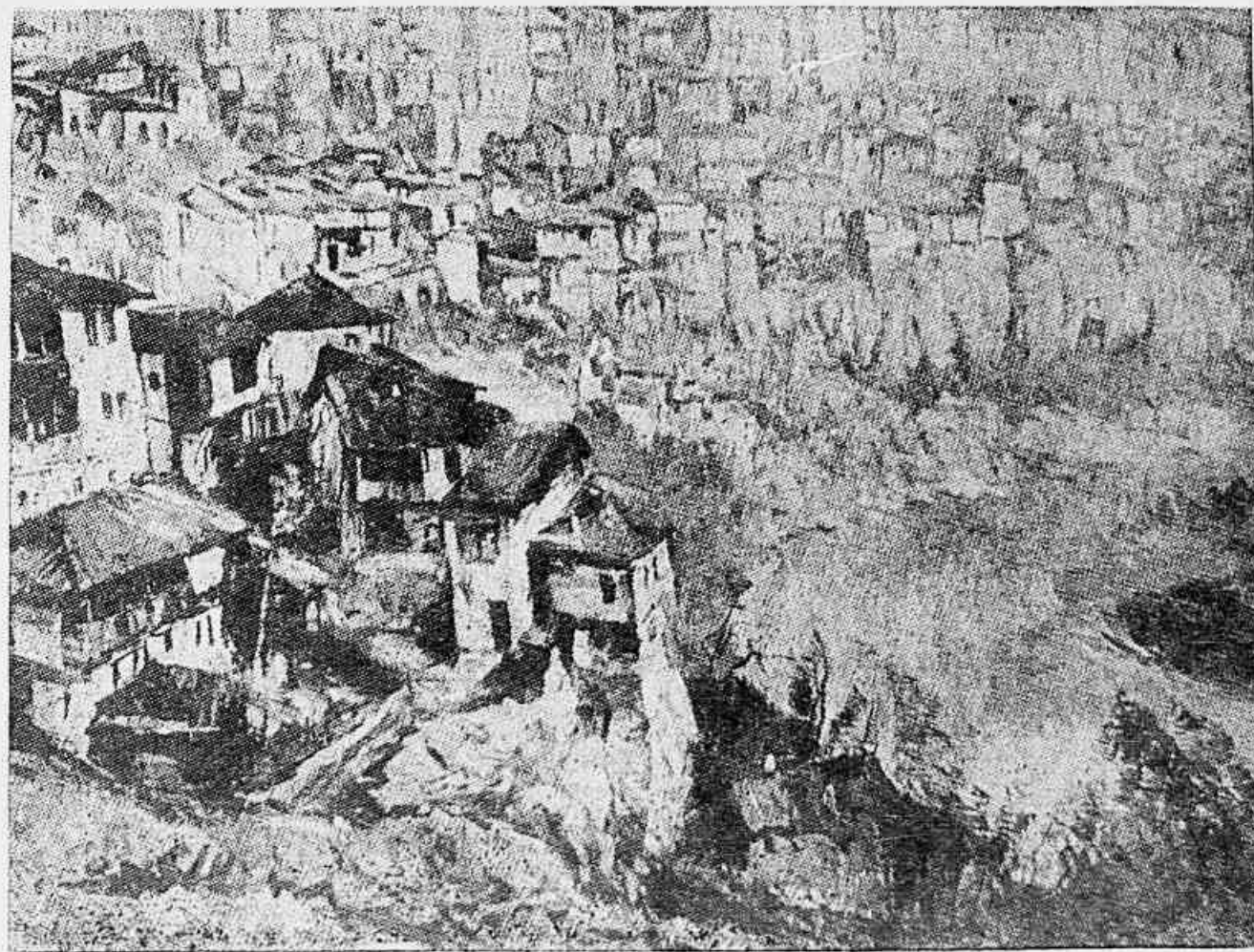
Separada da Turquia, a Bulgária se abriu às

JOVEM CAMPONESA — Wladimir Dimitroff, nascido em Florosh, estudou em Sofia e mereceu a proteção do governo bulgaro. Há muitos trabalhos seus de motivos militares. Viajou por toda a Europa, estudando as mais famosas galerias.

influências ocidentais, principalmente francesas. Em 1905 surgiu em Sofia uma Escola de Pintura, e as mais avançadas formas da técnica pictórica foram logo introduzidas no país. Sómente alguns anos depois os artistas bulgaros se recuperariam da inevitável confusão inicial. Paralelamente o povo foi desenvolvendo o seu interesse pelas obras de artes plásticas.

Presentemente os pintores bulgaros procuram inteligentemente conciliar as formas do modernismo com as antigas tradições do seu país.

A NEVE DE MARÇO, QUEBEC — Boris Beneff, nascido em Veliko Tirnovo, estudou desenho e pintura nos intervalos que lhe deixava o magisterio. Estudou pintura, depois de abandonar a cátedra na Academia de Munich. Pintou, a princípio, grandes cenas de batalhas, tornando-os finalmente o grande paisagista que hoje é.



RETRATO DE JOHN BULL

As generalizações a respeito de indivíduos são bastante perigosas. As que se referem a uma nação inteira o são infinitamente mais. Todavia, dentro dos devidos termos, é possível fazer certas observações dum caráter geral.

A impressão de conjunto que um estrangeiro, vivendo em determinado país, tem de seu povo não leva em conta desvios individuais que se afastem do padrão geral. Um americano que tenha vivido muito tempo na Alemanha tem naturalmente uma impressão dos alemães, como povo, diferente da impressão daqueles cujo contacto com a alma germanica seja um encontro casual com um ou dois espécimes deslocados de seu ambiente normal. Doutro lado, a opinião frequentemente expressa, segundo a qual os franceses são um povo mais ebulliente do que os americanos deve provir da impressão que tantos turistas trazem da França, não obstante o fato de que a grande maioria do povo francês é de reservados e taciturnos.

Os visitantes dos Estados Unidos usualmente levam a crença de que os americanos são todos agressivos e ativos. Não importa que haja tantos americanos que não são uma coisa nem outra; é uma impressão que nós criamos e esse é o seu veredito sobre nós, em bloco. Os ingleses, que têm sido tão liberais nas suas opiniões e críticas a nosso respeito, não deveriam, portanto, levar a mal que um americano, que tenha vivido muito tempo entre eles, faça algumas observações sobre suas características nacionais.

Para um americano, o inglês será sempre um tanto complicado. Justamente quando imaginamos ter desvendado o enigma de seu caráter, acontece alguma coisa que desmorona todas as nossas primitivas considerações. Pode ser que isso dependa do fato de haver duas espécies de ingleses, ou pode ser também que haja uma

OS INGLESES VISTOS POR UM AMERICANO

De *Raymond Daniell* -- (De "The New York Times Magazine")

Os ingleses são um povo complicado, resistem às modificações e não têm imaginação. São confusos, mas improvisam brilhantemente. Um americano que os conhece bem estuda-lhes o caráter com simpatia.

característica nacional latente que só se revela em determinada ocasião.

Tal ocasião foi a evacuação maravilhosamente espontânea de Dunquerque - uma momentânea mas completa refutação à crença largamente compartilhada pelos próprios ingleses de que são irremediavelmente tardos, incapazes de rápida organização. E' mais ou menos como se houvesse para o espírito inglês uma virtude peculiar em fazer as coisas penosamente, mas na realidade eles estão agora fazendo coisas que sempre fizeram, simplesmente porque não lhes ocorre que haja melhor maneira de fazê-las. Se houvesse, julgam inconscientemente, já o teriam descoberto ou seus pais o teriam feito.

Resistem às modificações tão teimosamente como têm resistido ao nazismo. E' por isso que ainda têm um rei, tremem durante longos invernos unidos em casas cheias de correntes de ar e se apegam a antigas formulas e ritos que há muito tempo perderam qualquer objetivo real. Todos os anos, quando o rei abre o Parlamento

os membros da casa atravessam a cena três vezes, expulsando o Bastão Negro - um dignitário cujas funções são comparáveis às de nosso sargento de armas - antes de abrirem as portas à realeza.

Ao meio da Casa dos Comuns há uma linha, separando da oposição, os oradores do governo. Essa linha foi ali colocada para que se as espadas brilhassem no ardor da peleja, houvesse uma faixa de segurança para o incauto. No entanto, hoje, se um orador se tornar tão arrebatado com a sua própria eloquência que transgrida a zona neutra com a simples ponta do pé, há um fragoroso clamor, não porque haja o menor perigo de combate mortal, mas porque os berros se tornaram parte da tradição para tais instancias, como a própria demarcação evidente.

Os ingleses ainda dirigem os automóveis pela mão esquerda do caminho, porque há anos passados usar esse lado, permitia aos cavaleiros dirigir a montaria com a mão esquerda. Do mesmo modo viraram a cara ao sistema métrico de maneira a conservarem uma moeda que eles próprios não sabem contar depressa - justamente porque sempre foi assim.

Esta fantástica obsessão pelo apêgo ao passado, que os faz montarem os encanamentos pelo lado externo da casa, onde gelam todos os invernos, seria ligeiramente divertida para os estrangeiros, se não se traduzisse em modas que afetam o conforto dos forasteiros do mesmo modo que dos nativos. Noutro dia, uma « garçonnette » numa pequena e agradável casa de chá disse que eu podia tomar meu chá com torradas ou com « scones ». Eu disse que queria « scones », mas gostaria que fossem torradas. Ela respondeu com toda a firmeza que eu não podia tê-los torrados. Perguntei porque e ela replicou com um sorriso condescendente: « Porque nunca até hoje nós servimos « scones » torrados - e era claro que não iria quebrar a tradição por minha causa.

A mesma coisa a respeito de certos confortos modernos. Algumas pessoas mais ricas instalaram geladeiras mecânicas, mas parecem relutantes em usá-las e preferem pôr a manteiga, o leite e os ovos na dispensa. Depois de tantos anos, os telefonistas dos hotéis tratam o telefone um pouco como se fosse um brinquedo e o povo geralmente procede como se não acreditasse que o telefone fosse coisa que tenha vindo para durar. No hotel onde me hospedei recentemente em Cardiff, meu quarto no segundo andar tinha um telefone, mas toda vez que alguém queria falar comigo a gerência mandava um « boy » correndo ao meu quarto em vez de me avisar tocando a campainha. Naturalmente havia um elevador nesse hotel, mas era usado só a certas horas e somente para os hóspedes.

São criaturas muito pacientes, esses ingleses - muito pacientes, parece, para seu próprio bem. Eles suportarão sem uma queixa toda espécie de incomodos e arranjos, toda maneira de fazer as coisas vagarosamente e sem jeito. Eu os tenho visto sentados durante horas em trens inexplicavelmente parados, olhando um para o outro ou lendo seus jornais sumamente desinteressantes e nunca demonstrando aborrecimento ou procurando saber a causa daquela demora. Estão sempre formando fila para comprar cadeiras de teatro, comida e cigarros e tomar o ônibus, de pé, pacientemente, alinhados, horas e horas, que até parece que os outros vão sair dos ônibus e entrar também na fila para tomar o próximo veículo, pelo puro prazer da espera.

Talvez seja a íntima tranquilidade de suas almas que os faz aceitarem com igual indiferença ou tranquila aquiescência tudo o que aconteça ou talvez se achem impregnados da idéia de que o rico, no seu castelo e o pobre, no seu tugúrio, tiveram previamente seus lugares marcados por uma sapientíssima Providência.

Uma senhora, minha amiga, metia há pouco nos ouvidos de sua arrumadeira alguns de seus pensamentos relativos às desigualdades sofridas aqui pelas mulheres, fazendo referência especial ao esposo da boa mulher, bem desprovido de meios. A pobre criatura escutou contrafeita as palavras de heresia e observou: « Mas ele é criado, não é? » Contudo, é justo assinalar



O espírito de tradição inglesa está principalmente no esplendor das suas festas oficiais. Vemos aqui o Prefeito de Londres, no seu carro, todo adornado de ouro.

que essa mesma atitude espiritual tem provavelmente ajudado a tornar possível a essas criaturas suportarem a Blitzkrieg, com uma fortaleza e uma compostura quasi inacreditáveis.

Não ha nada aberto ou expansivo no que diz respeito á alma inglesa. Os ingleses parecem sempre negativos em face da vida. Não ha nada de derrotismo na sua atitude perante a guerra; ao contrário, ás vezes teria sido melhor que considerassem a possibilidade de falhar desta vez o velho ditado que diz que eles perdem todas as batalhas exceto a ultima.

De qualquer modo, são muito complacentes a respeito do desenrolar da guerra e parecia a alguns de seus melhores amigos e mais ardentes partidários que eles estivessem aterrorizadamente vagarosos no tocante a se prepararem para a luta final—tão vagarosos que algumas vezes parecia que Hitler poderia vencê-la antes de informá-los de que não haveria mais batalhas a travar.

Um hospede em perspectiva que marchasse para um hotel, sem reservar comodios, mesmo antes de se tornarem deficientes as acomodações como estão agora, seria provavelmente avisado, sem rodeios e dum modo um pouco desagradável, por uma empregada de ar abstrato, que não havia quartos vagos.

Se o hospede fosse americano, certamente indagaria se não haveria desocupado um quarto de casal, com banheiro, ou talvez um apartamento, percebendo então um olhar de aquiescência surpreendida e resmungona. Não se trata de trapalhada de hoteleiro, é que simplesmente eles nunca pensariam em sugerir acomodação mais cara.

A mesma atitude existe entre os cigarreiros e lojistas. Ha carência de cigarros agora, mas muito antes que isto acontecesse, pedir cigarros e se conformar com a resposta negativa podia levar o dono da tabacaria á falência. Muitas vezes isso me aconteceu. Eu pedia um maço de cigarros. A caixa dizia que sentia muito, porém tinham sido todos vendidos. Eu dizia - depois de estar na Inglaterra um certo tempo:

—Você não tem dos maços grandes? «Oh, sim, tenho pacotes de cem, mas estamos sem sortimento dos de dez».

Um vendedor americano com muita probabilidade ofereceria primeiro o pacote grande, desenterrando o pequeno apenas se o freguês insistisse.

A falta de imaginação dos ingleses refletiu-se em não se renderem depois do colapso da França, deixando-os a enfrentarem sozinhos uma Alemanha vitoriosa. Mas, infelizmente, eles têm a mesma atitude para com muitos outros aspectos da vida, inclusive especialmente o que se refere á cozinha. Para uma cozinheira inglesa, as batatas são uma coisa para ser cozida e quando ela pensa num segundo legume, seu cérebro se ilumina sobre uma couve e aí estaca. Mesmo agora, a quantidade de comida que se estraga por má cozinha poderia aliviar grandemente a falta de alimento.

Uma das peculiaridades mais fatigantes do inglês é seu amor á papelada e a outras especies de formalismo oficial que torna as transações mais simples, como pagar uma conta no restaurante, uma lenta e laboriosa operação. Um espiroituoso observou que não havia perigo de Hitler invadir este país porque se ele chegasse á frente do seu exercito os funcionários ingleses o cumulariam tão inexoravelmente com pedidos para encher fórmulas que ele abandonaria tudo e voltaria para a Alemanha.

Pela maneira como Whitehall e as firmas particulares gastam papel, não admira que haja tal carência que as donas de casa têm de carregar das lojas peixe e carne sem enrolar. Um homem que deixa agora cair na rua um bilhete de onibus, um programa de teatro, papel usado ou mesmo um maço de cigarros vazio pode ser preso, processado e multado pesadamente por estragar papel, mas o Diretor dos Correios ainda inclui, com a conta do mês pelo serviço de telefone, uma larga folha de papel couché onde não ha impresso senão a frase « Com os cumprimentos do Correio Geral » - sem o que nenhuma conta se considera devidamente extraída.

A despeito de singulares e aborrecidas deficiências, os ingleses conseguem fazer grandes coisas.

Ficam com o trafego irremediavelmente congestionado nos feriados, mas quando o tempo das bombas entulhou as ruas, arranjaram meios de se locomover e fazer as obrigações diárias. Com toda sua antiquada maquinaria de produção — cuja maior parte é movida a mão — conseguiram em 1941 produzir munições num nível altamente vantajoso e seu record de produção é a certos respeitos melhor do que o nosso. Se isto aqui fosse a Irlanda, a gente quasi suspeitaria de que as fadas os ajudam.

Pouco a pouco fecharam fábricas e aboliram trabalhos relativos ao conforto ou necessidades dos civis, lançando-se ao preparo de armas. Homens e mulheres foram aspirados das ocupações pacíficas, arrancados ao lar e postos a fazer equipamento para as forças armadas. Punham gente onde deveriam pôr máquinas. Mas o fato de terem feito tanto, com instrumentos tão antigos



Crianças inglesas, lendo revistas comicas, durante um raid aereo sobre a sua cidade, indiferentes ao estrondo do bombardeio que sacode a rua lá em cima.



Antes de deixar o seu lar destruido por uma bomba, esta mulher, que amarrrou numa trouxa os seus pobres despojos, escreve um V da Vitória na parede duma casa vizinha.



e métodos tão fora de moda, não torna menos grandiosa sua façanha.

Os ingleses gastam muito tempo para fazer as coisas, mas quando finalmente as realizam são muita vez magníficas. Aquela concentração de 1000 aviões de bombardeio sobre Colônia, no espaço de 90 minutos e a repetição do fato noutra zona, três dias depois, são um exemplo frisante. Isso requereu um preparo tedioso e fatigante, e foi um feito ainda não rivalizado pelos alemães. No entanto, quando a tarefa ficou concluída foi uma coisa típica dos ingleses que houvesse módicos comentários a seu respeito e nenhum jubilo pelo sofrimento infligido ao inimigo; ao contrário, foi um alívio que a catedral de Colônia tivesse sido mais afortunada do que algumas das catedrais inglesas.

Desde o princípio da guerra, começaram os ingleses e seus governantes a se consolar com o pensamento de que « o tempo está de nosso lado »; mas não há provavelmente povo no mundo que tenha menos respeito pelo valor deste insubstituível fator. A simples função de viver em Londres envolve uma perda de tempo que está além da compreensão da maioria dos americanos. Quando chega a hora do almoço os pequenos escritórios fecham e seja a que hora for há uma oportunidade em duas que o homem com quem se quer falar saia para tomar chá. É ainda motivo de admiração para belgas, poloneses e outros exilados que dois

anos e meio de guerra total não tenham reconciliado os ingleses com a idéia de abandonar longos « week-ends » e feriados bancários.

É quase como se toda a nação em tempos normais tivesse adquirido o hábito de pensar que é uma virtude peculiarmente inglesa baralhar as coisas, em fazê-las de modo ineficiente e sem jeito. Todavia, quando vem a crise, sabem improvisar tão engenhosamente como os alemães e talvez mais. Eles fizeram um fetiche, de esconder as suas emoções e os seus sentimentos verdadeiros, dum modo tão eficaz que os observadores casuais concluem algumas vezes que eles não tenham nenhuma emoção nem qualquer sentimento. É fácil também concluir por que seu humorismo é diferente do nosso, ou, antes, que eles não tenham nenhum. As conclusões em ambos os casos seriam errôneas.

Para um ouvido americano eles frequentemente parecem ser grosseiros quando não pretendem ser grosseiros nem desatentos, coisa que parecem ser mais frequentemente e é ainda pior. O inglês tem lugar no cérebro apenas para uma idéia de cada vez e se muitas vezes acende um brilho repentino no olhar e sai correndo pelo aposento, abalroando os outros, é porque acaba de avistar um velho amigo e quer alcançá-lo antes que alguma coisa o distraia de seu projeto imediato.

Com todas as suas singularidades e peculiaridades, os ingleses são uma raça valente e generosa. Já o provaram muitas e muitas vezes nesta guerra e nenhuma nação tem sido mais grosseiramente vilipendiada pela propaganda nazista, que os pinta como uma nação disposta a lutar até o último colono ou último americano. Sua lista de perdas prova o contrário; e o número de refugiados recebidos aqui e a maneira pela qual são tratados, algumas vezes com perigo da própria segurança, é prova ampla de sua generosidade.

Na sua vida social, os ingleses são uma mistura curiosa de gregarismo e de isolamento. Fosse no mesmo hotel sentam-se durante horas, dia após dia, nas salas de reunião, lendo, bebendo chá e escutando o rádio, mas nunca falando um ao outro, ao contrário, levantando o jornal diante dos olhos, como uma barreira, se aparece um estranho. Todavia, uma vez quebrado o gelo, são quasi ardentemente cordiais.

Nos E. Unidos seria raro alguém convidar uma pessoa encontrada num trem a passar um

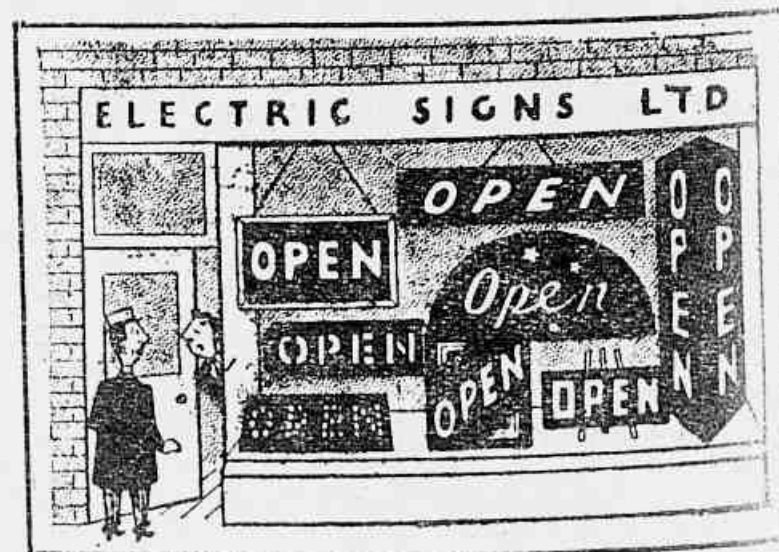
« week-end » na sua casa de campo, e no entanto isso me aconteceu, a mim e a outros que aqui vivem.

Apesar da necessidade de utilizar cada palmo quadrado de chão para plantar legumes, têm sido preservados canteiros em todos os jardins e as pessoas que passam horas em seu trabalho usual de bombeiro ou treinando com a Guarda Interna acham ainda tempo para regar suas flores. Um Chefe de esquadrão do ar, de meu conhecimento, passou horas, depois dum longo e pesado turno, reconstruindo o ninho dum cisne que havia estonteadamente começado a armá-lo num lugar onde as enxurradas na certa o arrebatariam.

O amor aos animais é prodigioso nos ingleses e eles são as criaturas mais amáveis e gentis desde que sua reserva tenha sido rompida. Não exigem nada dos outros senão que os deixem em paz. Entretanto, por causa de diferentes maneirismos, hábitos e modos de se comportarem, há sempre probabilidade de suspeita e desconfiança entre um ex-vaqueiro e um bacharel de Oxford ou de Cambridge com um lenço enrolado no punho - mesmo que o último envergue o uniforme da RAF, com a fita da Cruz de Vôo Notável no peito.

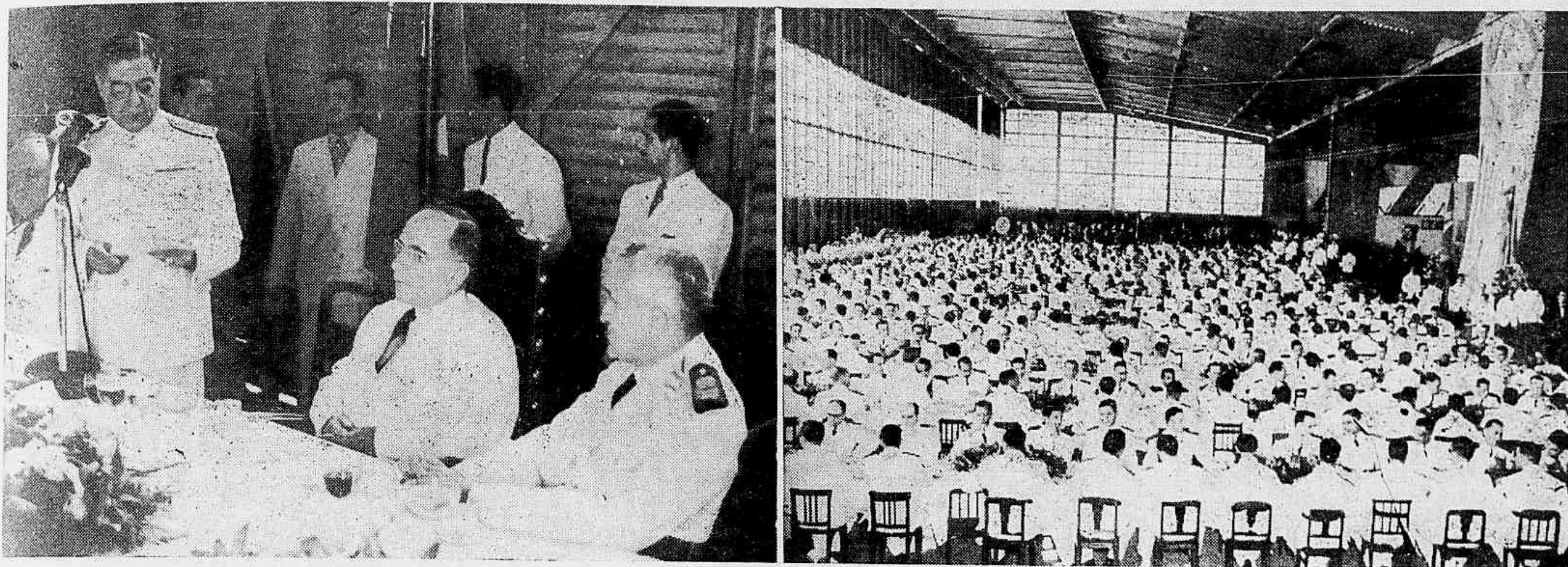


O humorismo inglês. A senhora, para o marido: « Na primeira vez que você pedir uma « corona », preste um pouco mais de atenção ao carro ».



Caricatura inglesa. Na casa de sinais luminosos, vendendo-se na vitrina « Open » (Aberto) em todos os tamanhos. O caixa: « A loja está fechada ».

FIGURAS E FATOS



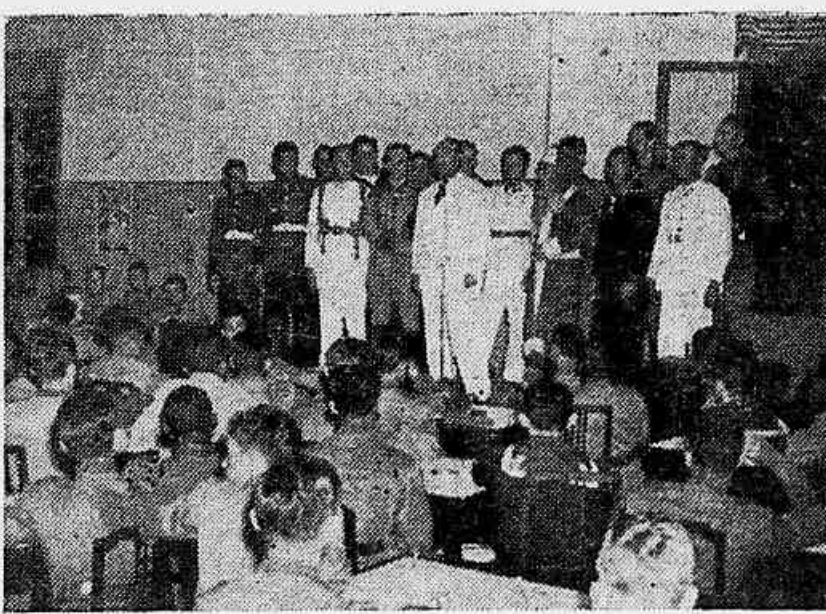
Flagrantes colhidos no "hangar" da Aeronáutica Civil, no Aeroporto Santos Dumont, durante o almoço oferecido ao Presidente Getúlio Vargas, pelas Classes Armadas do Brasil, em comemoração ao termino do ano e início do outro.



INSTITUTO DE HISTORIA E GEOGRAFIA MILITAR — A foto acima foi apanhada por ocasião da posse do Capitão De Paranhos Antunes, autor de mais de uma dezena de trabalhos, na maioria históricos, entre os quais a "Historia do Grande Chanceler". O jovem militar fez o elogio do Visconde de Porto Seguro, sendo muito aplaudido pelo brilho de sua conferencia.



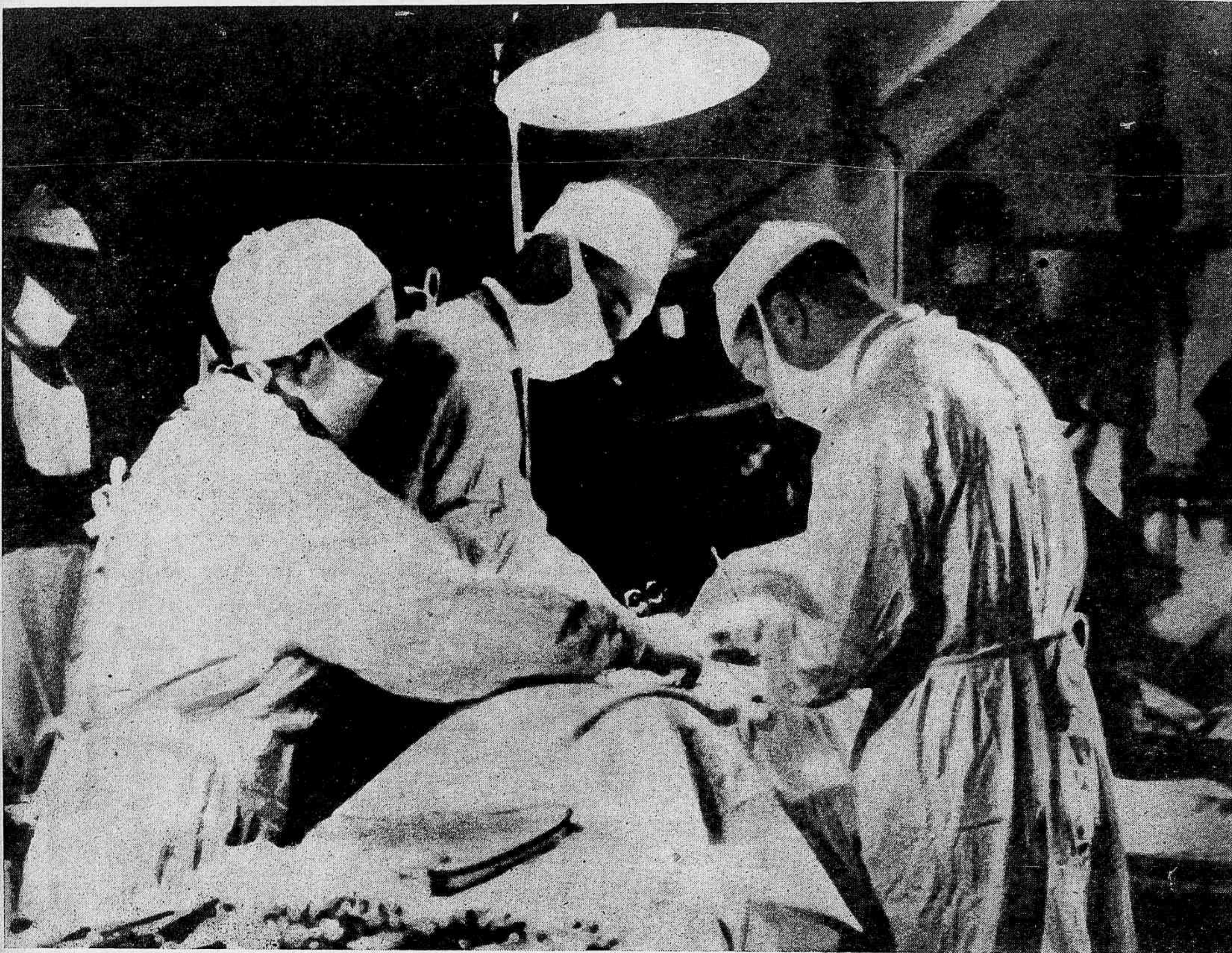
NOS ESTADOS UNIDOS O MINISTRO JOÃO ALBERTO — A fotografia acima, colhida á chegada do coordenador brasileiro á cidade de Miami, mostra, da esquerda para a direita, os Srs. T. T. Driver, representante do coordenador dos Assuntos Interamericanos; ministro João Alberto; J. J. Stenjer, do Departamento de Estado dos Estados Unidos e consul José Jobin, secretário do coordenador da Mobilização Econômica.



O NATAL DOS MILITARES — A Cantina do Combatente teve excepcional movimento no "Dia de Natal". Foi aumentado o numero de frequencia naquele dia, e isso para que os militares que se encontram no Rio, longe de suas familias, tivessem tambem um momento diferente nesse dia em que as familias se reúnem. As Snras. Darcy Vargas, Mendonça Lima e Adalgisa Neri Fontes, auxiliadas por senhoras e senhorinhas da sociedade carioca, serviram, nesse dia, os soldados do Ar, da Terra, e do Mar. Pedro Vargas, o popular cantor mexicano, foi a nota artistica do "Dia de Natal" na "Cantina do Combatente". No "clichê" vemos o grande tenor mexicano, quando rodeado de diversos militares, fazia a sua apresentação.



A Marinha e o Exército dos EE. UU. criaram um distintivo especial para as firmas que se distinguiram em serviços excepcionais na frente da produção de guerra. Uma bandeira com a letra "E", significando Excelencia, foi concedida a E. R. Squibb & Sons, pela presteza com que colocaram seus remedios ao alcance das necessidades vitais das forças armadas norte-americanas. A foto mostra a cerimonia da entrega da bandeira a quatro empregados da E. R. Squibb & Sons.



O crescente milagre da Sulfanilamida

NOVOS USOS PARA ESTES PRODUTOS QUÍMICOS ESTÃO SENDO CONSTANTEMENTE DESCOBERTOS. SUA HISTÓRIA E O PRESENTE DESENVOLVIMENTO FAZ PREVER QUE IRÃO REVOLUCIONAR A PRÁTICA DA MEDICINA.

por **WALDEMAR KAEMPFERT**

Quando os japoneses se atiraram sobre Pearl Harbor, na manhã de domingo 7 de dezembro de 1941 — os cirurgiões do exército e da armada estavam a postos, preparados com drogas de sulfa. Com essas drogas ficou estabelecido um « record » ainda não alcançado nos anais cirúrgicos. Durante dez dias, em vinte e quatro horas por dia, turmas de homens de branco operavam em rodízio em quarteirões mergulhados no « black-out ». Nas enfermarias, enfermeiras e médicos cumpriam sua tarefa à luz de ténues raios azuis intermitentes de lampadas de algibeira. Sómente os feridos que precisavam de imediatos cuidados cirúrgicos deveriam ser mandados diretamente para a mesa de operações. Ha muito tempo ficara estabelecido que seis horas seriam o período máximo de espera, para ser feita com êxito a reparação de lacerações maciças. Mas a maioria dos feridos esperou durante dias inteiros com um pouco de toxina anti-tetânica nas veias, e sulfanilamida espalhada em pó nos ferimentos. Houve mortes de choques operatórios, mas se verificou que só havia infecções nos casos que tinham sido tratados antes da chegada ao hospital.

Visitemos os exercitos em luta na China, nas ilhas dos mares do sul, no norte da Africa e que vamos descobrir? As drogas sulfa em ação, curando desintéria, prevenindo a gangrena gasosa, debelando males que eram outrora mais perigosos do que as balas.

Um grupo integral de doenças infecciosas foi dominado dum só golpe. A septemia, outrora olhada com terror, hoje tem cura. Os estreptococos das doenças da garganta, da febre puerperal, da escarlatina, das erisipelas e de várias outras infecções são todos debelados pela droga mágica. A peritonite, infecção da cavidade abdominal, que era quasi sempre consequência fatal da rotura dum apêndice inflamado, não é mais questão de vida e de morte.

Sulfapiridina, sulfatiazole e sulfadiazeno são administrados em caso de pneumonia com tal sucesso que temperaturas de 40 e mesmo 41 graus muitas vezes voltam ao normal em vinte e quatro horas. Até mesmo o irritante resfriado comum tem sido impedido de se complicar nalguma coisa pior, debelado pelas milagrosas drogas sulfa.

Isso representa um surpreendente avanço na quimioterapia — quer dizer no tratamento das doenças por meio das drogas químicas. Todos os remédios são drogas químicas, no que se segue que os médicos sempre trataram as doenças quimicamente. O que a quimioterapia inclui é uma diferença de opinião. Paul Ehrlich, que lançou o termo, limitou-o ao tratamento químico das doenças bacterianas. Os farmacologistas inclinam-se a considerar quimioterapia como o ramo de sua ciência que se relaciona com os

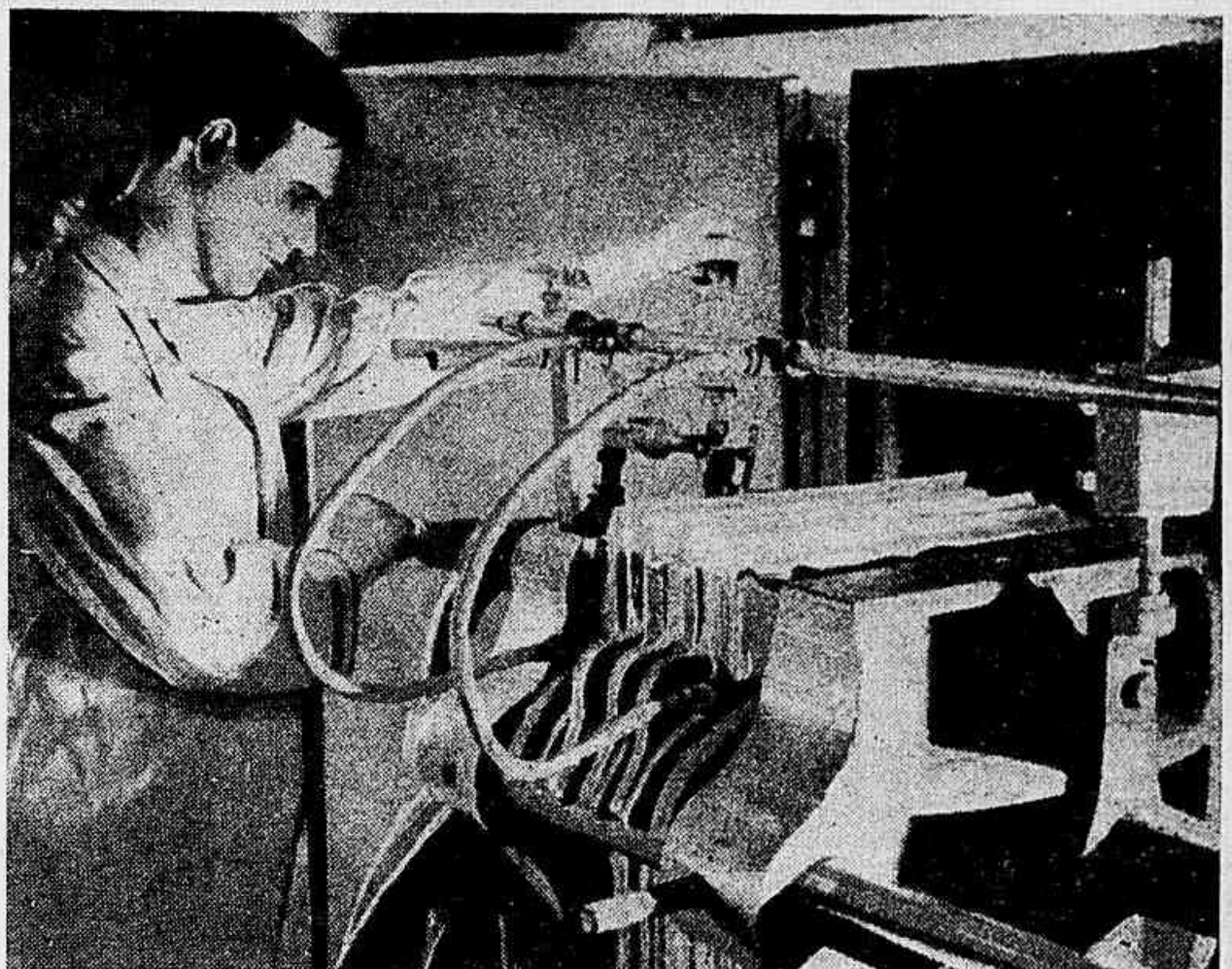
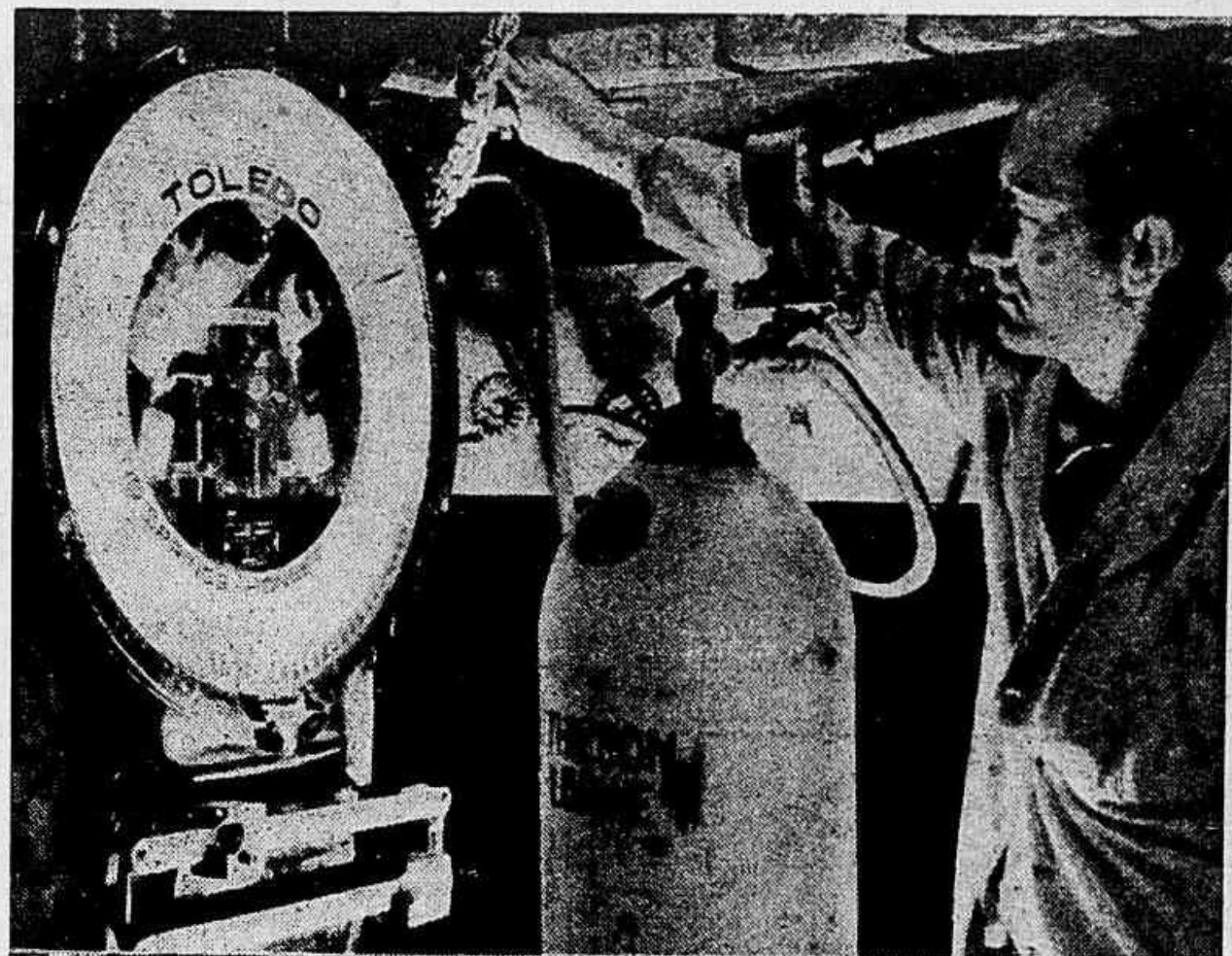
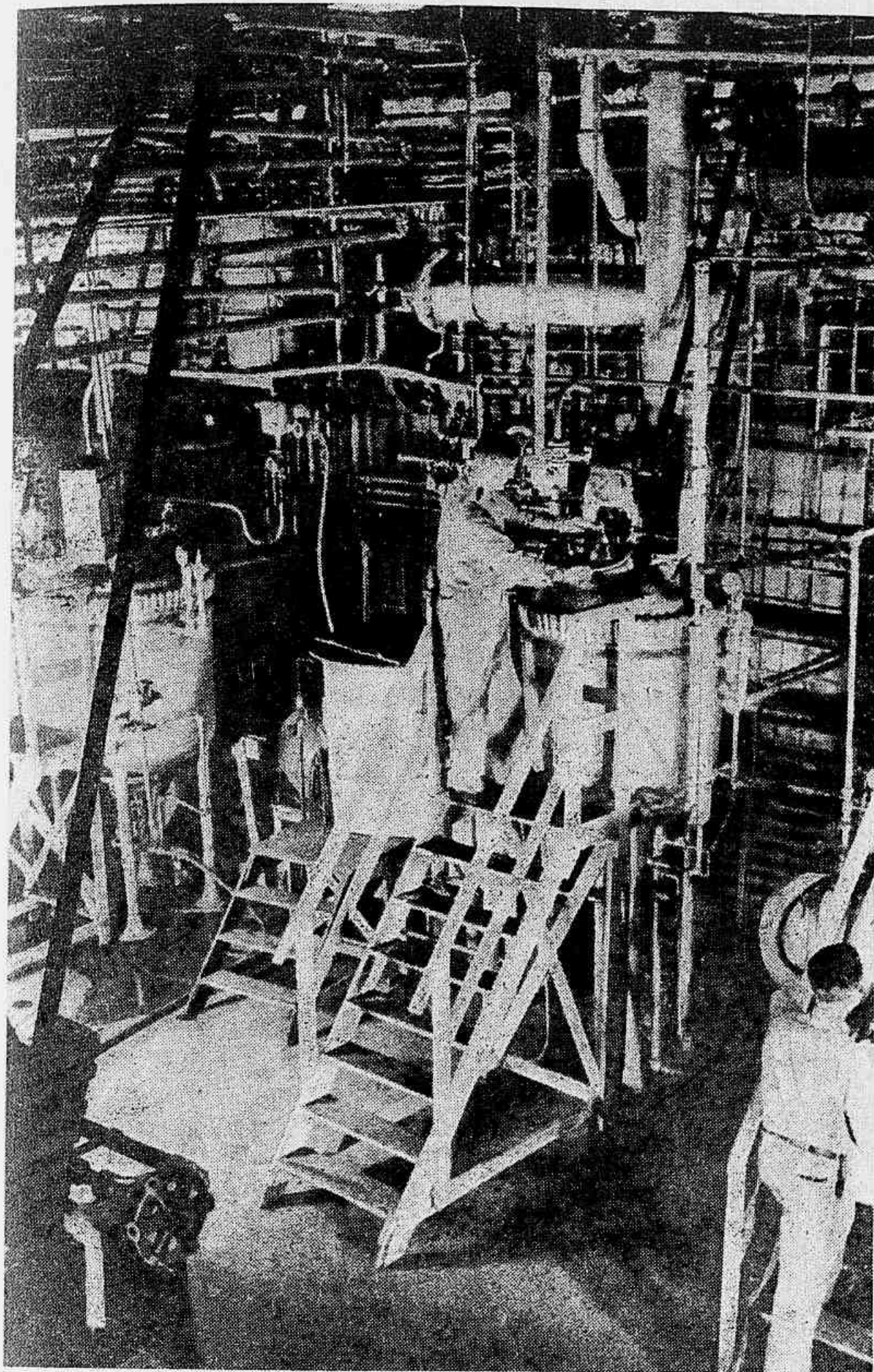
efeitos químicos das drogas sobre o organismo vivo. A aceitarmos sua ampla definição, temos que incluir entre os agentes quimioterapêuticos as vitaminas, os hormônios, os entorpecentes, os soporíferos, os extratos orgânicos.

A quimioterapia, mesmo como a conhecemos hoje, é multissecular. Quando os índios peruanos tratavam a malária com suco de chinchona, do qual o quinino derivou, estavam praticando a quimioterapia. Hoje sabemos que ha alguma virtude quimioterápica no veneno da cobra, extratos de sapo e outras drogas de origem animal que afetam os nervos e o coração.

A história da quimioterapia e portanto das drogas sulfa começa com o clássico estudo de Ehrlich sobre a sífilis. Ehrlich sabia que alguns germes não podem ser vistos no microscópio sinão corados por uma tinta especial. Por causa de alguma afinidade química seletiva, os corantes tingem o germe porém não o meio envolvente, e assim tornam o germe visível. E' o mesmo que acontece com as substancias texteis. Um corante que não pôde ser lavado da lã, não tingirá o algodão nem o linho. Ehrlich considerava um veneno como qualquer coisa de um corante e pensou que era possível achar um que atacasse os germes sem molestar os tecidos.

Ehrlich resolveu aplicar sua teoria á doença africana do sono, que é causada por microscópicos protozoários chamados tripanosomas e se transmite pela picada da mosca « tsetse ». Procurou inumeros corantes e eventualmente descobriu que só um era efetivo. Nunca se fartou de se maravilhar desta matança integral. De seus trabalhos partiu um conceito de destruição dos germes em massa, por terapia esterilizante, que Ehrlich, com os conhecimentos de latim que tem um professor alemão, chamou « therapia sterilans magna ».

A sífilis é causada por um protozoário chamado spiroqueta. Shaudin, seu descobridor, revelou que os tripanosomas e o spiroqueta são muito semelhantes. Sendo assim, porque não experimentar esse « 606 » nos spiroquetas? A história das primeiras experiências em galinhas e coelhos e a final audaciosa experiência nos seres humanos tem sido tão contada que é inútil repeti-la aqui. E' bastante dizer que o « 606 » foi um êxito formidável no tratamento da sífilis, mas que a teoria da matança global por uma dose maciça caiu por terra. Fosse como fosse, os spiroquetas conseguiram esconder-se de modo que tinham de ser atacados por pequenas doses de « 606 » espaçadas. Recentemente se demonstrou que isso é assunto grandemente relacionado com a técnica. Embora a teoria básica estivesse certa, os corantes eram tão venenosos que não podiam ser utilizados na prática médica. Ehrlich achou que o « 606 », primeiro chamado salvarsan e a arsenofenamina, matavam completamente os tripanosomas. E o que era mais importante, esse « 606 » era seguro. Outros



remédios tomaram seu lugar no tratamento das doenças tropicais, porém sua descoberta foi um marco na quimioterapia.

Se a sífilis pôde ser tratada com êxito pela quimioterapia, porque não outras infecções causadas na maioria por pequenos germes globulares chamados « cocci »? Ha streptococos, estafilococos, meningococos, pneumococos. Todos, do mesmo modo que os bacilos que são de forma esférica, podem ser mortos por um poderoso antiséptico. Mas não no corpo humano. O princípio de Ehrlich que tornava aparentes os germes, os cocos, os bacilos, os protozoários, era o único que mantinha alguma promessa. Em 1908, enquanto Ehrlich estava entregue ao trabalho, um estudante da Universidade de Viena, P. Gelmo, defendeu tese sobre o seu método de preparar um novo composto orgânico, branco e cristalino que se chama atualmente sulfanilamida. Gelmo não tivera sequer uma centelha da idéia de ter descoberto alguma coisa da mais alta importância médica.

Químicos dos laboratórios da German Interessengemeinschaft Farbenindustrie pensaram que esse composto poderia ter aplicação na indústria têxtil se fosse incorporado a um corante azotado. Depois duma série de pesquisas, descobriram um corante que tinha um efeito poderoso sobre os streptococos. Era uma combinação familiar de sulfanilamida.

Em 1932 foi submetido a exame um corante alaranjado que parecia bom demais para ser verdadeiro e que foi patenteado. Poucos meses depois, um Dr. Foerster relatava diante dum grupo de dermatologistas a cura notável de um caso de septicemia estreptocócica numa criança, por um novo preparado que obtivera do I. G. e que essa corporação havia batizado de « Strepton », nome comercial do corante alaranjado. Um caso isolado não é porém convincente, razão por que não deram muita atenção ao êxito do Dr. Foerster. O I. G. mudou o nome para prontosil e distribuiu amostras aos médicos que relataram por sua vez os sucessos obtidos no tratamento de septicemia.

Foi o Dr. Domak, bacteriologista e patologista, quem chamou a atenção para o prontasil. Durante três anos tinha estado quietamente a experimentá-lo em animais. Um artigo seu na « Deutsche Medizinische Wochenschrift » sobre 100 por cento de curas de infecções estreptocócicas realizadas em ratos fez história.

Os médicos americanos não demoraram em experimentar primeiro o prontasil e depois a sulfanilamida. As primeiras curas de infecção meningítica e de pneumonia nos E. Unidos devem ser creditadas ao Dr. Ashley Weech, do Hospital de Bebês de New York e ao Dr. Ralph R. Mellon, do Hospital da Pennsylvania Ocidental. Outros médicos estudaram a aplicação de prontasil no Hospital da Rainha Carlota, em febre puerperal e começaram a curar erisipelas e infecções estreptocócicas. Os ingleses desenvolveram seu M. e B. 695, mais tarde conhecido como sulfapiridina e o usavam com extraordinário sucesso em pneumonia.

Ninguém realmente sabia por que motivo o prontasil era tão miraculosamente vantajoso contra os cocos. Os cientistas do Instituto Pasteur isolaram-no, para saber qual era a fração eficaz. Isolaram a sulfanilamida - o pó branco a respeito do qual Gelmo havia escrito sisudamente muito tempo antes, e como se verifica hoje, incompletamente. Era a sulfanilamida que efetuava as curas. E onde estava Gelmo? Desaparecera. Ninguém ouviu mais falar nele, desde 1908.

O trabalho francês despojou a patente do prontasil de qualquer valor monetário. Químicos orgânicos da Europa e da América começaram a fazer pres-

tidigitação com a sulfanilamida, dando em resultado que ha mais de 2000 derivados atualmente. Destes os unicos em uso são a original sulfanilamida a sulfapiridina, a sulfatiazola, a sulfadiazina, a sulfaguanidina, que tem a notável propriedade de permanecer no conduto intestinal, matando assim os germes da desinteria. Os mais novos de todos são a sulfanicianamida e o sulfanilaminoguanidina. Porque toda esta atividade? Parcialmente porque a sulfanilamida é tóxica. Ingerida em pastilhas causa náuseas. Além disso é inútil nas infecções intestinais. Mas a sulfaguanidina e as suas variantes são ativas.

Porque são tão ativas essas drogas? Elas não matam, como se pôde supor. Derrame-se sulfanilamida numa cultura de cocos e eles viverão, mas sem se reproduzirem. No corpo esses mesmos cocos ficam entorpecidos ou paralisados. Aparentemente, as sutis relações entre o germe e o hospedeiro se rompem. A ultima teoria estipula que as drogas sulfa interferem com os germes da nutrição, induzindo-os á inanición. Eles retiram ou invalidam qualquer coisa vital, assim como um automóvel se deteriora quando se retira seu magneto ou seu carburador. Incapazes de crescer normalmente, os germes morrem ou se tornam inofensivos.

Com a arsênamina e as drogas sulfa, a quimioterapia está apenas no começo. Muitos bacteriologistas acreditam agora que todas as doenças infecciosas são realmente envenenamentos e que para curar uma doença o veneno deve lutar com o veneno, querendo mesmo que certas doenças que não sejam de origem bacteriana possam eventualmente ser tratadas pela química. O corpo é uma peça de máquina química delicadamente equilibrada. Rompido esse equilíbrio, adoecemos, provavelmente porque os venenos ganharam a supremacia.

Se aceitarmos este ponto de vista liberal, é claro que estamos ainda a meio do caminho científico da medicina. E' algum fator químico num soro que determina a cura. E' algum fator químico num germe que mata. E' algum distúrbio químico que o cérebro sofre quando a lucidez se esvai, como o tratamento parcialmente vantajoso da squizofrenia pela insulina parece indicar. Algum dia os soros serão destronados inteiramente e seus logares tomados por drogas que sejam idênticas aos seus componentes ativos e que escolham as partes do corpo atacadas pela enfermidade. Já teem sido produzidos antidotos sintéticos - isto é, substancias que o corpo humano fabrica automaticamente para contrapor aos venenos produzidos pelos microbios.

Algumas das vitaminas e hormônios têm sido sintetizados. Que processo é esse, senão o de duplicar a natureza em provetes de vidro? Nós administramos digital e nitroglicerina em casos de doenças do coração - e são ainda produtos químicos. Fósforo radioativo e cálcio radioativo são injetados para agir sobre ossos cancerosos e deter crescimentos anormais - outro caso de quimioterapia, no largo sentido do termo. Quem pôde duvidar de que a febre dos fenos e outras afecções alérgicas não sejam o resultado de ações químicas ou que serão curadas eventualmente por alguma droga?

Tomamos uma dose de um dos centenaes de compostos sintéticos, o luminal ou o amital sódico, por exemplo, e adormecemos. Porque? Porque o sistema nervoso ficou afetado quimicamente. Porque é que envelhecemos? Porque a química do corpo se modificou. Quando fazemos massagem nos nossos musculos, estamos estimulando o processo químico do corpo.

Voltemo-nos para onde estamos, e havemos de descobrir fatores químicos em ação.

Assim é que o desenvolvimento da quimioterapia está destinado a revolucionar a prática da medicina.

Uma escritora venceu o premio Humberto de Campos

Como decorreu este concurso literario. Lia Correia Dutra acha que a literatura brasileira está decadente. Leda Maria de Albuquerque, integrada no seculo. Os "Moinhos de Vento", de Eliezer Burlá.

Reuniu-se no dia 23 ultimo, nos escritórios da Livraria José Olímpio, a Comissão Julgadora do Prêmio de Contos Humberto de Campos, para a distribuição dos prêmios relativos a 1941, a que concorreram 43 escritores nacionais. Compareceram todos os seus membros, srs. Herman Lima, José Lins do Rêgo, Anibal Machado, Peregrino Junior, Almir de Andrade e Raquel de Queiroz, com exceção do sr. R. Magalhães Junior, atualmente nos Estados Unidos.

Iniciados os trabalhos, o sr. Herman Lima procedeu á abertura dos envelopes contendo os votos por escrito dos sete julgadores, verificando-se o seguinte resultado final:

1º PREMIO DE 5 MIL CRUZEIROS — Concedido ao livro « Navio sem porto » de Lia Correia Dutra, o qual venceu quasi por unanimidade, tendo obtido seis dos sete votos.

MENÇÕES HONROSAS - Concedidas aos livros « A Semana de Miss Smith », de Leda Maria de Albuquerque, e « Os braços suplicantes », de Eliezer Burlá, sendo que este ultimo obteve um voto para o primeiro prêmio.

Residem no Rio os três vitoriosos. E, por curiosa coincidência, o prêmio desta vez é conquistado por um escritor do Centro do País. Lia Correia Dutra é carioca. Venceram os prêmios anteriores: Telmo Vergara, gaúcho (« Cadeiras na calçada ») e Luiz Jardim, pernambucano (« Maria Perigosa »).

No permanente desejo de manter os nossos leitores informados de tudo e ao mesmo tempo pelo sincero interesse de conhecer a história e as idéias dos três vitoriosos, resolvemos procurá-los. Não levamos questionários engatilhados, planos preconcebidos de interrogatório. Quisemos que tudo se processasse naturalmente, sem artificialismos. Queríamos uma mensagem e não uma confissão.

HUXLEY NÃO É UM ROMANCISTA

Lia Correia Dutra disse-nos que sempre desejou escrever um romance, mas não pôde nunca libertar-se do conto. É, uma vez que está presa a ele, realiza-o com verdadeiro amor. O momento da criação é um instante de felicidade. Também gosta do ensaio, contando com algumas páginas publicadas neste gênero. Já teve sua fase de versos; em 1931 venceu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Entretanto, hoje acha seus versos demasiado enfáticos, feitos como foram entre os 16 e os 20 anos.

« Como nascem os meus contos?

« A's vezes tenho uma situação, outras um personagem, ou então estou simplesmente com vontade de escrever. O essencial é o resultado que possa alcançar com um destes elementos ».

Perguntámos o seu ponto de vista sobre a guerra no que diz respeito ás suas prováveis consequências literárias.

« A verdadeira literatura de guerra (desta guerra) ainda não surgiu. Isto só acontecerá mais tarde. Agora só está florescendo uma literatura de propaganda, nada mais. Não devemos condená-la. Em todas as pátrias ela corresponde a uma necessidade de defesa nacional. Além de que, á mobilização de todos os elementos não pôde e não deve fugir o escritor.

Esteve tomada de uma mania dostoevskiana, aos 20 anos. Depois foi admiradora de Proust. Agora gosta dos escritores ingleses, porém não considera Huxley um romancista. Seus personagens ressentem-se de « vida ». Extraordinariamente lucido, o Autor de « Contraponto » não faz « romance » na expressão correta do termo. Ha um cerebralismo excessivo em suas concepções.

Atribue a José Lins do Rego um grande papel na literatura brasileira. Foi ele quem revelou o Norte, sua civilização e seus costumes, ao resto do Brasil, concorrendo para o estreitamento dos laços nacionais. Exerceu um papel nacionalizador noutro sentido, rompendo a tradição do « romance francês », divorciado do nosso meio. Com ele fez-se o romance do povo, dos costumes e da paisagem. Em suma: nem mesmo ele sabe o grande romancista que é. Devemos seguir o seu exemplo, contar a verdade de cada lugar, realizar um regionalismo são, sem provincialismo. Esta é a unica maneira de chegar ao universal, ao eterno.

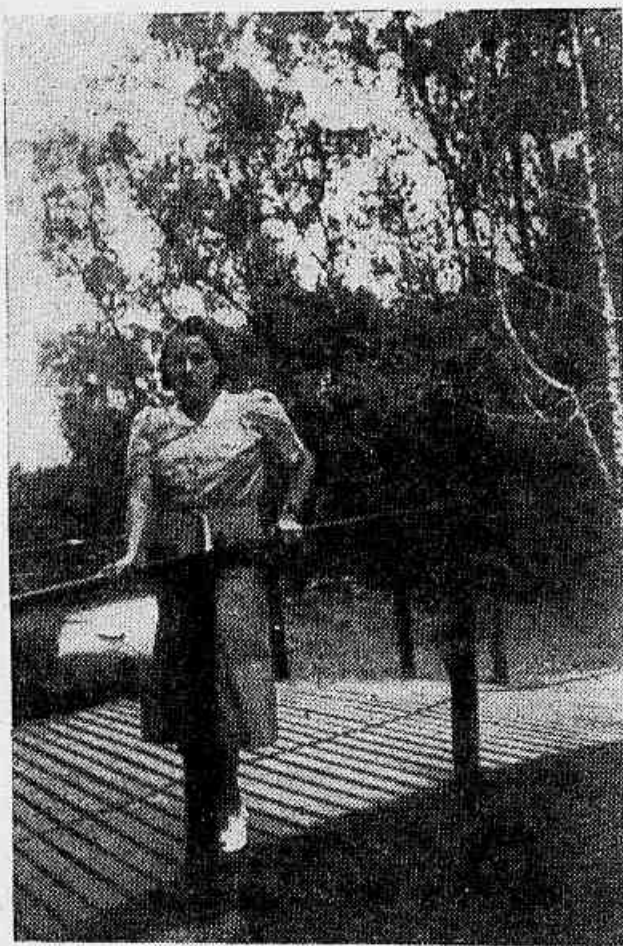
A literatura brasileira encontra-se em visível declínio, desde 1935. Talvez tudo se explique pelas dificuldades editoriais do momento. Depois da tempestade sobrevirá uma pletora literária. Uma nova onda creadora.

O QUE NOS DISSE A AUTORA DE « A SEMANA DE MISS SMITH »

Leda Maria de Albuquerque começou falando da emoção enorme que sentira quando assistiu á estréia da peça de que é co-autora - « Julho, 10 » - no Teatro Serrador. Foi uma de suas maiores satisfações até hoje.

Soubemos, em seguida, dos seus sucessos, já alcançados, em repetidos e disputadissimos concursos. « Vidas Dispersas », uma peça teatral escrita em colaboração com Mirta de Queiroz Lima, foi classificada em primeiro lugar, num concurso instituido pela União Nacional de Estudantes. Também foi a autora da melhor crônica sobre o filme « Mayerling », num concurso estabelecido pelo « D. Casmurro ». Anteriormente ganhara um prêmio deste mesmo gênero, na Livraria José Olímpio, relatando sua impressão de « Com os braços abertos ».

Não se lembra do seu primeiro conto. Tem apenas uma vaga idéia de que não esperava que ele fosse publicado. Começou a escrever quando cursava o primeiro ano complementar na Faculdade de Direito.



LIA CORREIA DUTRA, a primeira colocada com o livro « Navio sem porto », é um nome conhecido já, nas letras e no magistério brasileiro. Vemo-la nesta fotografia, em um recanto aprazível de Caxambú

O que a impressiona em primeiro lugar, o nucleo das histórias que vai escrever é, na maior parte das vezes, o tipo humano. Com este material, arma o arcabouço e depois, munida deste equipamamento cerebral, atira-se ao trabalho propriamente de fixação, escrevendo.

Não alimenta nenhuma preferência por autores. O que procura nas leituras são sugestões para a vida, e isto pôde ser encontrado em muitos livros. Leu Edgar Poe, Anatole France, Charles Morgan. Ler é uma necessidade espiritual tão forte, tão indispensável quanto o esporte e a ginástica para o fisico. Acentuou mesmo que gostava de esporte, como da praia, da dança, do cinema. Está perfeitamente identificada com o século e entende de que só se viva assim.

O ESCRITOR DEVE SER UM COMBATENTE

Eliezer Burlá não acredita nas precocidades. Acha que ninguém pôde revelar vocações literárias muito cedo. Escrever é uma coisa séria que exige uma preparação especial. O escritor tem deveres. Indagamos qual seria então, para ele, a missão do escritor. Eliezer nos declarou que preferia não usar esta palavra. Não lhe agradam alguns termos, cuja simples enunciação demonstra certo pedantismo. É absolutamente contrário á demagogia literária. Todos os temas devem ter uma parcela de realidade; nada de palavras inúteis, de capitulos vazios, mesmo que isto venha satisfazer aos padrões clássicos. Padrões, aliás, de que o conto moderno está liberto. Hoje o conto é um simples « momento », nada mais.

Começou a escrever aos 18 anos. Depois, durante cinco anos em que esteve no Pará e no Rio Grande do Norte, viveu um periodo de intensa atividade intelectual. A ausência das solicitações dispersivas da metrópole faz com que possamos viver uma vida muito mais nössä, na provincia.

O primeiro dever do escritor é ser honesto. Desde que ele observa os fatos, realizando uma síntese da vida « para os outros », é preciso que proceda « honestamente », sempre coerente consigo mesmo. Para isto é necessário muito equilíbrio, muita capacidade de auto-crítica; todo aquele que se entusiasma deixa de raciocinar e acaba errando.

Reconhece que não é lá muito fácil, mesmo porque o escritor é um burguês. Todo intelectual, deste ou daquele modo, procura o seu bem-estar, a sua estabilidade, que é a condição imprescindível a uma ação fecunda e em geral acaba sacrificando quasi tudo a isto.

O triunfo agora alcançado não o alegrou muito. Talvez, se ocorresse na época em que escreveu o livro, ficasse deslumbrado. Agora não. Hoje é o primeiro a perceber no seu trabalho alguns lapsos, algumas falhas, que não seria capaz de cometer agora.

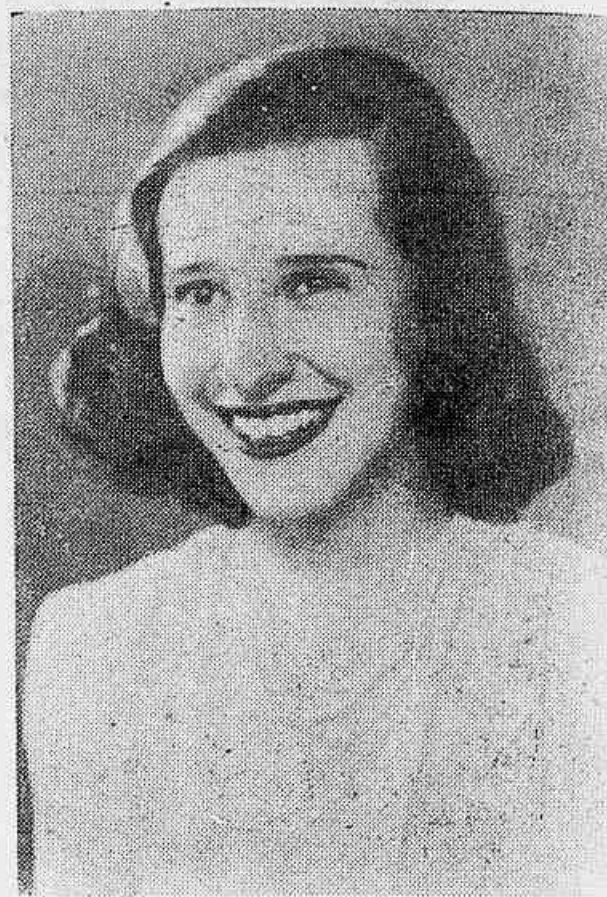
A compreensão é a base de todo entendimento humano. Neste sentido que devemos nos esforçar. Não existem homens superiores e inferiores. Os homens são apenas diferentes entre si.

Voltando a falar sobre o escritor, declarou que, justamente por uma questão de honestidade é que ele deve ser um lutador, um combatente infatigável. Não é possível indiferença ante o crime. Toda indiferença seria uma covardia.

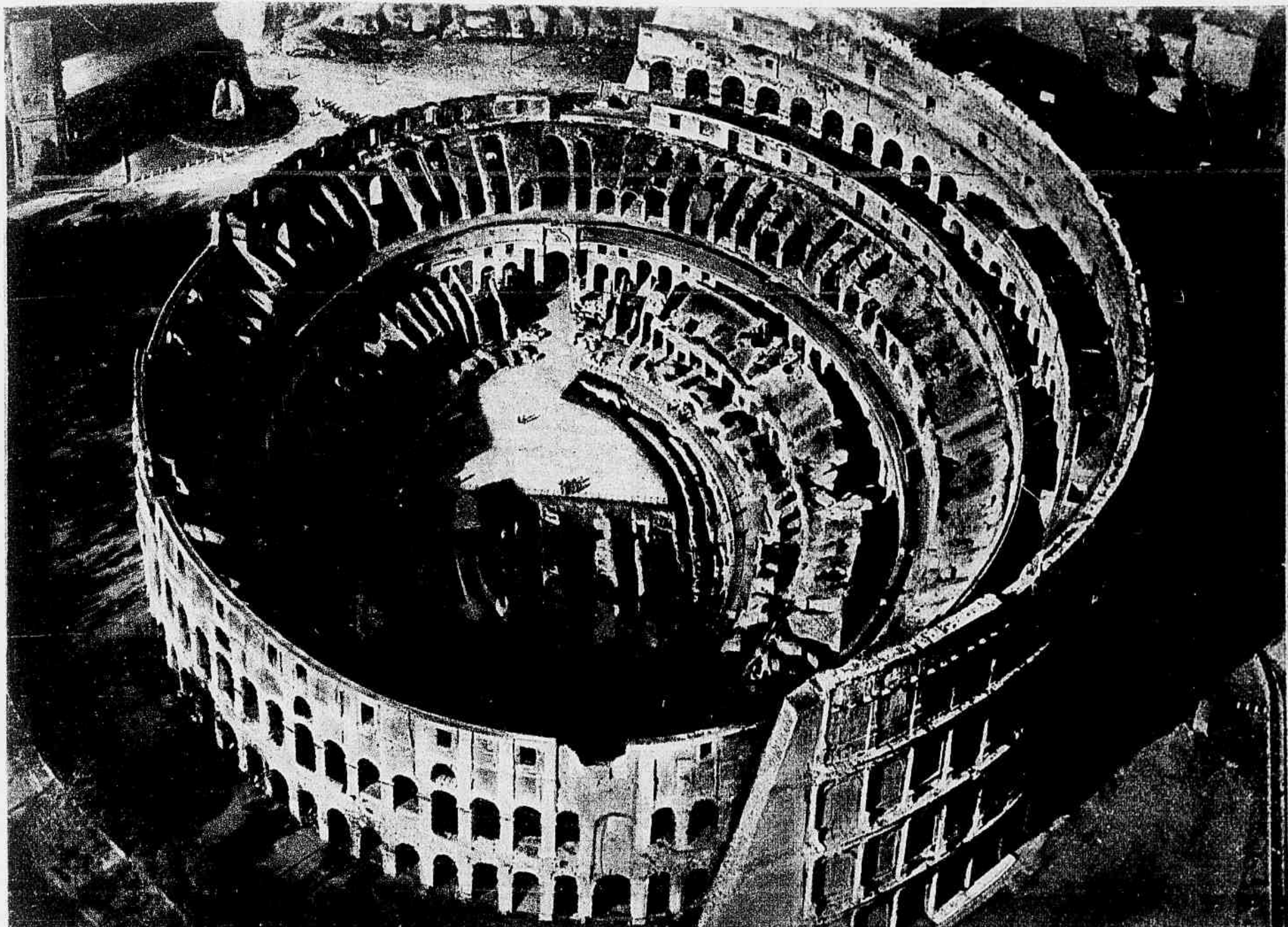
Gosta muito de lêr os romancistas modernos e acalenta um projeto de romance que se intitulará « Moinhos de Vento ». Neste livro pretende contar a história do moço, o drama eterno do Quixote, investindo contra os moinhos de vento da realidade, com as lanças frágeis de seus sonhos.



O sr. Eliezer Burlá, autor de « Os Braços Suplicantes », quando prestava suas interessantes declarações á reportagem, no seu gabinete de trabalho.



LEDA MARIA DE ALBUQUERQUE é uma vocação indiscutível de escritora. Em plena festa dos 20 anos já detém apreciável patrimônio de louros, inclusive a recente vitória no concurso teatral do Ministério do Trabalho. É quintanista da Faculdade Nacional de Direito.



Tapete Mágico

Entre os monumentos que fazem de Roma a cidade eterna por excelência, nenhum dá idéia mais poderosa da grandeza histórica dos romanos do que o Coliseu.

Colosso de pedra, outrora revestido em toda a extensão de mármore preciosos e de centenas de estátuas de deuses e de heróis, com a sua circunferência exterior de 530 metros e a altura das muralhas atingindo no ponto mais alto 45 metros, todo aberto em arcarias, justapostas em três ordens admiráveis de equilíbrio e de desenho, o Coliseu domina hoje a Via dell'Impero como se fosse uma visão do passado, surgida por milagre das sugestões da cidade dos papas, em pleno tumulto do século XX.

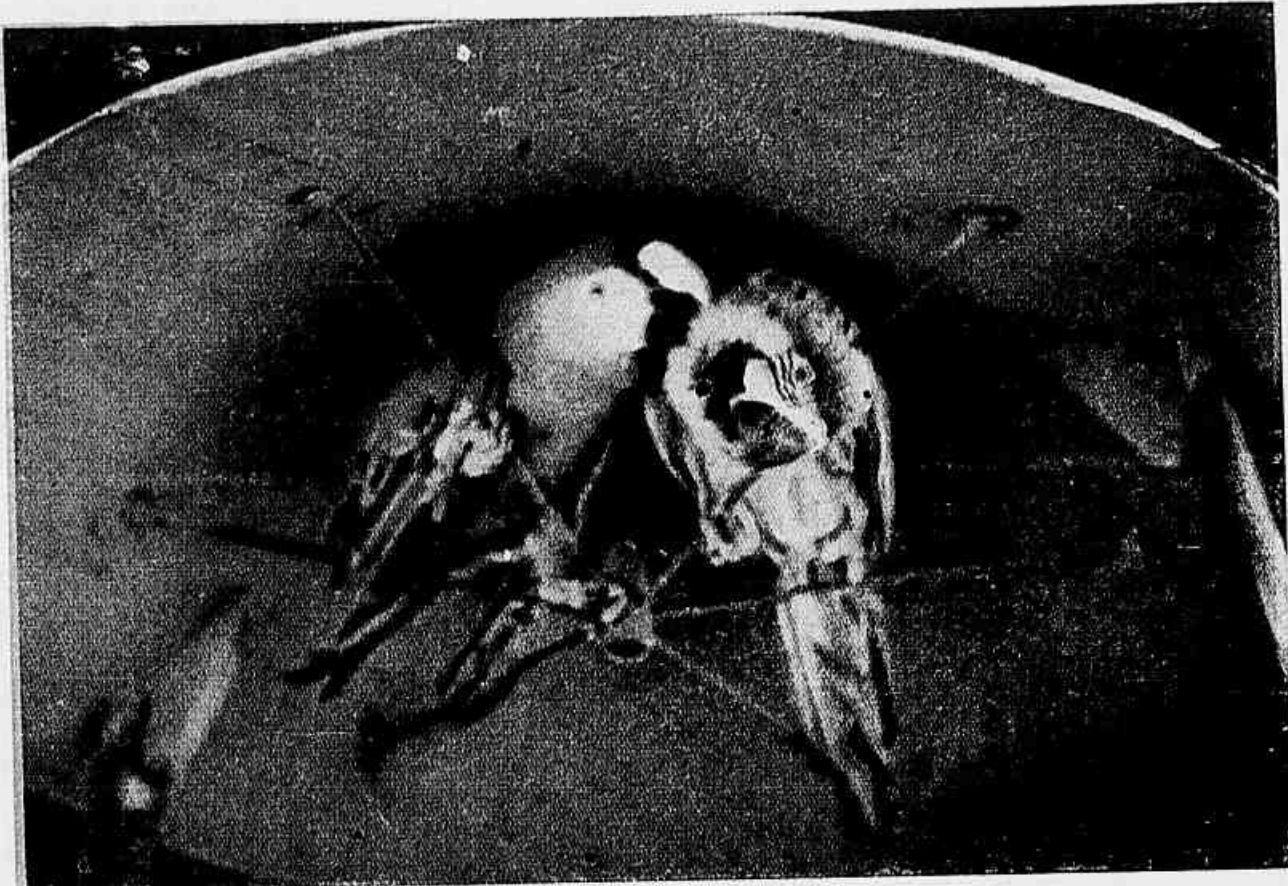
Começado a construir pelo imperador Vespasiano, foi Tito, no ano 80 da nossa era, quem o inaugurou, á sua volta de Jerusalém. Não ha teatro igual no mundo e poucos monumentos universais podem comparar-se á sua imponência. As festas de sua inauguração duraram 100 dias e contam que 5 mil feras foram mortas nos espetáculos. Acostumados ao espetáculo do trucidamento dos leões do deserto, os romanos dos séculos II e III passaram a saciar sua crueldade no trucidamento dos cristãos pelas mesmas feras. O que se passou dentro dos muros do Coliseu encheu de espanto a História. Requiñtes de barbaria que o nazismo da nossa época, alucinado pela idéia da « Nova Ordem », haveria de reproduzir nas cidades da Europa, em escala mil vezes mais tenebrosa.



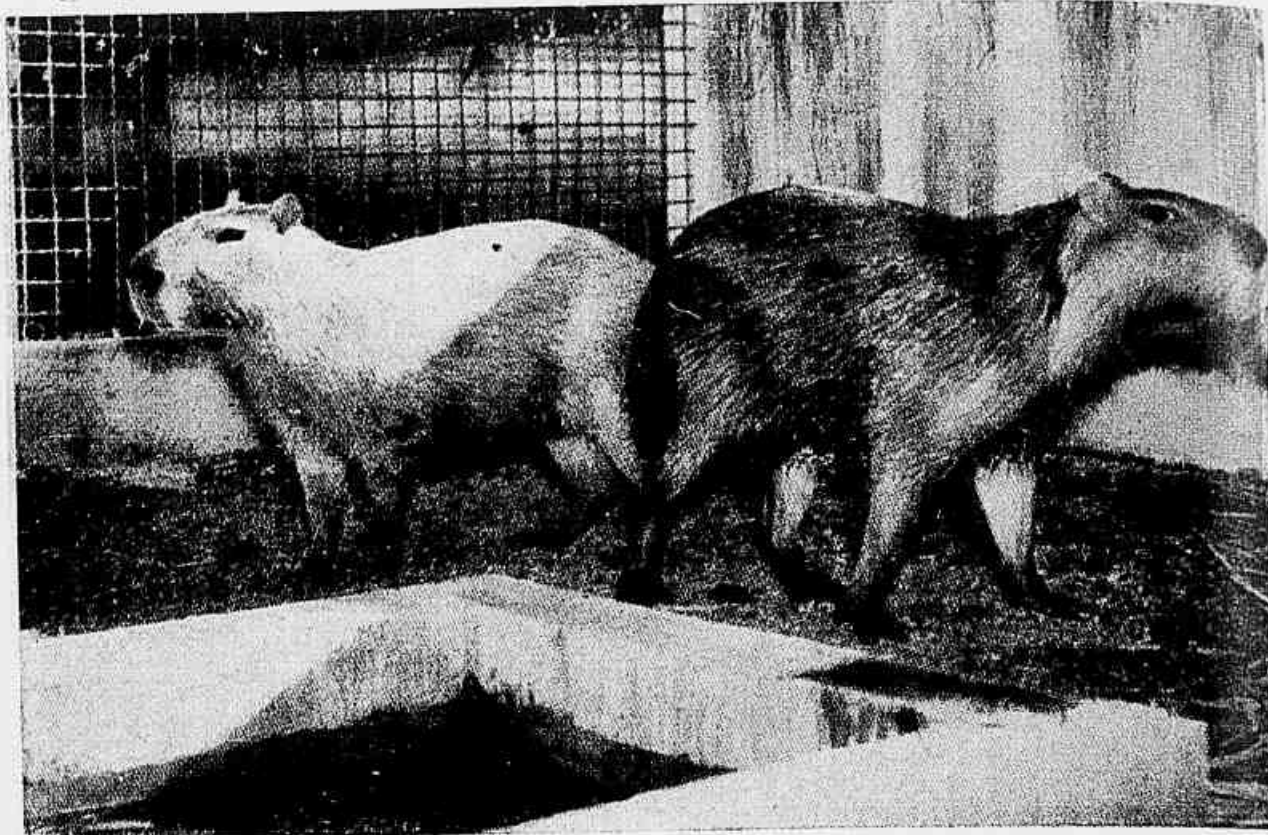
Esta indiana de olhos de veadozinho espantado, com o nariz perfurado pela joia que lhe assinala a categoria social, traz na expressão de ardente altaneria todo o milenário mistério da alma da sua raça e da sua terra.



Rembrandt é um dos cimos da arte universal. O filho do moleiro de Leyden, criador da pintura do claro-escuro, animando de vida eterna a humanidade dos seus judeus, rabinos, guerreiros de capacete dourado e das suas mulheres duma tranquila sensualidade, vive hoje, tresentos anos depois do seu desaparecimento mortal, como um dos titãs da pintura de todos os tempos. A luz da « Ronda noturna », do Rinsk Museum de Amsterdam, tem na história da arte, a significação dum faról no alto mar.



Na policromia bárbara de sua plumagem, na variedade desconcertante de seus gritos, a arara é bem o trópico, é bem a ave da terra de sol. Ei-las escondidas no telhado de sua residência.



Esta é a capivara (Hydrochoreus Capybara), esse animal tão conhecido nas nossas histórias sertanejas. É um roedor que, pela sua gordura, necessita permanentemente de água para imersões prolongadas. E ela faz tal questão disto que, não havendo um tanque, acaba mesmo morrendo. Caprichos de capivara...

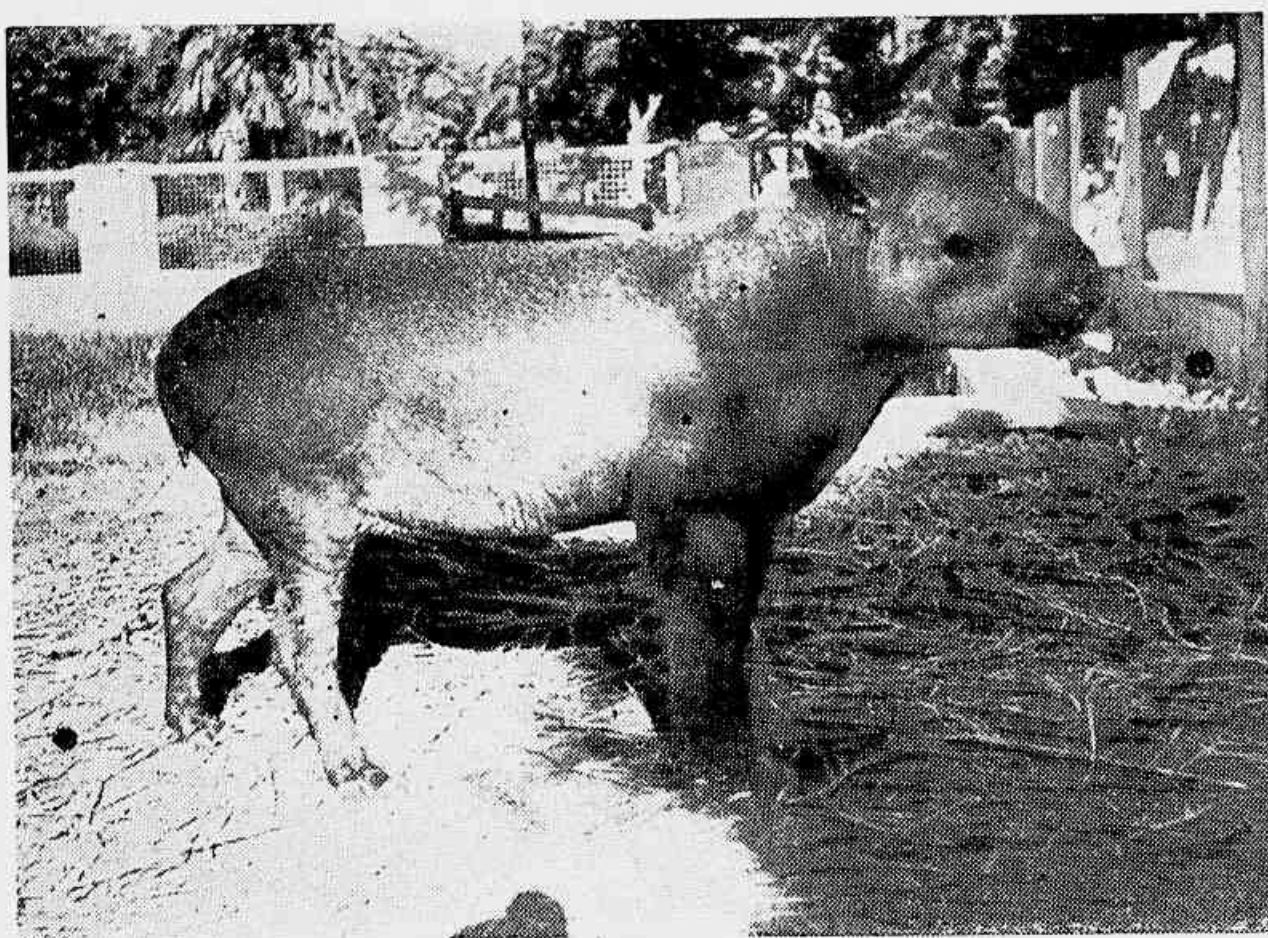
NOSSA TERRA

NO REINO TRANQUILO DOS ANIMAIS E DAS PLANTAS

Visita ao horto de Niterói --- A beleza estranha das Orquideas --- Nostalgia da selva --- As capivaras gostam do esporte.

Poucos que estão lendo esta página terão visitado o Horto Botânico de Niterói. Não obstante, é um recanto tranquilo, cheio desse bucolismo que se encontra nos bosques, á sombra amiga das árvores.

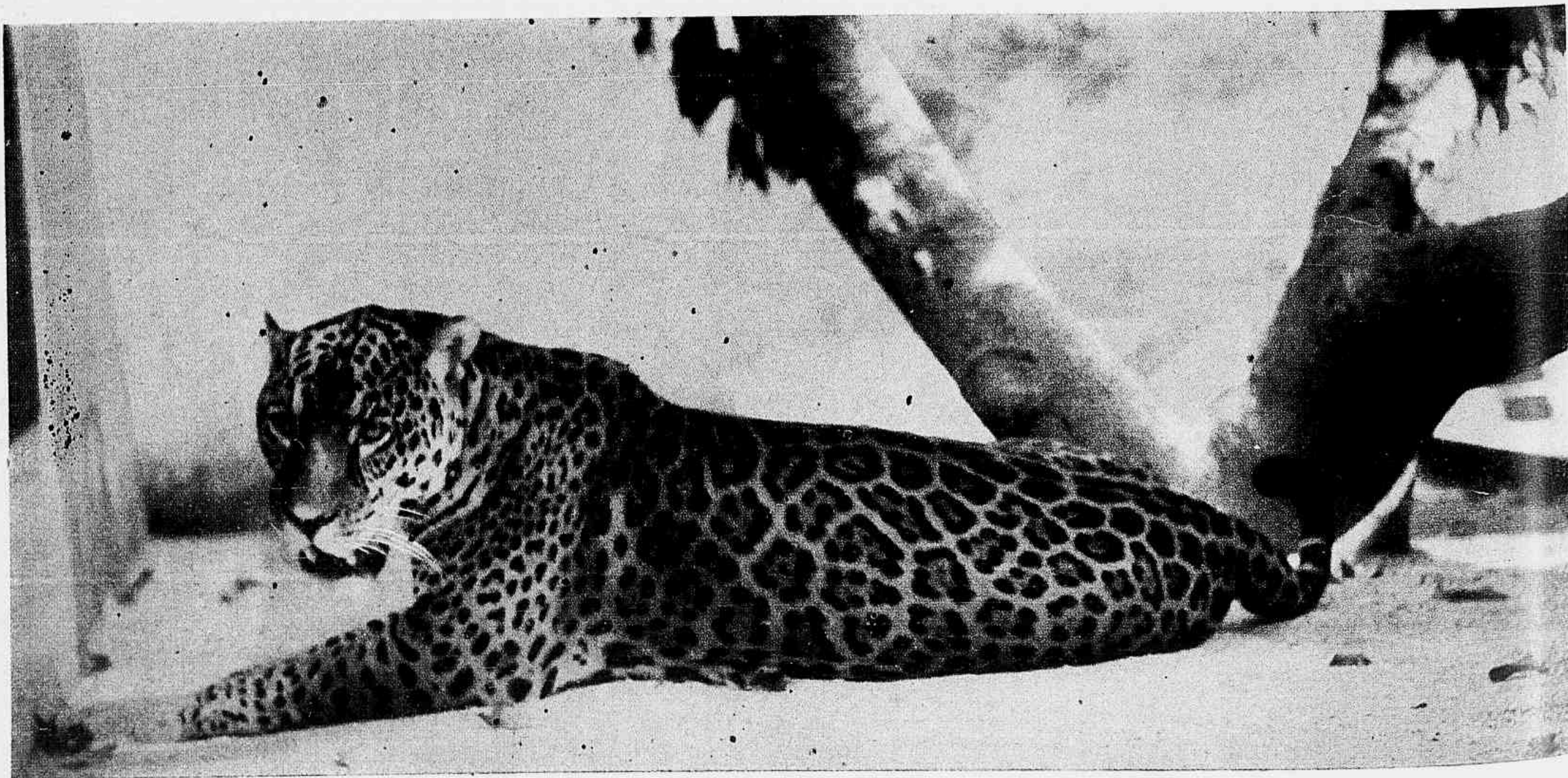
Fundado em 1926, foi consideravelmente enriquecido em 1942, com a parte zoológica. Hoje são encontrados ali os representantes mais belos e mais expressivos da fauna brasileira, provindos do seu legítimo « habitat ». Constitue um mos-



O TAPIRUS AMERICANUS, vulgarmente chamado Anta, é o animal mais volumoso do Brasil. Tem inspirado escritores e poetas, como símbolo mesmo de uma nacionalidade. O exemplar acima proveio de São Paulo, donde foi remetido pelo seu governo.

truário vivo do Brasil, porque revive, neste litoral distante, os espetáculos surpreendentes dos « hinterlands » inhóspitos; desempenha assim uma função educacional de valor inestimável junto á infância e á juventude fluminense.

As fotografias que ilustram este texto e as informações aqui existentes, obtidas graças á gentileza do seu diretor, dr. Gilberto Mendes Carneiro, poderão dar uma idéia do que seja este logradouro niteroiense.



Este filhote de onça pintada (Felis Onça), proveniente das selvas paraenses, bem poderia ser a figura simbolica das energias continentais despertas, no milagre de vida e de força

A fala do Ano Novo

(Fotos da Agencia Nacional)



O presidente Getúlio Vargas aproveita a passagem do ano para falar ao Brasil e ao mundo.



Interrompendo as dansas do "réveillon" elegante, estes alegres convivas escutam o discurso do Presidente.



O jovem casal, com o filhinho ainda desperto, serenamente ouvindo o que diz o Presidente.



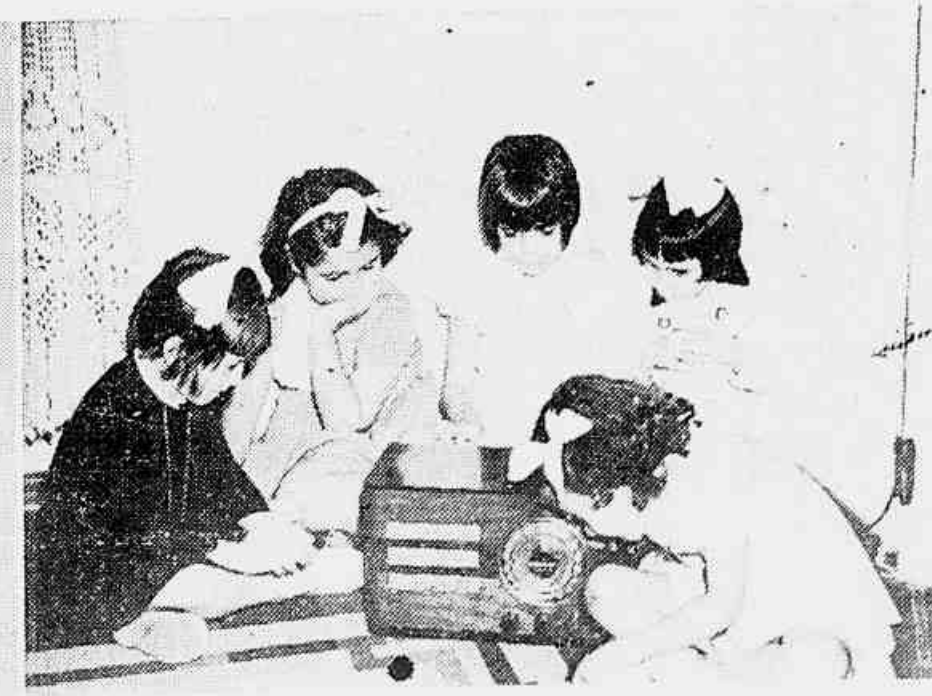
Toda a família se reuniu para este momento de grandes expectativas.



Em todos os rostos a expressão de recolhimento e de atenção é a mesma.



As pequeninas prestam a maior atenção ao que estão ouvindo.



Estas aqui não se inquietam com a hora tardia da noite e também escutam.



Sozinho na sua saleta diante do radio, o homem que teve um dia de cansaças.

PARADA DE NOIVAS



Todo mundo gosta de olhar uma noiva. Onde haja um casamento é certo haver uma multidão à espera de ter uma visão da noiva. O noivo é apenas um figurante nos casamentos. O centro da atenção, o ponto focal de todos os olhos e interesses é a noiva. Esta é que é a verdade, não importa de que parte do mundo se trate. Mesmo nos chamados recantos selvagens do globo, a noiva é o número de sensação dum cerimônia nupcial. Pode ser a única hora de toda a sua vida em que seja considerada pouco mais do que um objeto de propriedade, porém ela terá essa hora para recordar sempre.

E, naturalmente, quando se fala em noivas, fica-se pensando no vestido nupcial e como ele varia dum país a outro! A esse respeito, a coleção pertencente à Escola Traphagen de Modas, de New York, é de grande interesse. A coleção de vestidos de casamento de muitas terras foi reunida por Ethel Traphagen e seu marido, num período de 25 anos, e está sendo agora utilizada pelos estudantes da escola, como inspiração para os desenhos que estão criando para as noivas ultra-modernas.

O oriente contribui com alguns dos mais coloridos trajes nupciais, porém a Europa tem alguns dos mais singulares vestidos. Ainda hoje vestidos de casamento que fizeram furor há centenas de anos são usados em algumas partes da Europa. Muitos deles são originais que passam de mãe a filha, por várias gerações. Mesmo na América, são vivamente coloridos e vistosos os trajes nupciais dos Índios Hopis e das noivas do México antigo.

As séries de fotografias destas páginas e da capa mostram uma dúzia de vestidos da coleção Traphagen. Muitos países estão representados nesta bonita parada, mas as pequenas que aqui figuram são todas americanas.

MEXICO ANTIGO—Este é o vestido nupcial Yalalteco, da provincia de Oaxaca, Mexico. O vestido é um simples Huipil, como os mexicanos designam sua túnica em forma de quimono. O penteado é exquisito e proprio das mulheres Yalalteco. O unico enfeite no vestido é a franja de seda azul que escorre da linha do pescoço.





ANTIGO CATAIO—Temos que fazer uma viagem à China para admirar este vestido da tradicional noiva chinesa “vermelha”, como é designada, para se diferenciar da noiva “branca” do casamento cristão. O vestido é de setim escarlate, igual ao que usa o noivo. Protetores de prata para as unhas demonstram que a noiva é de nobre família. O toucado é elaboradamente guarnecido de pedras semi-preciosas e adornado com pingentes.

DA PALESTINA—Ramallah, na Terra Santa, contribuiu com este atraente vestido de bodas. É tecido a mão, de linho ricamente bordado, e cada ponto no traje deve ser feito pela própria noiva. Uma grinalda de moedas que habitualmente serve como dote é usado em torno da cabeça, ligada a um capuz de linho. Alguns acham que foi isso que inspirou o halo da arte sacra.

DA ISLÂNDIA—Até mesmo para se casar uma pequena precisa aquecer-se na Islândia. É por isso que o vestido de casamento combina toques decorativos com requisitos uteis. O vestido é de casimira preta, simples, formando um vistoso fundo para a tiara dourada, o cinto de ouro e a boina de veludo dourado. Um dos pingentes presos a uma cadeia delgada em volta do pescoço da noiva contém perfumes.

NOIVA LIBANESA—Do Líbano, nas praias ensoladas do Mediterrâneo oriental, vem este traje, que é usado agora exclusivamente pelas noivas, quando era antigamente usado em todas as ocasiões pelas mulheres de classe elevada daquele país. Uma nota espetacular é o chapéu cônico, de prata, com moedas pendentes, conhecido como “tantur”. Muitas vezes ele vale o dote da noiva. O vestido é de setim magenta, blusa verde bordada e calças turcas de azul celeste.

ÍNDIA—A Índia, terra do colorido, manda este vestido cor de cereja, verde brilhante e de ouro, que pertenceu outrora à mulher de um rajá de Jaipur. Tanto o vestido como o “sari” são de pesado brocado de ouro com entremeios de tecido de ouro e bordados vivos. O uso adorável do ouro nos vestidos é uma tradição indiana.

CROÁCIA—Colorido devéras é o vestido da noiva croata. O tecido é de fazenda nacional, decorado com faixas coloridas de bordados pesados em padrões alegremente vivos. Um avental da mesma ornamentação vistosa é usado sobre a saia rodada. As mangas largas são orladas de renda. Múltiplas fileiras de contas ajuntam mais colorido ao conjunto.

TRES NUM—O vestido nupcial da índia Hopi é usado em outras duas cerimônias da vida da noiva ou melhor uma vez em vida — quando seu primeiro filho recebe o nome — e de novo quando a noiva se reúne aos antepassados. É portanto extremamente difícil adquirir-se um autêntico costume de noiva dos Hopis. O conjunto é tecido a mão em lã preta, com motivos entretecidos em cores vivas.





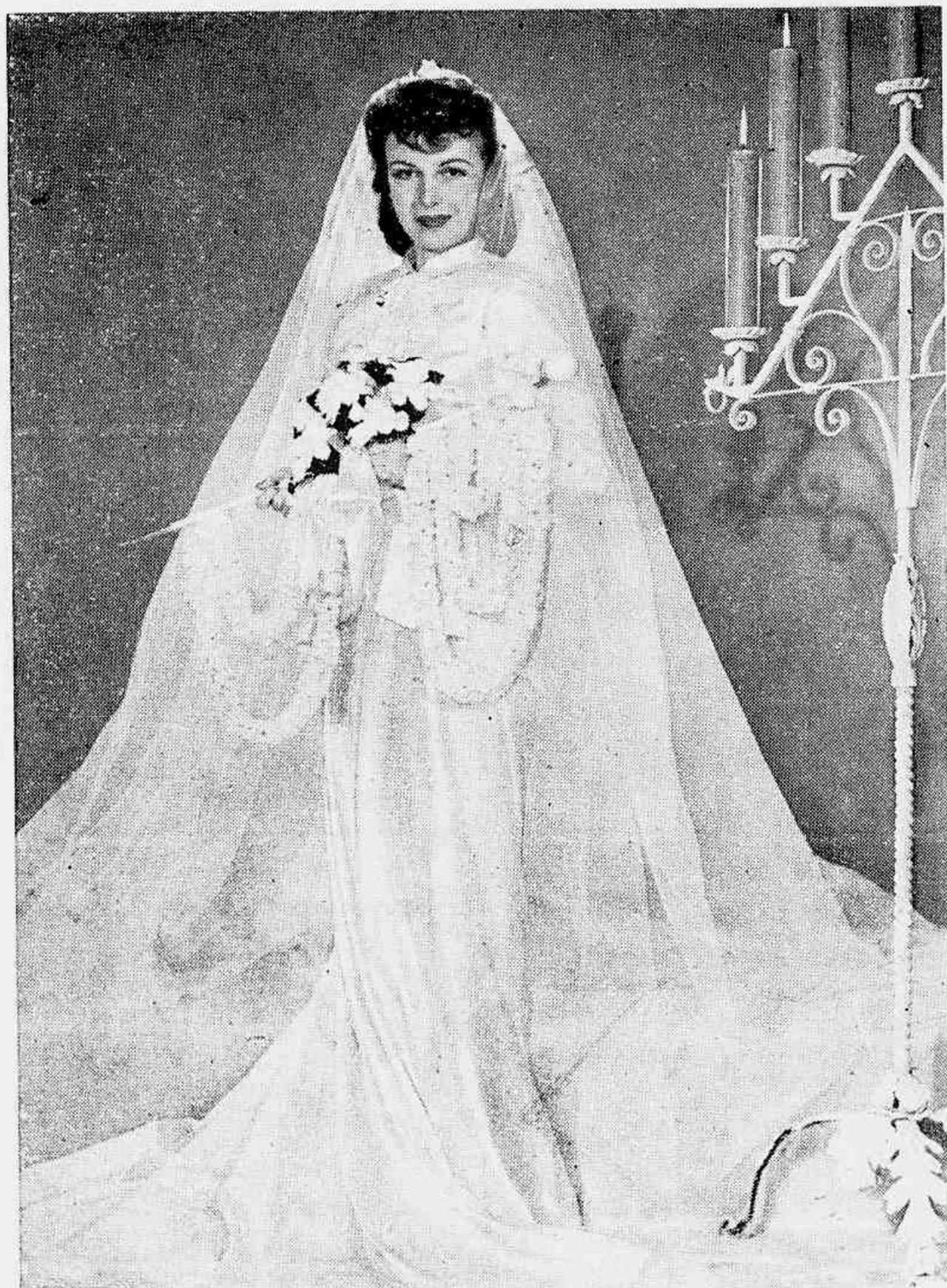
MONGOLIA — Este vestido de noiva mongol é de cor castanho escuro e azul pálido. O toucado tem uma franja de contas brilhantes e o cinto é guarnecido de pedras semi-preciosas. O grande pingente quadrado é efetivamente uma chapeleta de prata suspensa a uma cadeia de prata e contendo pergaminhos de orações e um Buda em miniatura.



HOLANDA ANTIGA — Da pitoresca ilha de Marken, na Holanda, vem este original vestido nupcial. Este traje exótico enfeitou quatro gerações de noivas de Marken. O corpete de barbas de baleia e rendas é bordado com sete rosas. O traje das damas de honor pode ser copiado do vestido da noiva, mas só pode ter cinco rosas.



POLONIA — Em todas as suas provações, em períodos de paz e de guerra, a Polónia preservou seus velhos costumes. Este vestido de casamento vem do distrito de Cracovia. Sua nota singular é o enorme toucado de flores e lantejoulas e o colar pejado de apêndices. O toucado é importante, pois quando é removido depois das festividades nupciais o cabelo da noiva é cortado e uma boina branca de matrona colocada em sua cabeça.



OCIDENTE — É a noiva que todos conhecemos. Véu, grinalda, vestido branco, longa cauda de seda branca arrastando pelo tapete escarlate da igreja, uma nuvem de tule a envolvê-la. Nas mãos o ramalhete de lírios ou de cravos brancos. O vestido atualmente bem justo, com o corpete curto ou em forma de túnica, de corte quase monástico. A brancura do conjunto evocando a pureza dos lírios e das coisas imaculadas. Uma visão para se recordar para sempre.

Chapéus



Para alta "toilette", aqui se apresentam seis modelos de chapéus bem bonitos.

Bonbons
VITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

GASPA! CABELOS BRANCOS!
use
LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS
BRANCOS ou GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

Menstruas!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO
M.F. PELA CIBEL. MARCA. 20-2-2

Numeros atrasados desta
Revista no Acre

Pedir a

DIOGENES OLIVEIRA

RIO BRANCO



PERFEIÇÃO

E EFICIENCIA

É surpreendente notar, mesmo para um observador superficial, a tenacidade com que tanta gente se prende aos métodos e idéias antigas — talvez porque isso alivia da pesada tarefa de pensar, ou porque é “bonito” respeitar as tradições ou, ainda, porque não se apercebem, os que assim procedem, de que a única tradição que importa conservar é a da eficiência, sem a qual nada se realiza de estável e perfeito.

Não confundamos, porém, a tradição, base de cultura e fonte onde se inspiram tanto os “modernos” como os “tradicionalistas” — escritores, cientistas, artistas ou artesãos conscientes de suas responsabilidades — com esse emaranhado de idéias ócas, inexpressivas e pesadonas com que certos “práticos” se engalanam para ludibriar incautos.

Ha “padrões” — a que alguns “modernos”, na sua fúria niveladora, chamam “standards” — que não podem, de forma alguma, ser modificados, porque as-

sentam sobre as leis fixas de “estática”, que lhes dão harmonia e equilíbrio.

Conservar a proporção exata e conveniente dos padrões consagrados e, sem lhes prejudicar a estática, adaptá-los, si for preciso, ao dinamismo da vida moderna, afim de conservar a sua eficiência criadora em novos motivos de enlêvo, neste mundo tão árido pela monotonia da “standardização”, é a função precípua do Decorador, que tem de atender, tanto no arranjo dos móveis como no gosto das cortinas, na escolha dos tapetes e em todos os outros motivos de adorno e decoração interior, aos gostos e às preferências mais diversas, se quiser realizar com eficiência — nunca é demais insistir — o máximo de perfeição.

17º EXEMPLO — Parece que houve aqui a preocupação de não conservar nem sombra de “clássico”, em qualquer curva ou cantinho de escultura; e, todavia, repare-se a eficiência com que o Decorador conseguiu atingir os objetivos de amplitude e conforto, conservando, no conjunto, uma nota de evidente bom gosto.

Sem cair no exagero de certos estilos rusticos, nem na complicação de alguns modernismos, que só valem pela sua luxuosa “mise-en-scène” o Decorador escolheu, com modéstia, os motivos mais simples e deu-lhes realce pelo contraste dos tons, aproveitando a irregularidade dos aposentos para uma diversidade que nos transmite uma alegre e graciosa impressão de leveza.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

MORREU UM GRANDE AMIGO DO BRASIL

Figura expressiva da America -- Realizou uma politica de aproximação continental

Como é do conhecimento geral, faleceu aos primeiros minutos da madrugada de 11 p. p., vitimado por um derrame cerebral, o general Agustín Justo, ex-presidente da República Argentina, personalidade inconfundível de estadista, cuja vida se caracterizou por uma dedicação sem limites à Pátria e aos ideais de confraternização e de paz com os outros povos.

Nascido a 26 de Fevereiro de 1876 em Concepcion de Uruguai, província de Entre Rios, ingressou no Colégio Militar de Palermo aos 11 anos de idade. Graduou-se em 1892, depois de um curso brilhante, através do qual foi sucessivamente premiado, inclusive com a maior honraria do Estabelecimento, a *primeira distinção*.

Permaneceu no Exército até 1902, data em que se afastou para cursar a Faculdade de Ciências Positivas, Físicas e Matemáticas de Buenos Aires, recebendo o diploma de engenheiro civil em 1904. Revertendo ao serviço ativo, ascendeu rapidamente na hierarquia militar, atingindo o generalato em 1922. Desempenhou várias comissões de destaque no Exército, ocupando a pasta da guerra de 1922 a 1928.

Primeiro presidente constitucional da República após o movimento revolucionário de Setembro de 1930, seu governo foi extraordinariamente fecundo. Empreendeu uma obra surpreendente de reconstrução política e econômica, procurando, paralelamente, melhorar as relações internacionais da Argentina. Assim, enviou missões a Londres e à Itália, tendo ele próprio visitado, em caráter oficial, o Uruguai e o Brasil. Foi mesmo esta visita, ocorrida em Setembro de 1933, que o colocou definitivamente no rol dos campeões dessa política de amizade e de compreensão iniciada por Saens Peña.

Afastado do poder, continuou a exteriorizar em relação ao nosso país os mesmos sentimentos que demonstrara quando estava à frente do Governo. Agora por exemplo, quando nossa Pátria sofreu a agressão nazista, Agustín Justo, lembrando-se de que era general honorário do Exército Brasileiro, ofereceu seus valiosos serviços à Causa do Brasil, em um gesto inequívoco de solidariedade, de que jamais nos esqueceremos. E, para concretizar este oferecimento, veio ao Rio em Setembro de 1942.

Militar e político, uma inteligência lúcida aliada a uma capacidade invulgar de comando e de organização, católico praticante, o General Justo encarnou bem o modelo do estadista capaz de conduzir a América Latina aos roteiros definitivos da paz e do progresso.

Perdendo sua esposa, senhora Ana Bernal, há menos de um mês, atravessava um período de profunda depressão moral, que por certo facilitou o desenlace repentino. Desapareceu justamente quando seu nome estava sendo apontado como candidato à Presidência da República, nas próximas eleições, e se aproximava do 67.º aniversário. A ele a homenagem de todos nós, o pranto sentido do Brasil.



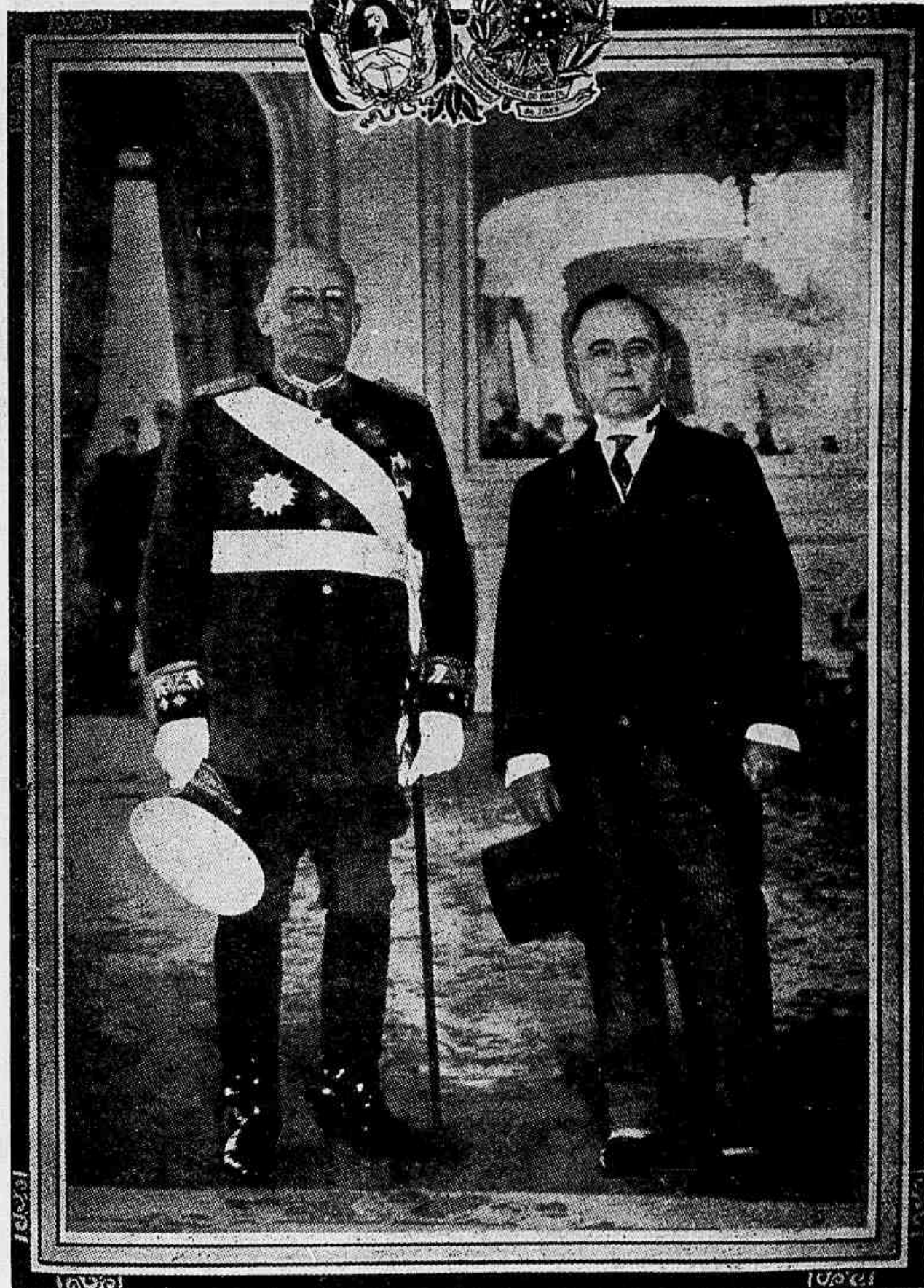
Na noite que antecedeu a partida de volta para a Argentina, nesta última viagem, o presidente Getúlio Vargas e Senhora ofereceram um jantar íntimo ao General e sua comitiva. A fotografia acima fixa um momento deste banquete.



Uma das provas da popularidade que desfrutava no Brasil o grande militar argentino, é esta manifestação espontânea recebida ao sair do aeroporto, na última viagem ao Rio, à qual ele corresponde fraternalmente, de braços abertos.

ARGENTINA

BRASIL



Um momento expressivo que assinalou a primeira visita do General Justo ao Brasil, quando os dois chefes de Estado, ostentando as respectivas faixas simbólicas, estreitaram na simples realidade física deste convívio, os laços de solidariedade que já agora, nos ligam para sempre à grande Nação do Prata.



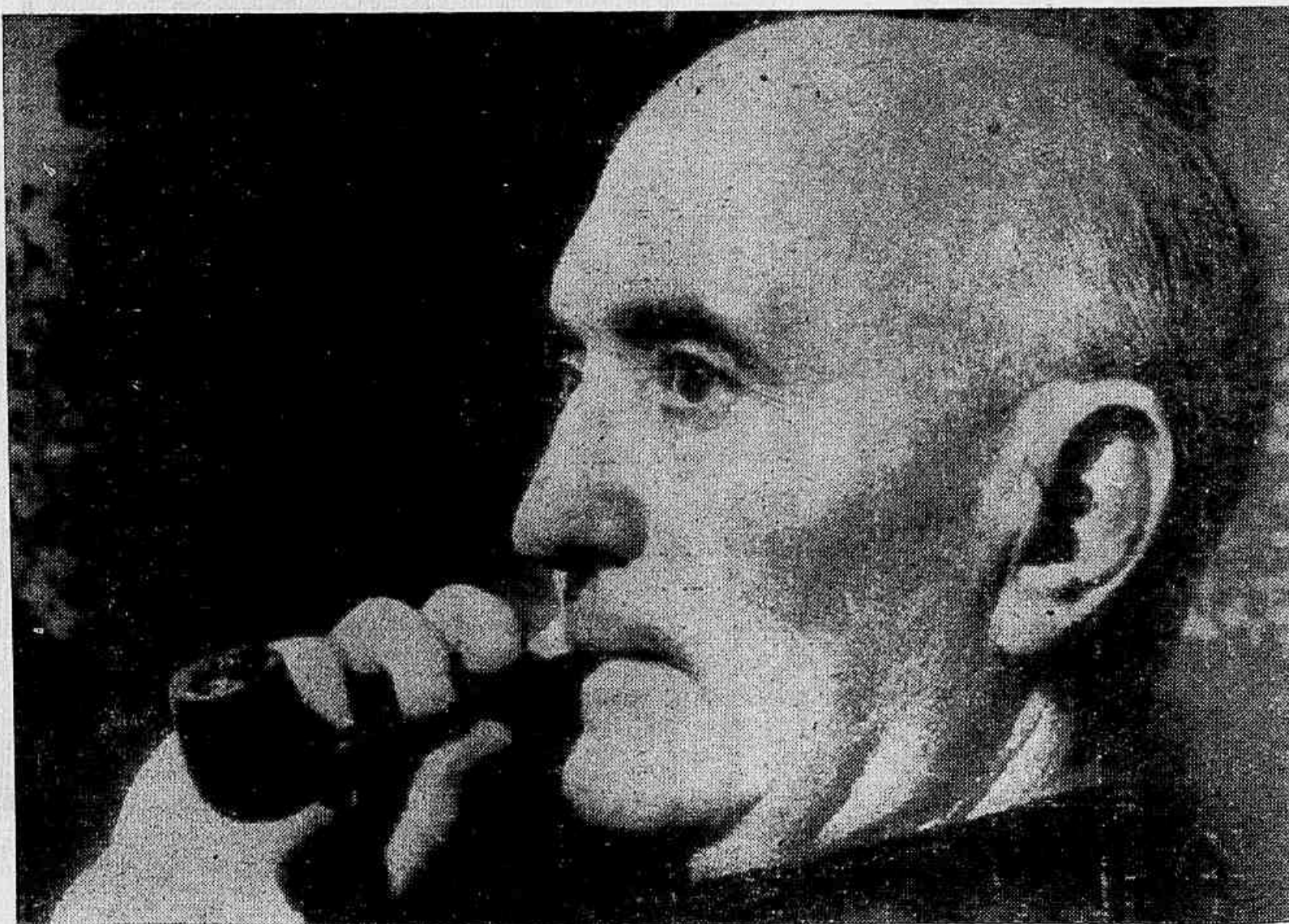
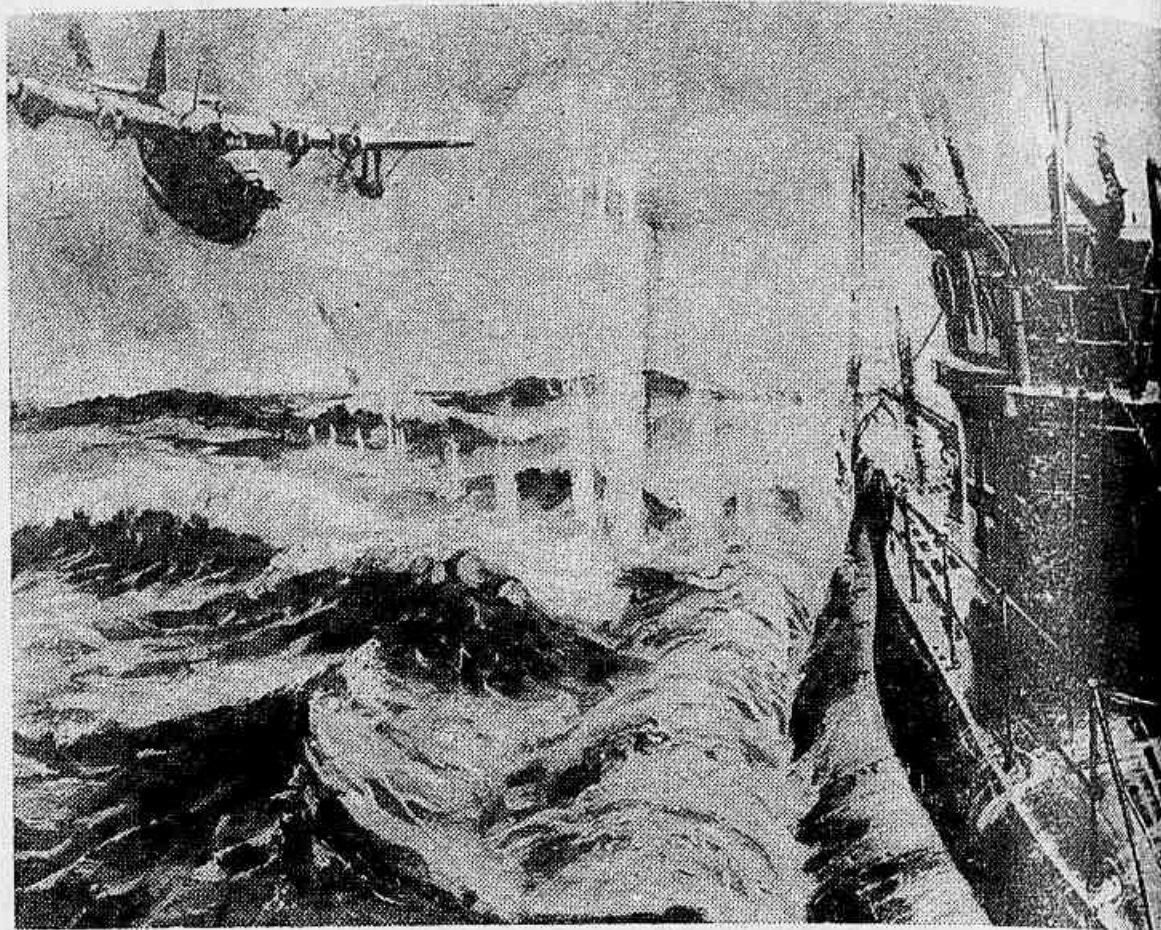
Entre os fatos que assinalaram a permanência do General Justo entre nós, em setembro de 1942, distinguiu-se este: o plantio de uma árvore. E nenhum mais estupendo no seu simbolismo. Porque toda sua existência foi um ininterrupto plantar de árvores.

A GUERRA EM TODAS AS FRENTES

A GRÃ-BRETANHA LUTA CONTRA A AMEAÇA SUBMARINA — Hitler havia ordenado que a sua produção de submarinos atingisse o ponto máximo ainda no ano de 1942. Entretanto, apesar dos submersíveis inimigos terem infligido grandes perdas à navegação aliada, estão sendo agora tomadas medidas para fazer face a essa ameaça. Sem contar com as unidades afundadas em alto-mar, tanto pela marinha inglesa como pela aviação, as incursões de mil aparelhos sobre o território alemão constituíram outra arma terrível no retardamento do programa de construção do almirante Raeder. Tal foi a revelação do Ministério do Ar ao apresentar o relatório dos « raids » da Royal Air Force contra a região ocidental da Alemanha, durante os quais foram infligidos os maiores danos aos estaleiros e fábricas de submarinos dos nazistas.

A gravura que apresentamos, da autoria de um artista britânico, reconstitue o ataque de um hidro-avião « Sunderland » contra um submarino alemão, na baía de Biscaia. O aparelho em questão, conforme comunicado do Almirantado, voltava de uma incursão sobre território inimigo, de modo que apenas podesse fazer uso dos canhões, uma vez que a sua carga de explosivos havia sido atirada em objetivos adversários. Todavia, o artilheiro do « Sunderland » fez ótimo uso de suas peças, pois, em poucos minutos, o submarino desaparecia deixando uma grande mancha de óleo na superfície do mar.

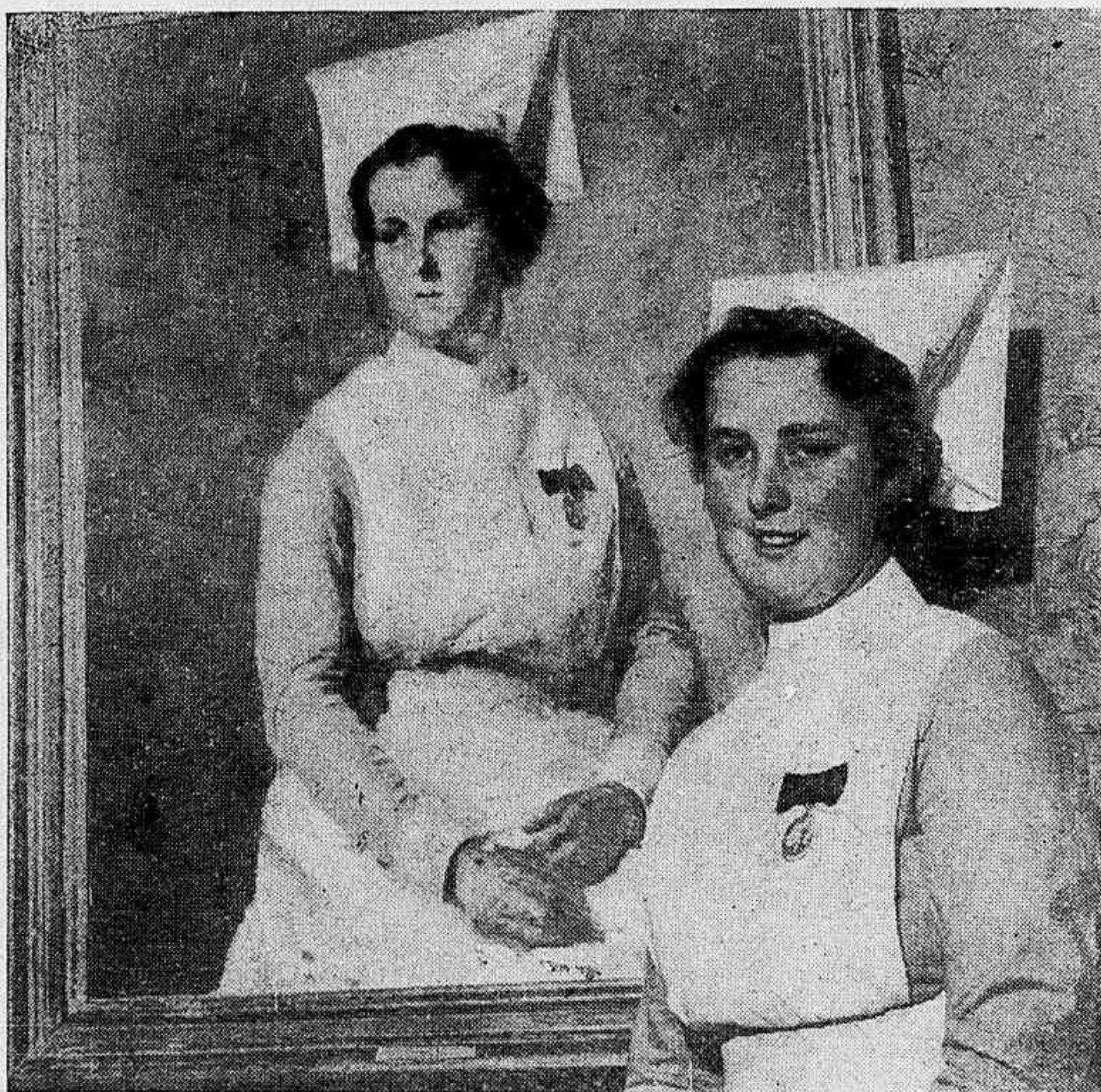
Não obstante, este é apenas um aspecto ocidental da feroz e sistemática batalha que as forças aéreo-navais aliadas estão travando contra os submarinos inimigos, afim de que as rotas marítimas, que tanto apressarão a vitória aliada, possam ser sempre mantidas abertas e navegadas com segurança.



ARGEL — Esta fotografia em « close-up » do Almirante Darlan foi uma das últimas feitas antes de seu assassinato. Mostra o ex-ministro da Marinha da França, no dia 15 de dezembro, 10 dias justamente antes de sua morte, fumando cachimbo, em repouso na sua vila de Argel.



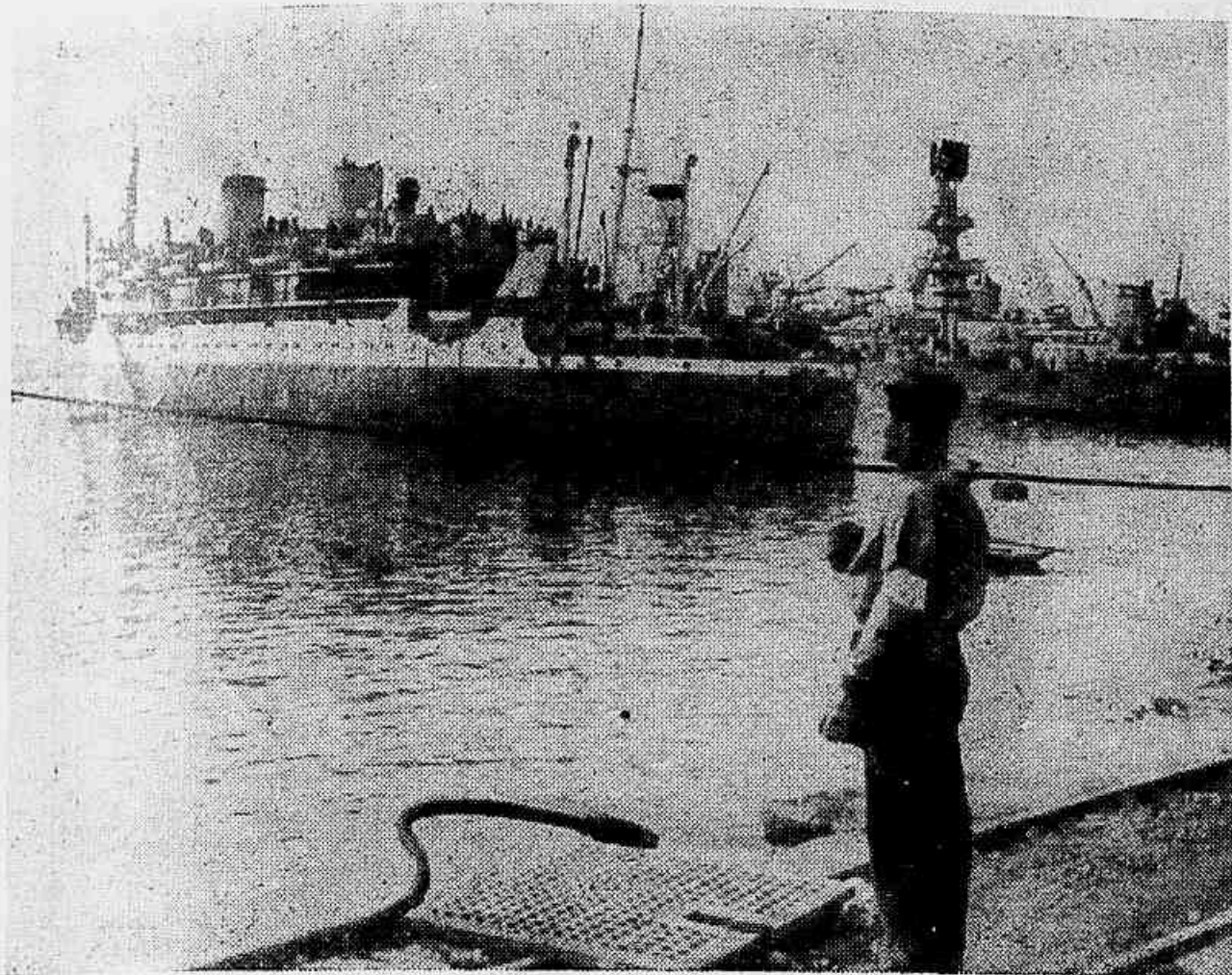
AFRICA DO NORTE — General Alphonse Juin, que foi nomeado comandante em chefe das forças francesas no norte da África, em substituição ao general Henri Giraud, que por sua vez tomou o lugar do Almirante Darlan, como alto comissário no mesmo território.



LONDRES — O retrato da enfermeira Ruby Rosser, G. M., por Sir Walter Russell, da Academia Real, na exposição dos Artistas na Guerra, na National Gallery de Londres, comemora os serviços heróicos e dedicados que ela e suas companheiras estão fazendo em prol da causa da humanidade.



GUADALCANAL — Um marinheiro americano em Guadalcanal usando uma espada e uma cantina japonesas. A seu lado estão três nativos guerreiros, que deram aos marinheiros todo o auxílio, por causa dos maus tratos recebidos dos japoneses durante a ocupação da ilha.



CASABLANCA — Um soldado americano de guarda no cáis de Casablanca, enquanto atraca um grande transporte de tropas americanas.



ALGER — Marinheiros franceses carregando o esquife do Almirante Darlan, pela escadaria da catedral de Alger, enquanto soldados aliados permanecem em continência.



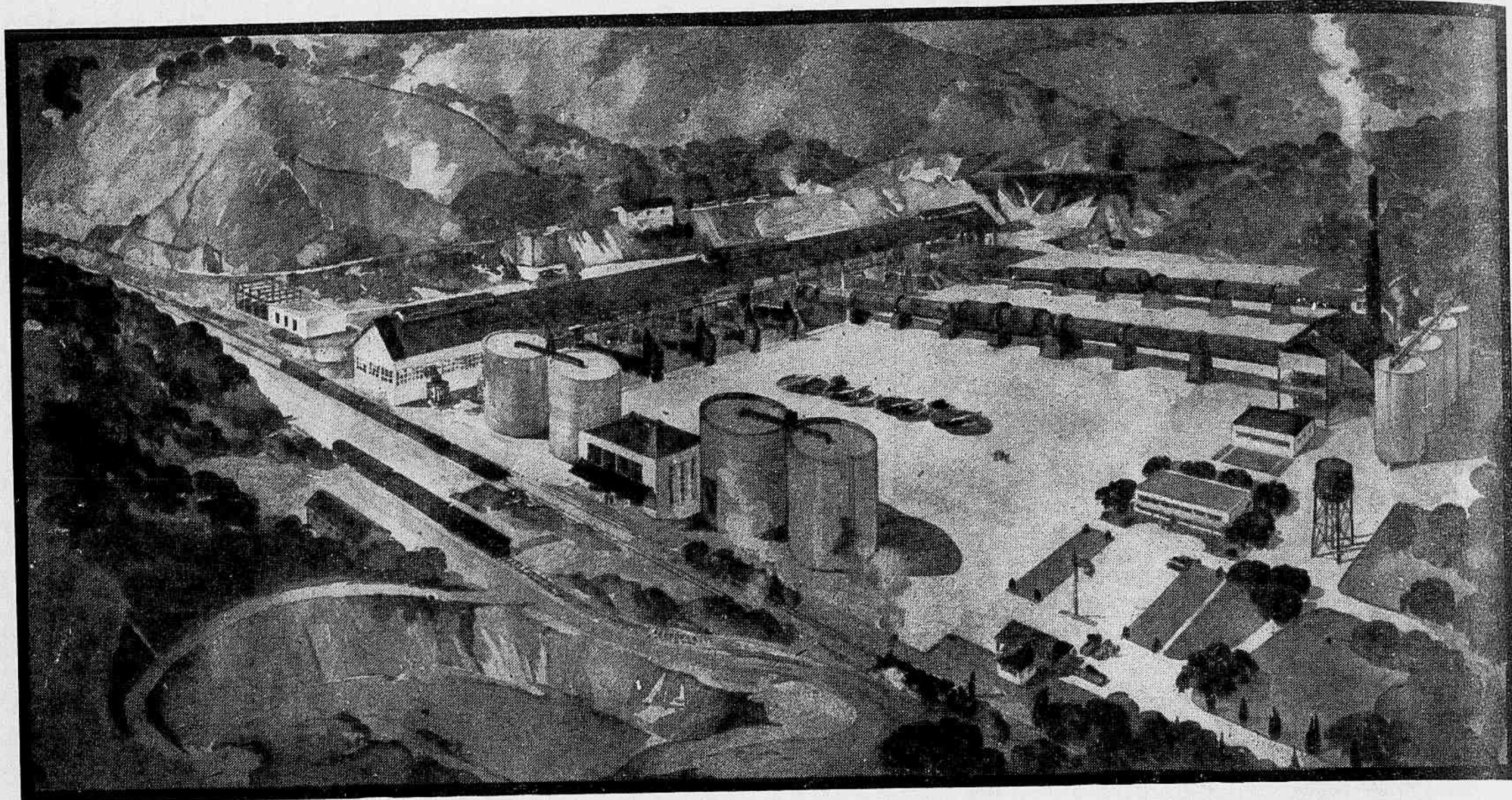
EM MARROCOS — Uma ambulância da Cruz Vermelha atravessando o cáis de Safi, no Marrocos Francês. Os corpos que aí se vêem são de soldados mortos durante as operações de desembarque; não foi especificado, entretanto, se eram franceses ou americanos. No segundo plano vê-se um grupo de soldados yankees.



ESCAPARAM DE TOULON — Membros da tripulação de um submarino francês, escapado de Toulon quando os nazistas atacaram essa grande base naval, saudam prazerosos o povo da cidade de Alger, aonde foram ter para continuar, ao lado dos aliados, a luta contra os nazistas.



GIBRALTAR — Um grupo de mulheres e crianças inglesas á sua chegada a Gibraltar, depois duma série de aventuras sem igual. Vindas do oriente num navio que ia para a Inglaterra, foi este torpedeado e afundado em setembro de 1942. Depois de permanecerem em lanchas, por muito tempo, foram apanhadas por um cruzador alemão e depois transferidas para um cruzador francês e levadas a Marrocos, onde finalmente foram libertadas pelos americanos.



Vista geral da futura Fábrica de Cimento Portland "Paraíso" — Campos — Estado do Rio de Janeiro.

Companhia de Cimento Portland "Paraíso"

(Em organização)

CAPITAL: Cr\$ 40.000.000,00

AÇÃO: Cr\$ 200,00

PAGAMENTO EM CINCO QUOTAS MENSAIS DE 20%

SERÃO INCORPORADOS AO PATRIMÔNIO DA COMPANHIA:

1.º — As jazidas de calcita das Fazendas de São Joaquim, Santo Antonio e Lapa, de propriedade do incorporador, Sr. João Paparguerius, localizadas no Município de Campos. Essas jazidas já estão estudadas pelo Ministério da Agricultura e têm uma capacidade de 232.740.000 toneladas de minério acima do nível do Rio Muriaé (Boletim n. 97 do Serviço Geológico e Mineralógico).

2.º — O contrato de arrendamento das jazidas de gipsita da Fazenda da Boa Vista, em Campos, por 10 anos, cuja capacidade está calculada em 214.000 toneladas. (Boletim n. 16 do Serviço Geológico e Mineralógico).



A COMPANHIA GOZARÁ DOS SEGUINTE FAVORES DOS PODERES PÚBLICOS:

1.º — Isenção dos impostos de exportação e estatística da exportação e de transmissão de propriedade, na aquisição de imóveis para a instalação da Indústria (Decreto 514, de 11 de Junho de 1942, do Governo do E. do Rio de Janeiro).

2.º — Isenção de todos os impostos municipais, durante 10 anos. (Decreto-lei n. 62, de 21 de Setembro de 1942, do Prefeito Municipal da Cidade de Campos).

3.º — A Companhia gozará ainda dos favores do Decreto-lei n. 1.985, de 19 de Janeiro de 1940, do Governo Federal.

A Companhia já está com o fornecimento de energia elétrica contratado com os Serviços Industriais do Estado do Rio de Janeiro. (Contrato firmado em 17 de Novembro de 1942). Os fornos da Cia. queimarão combustível nacional.

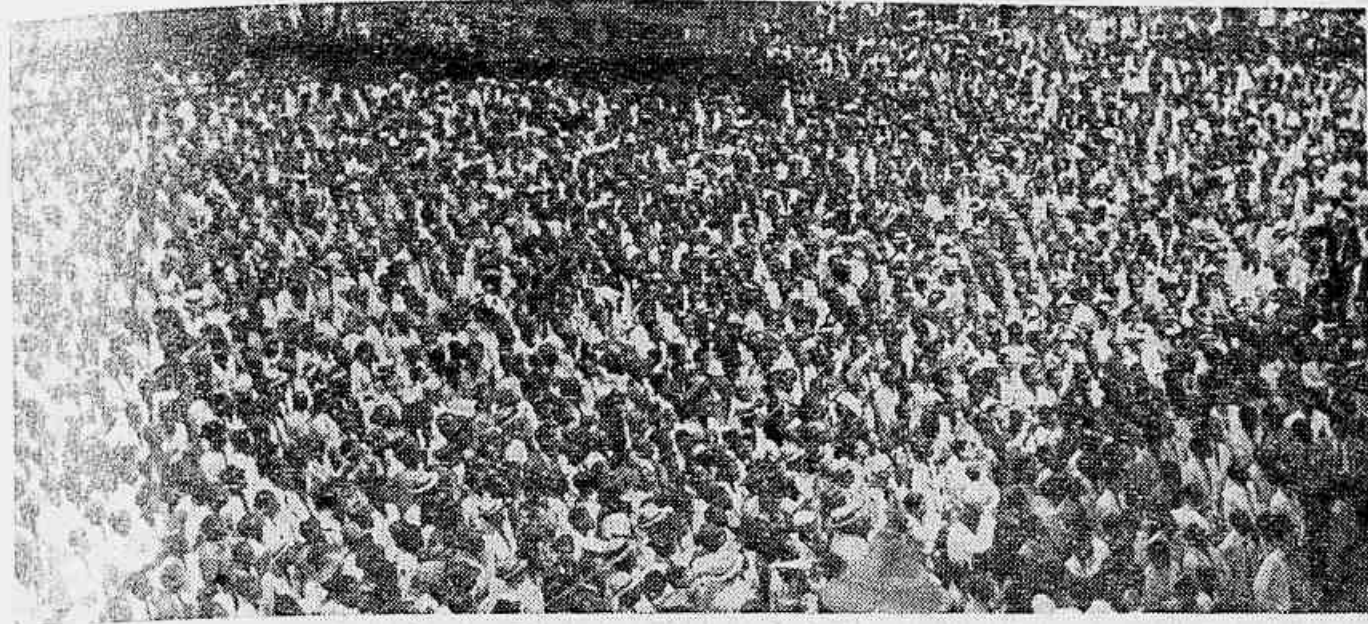
A subscrição de ações encerrar-se-á em 31 de Janeiro

Séde: São Paulo, Viaduto Santa Efigenia, 259

Agencia Geral: RIO DE JANEIRO, á Av. Graça Aranha, 57 - 4.º andar - salas 401-403 == Edificio Lobraz == Telefones: 42-2604 e 42-2800

AGENCIA PARA NITEROI: Rua José Clemente, 65, sob. = Tel.: 2-1292

D O S E S T A D O S



B A H I A

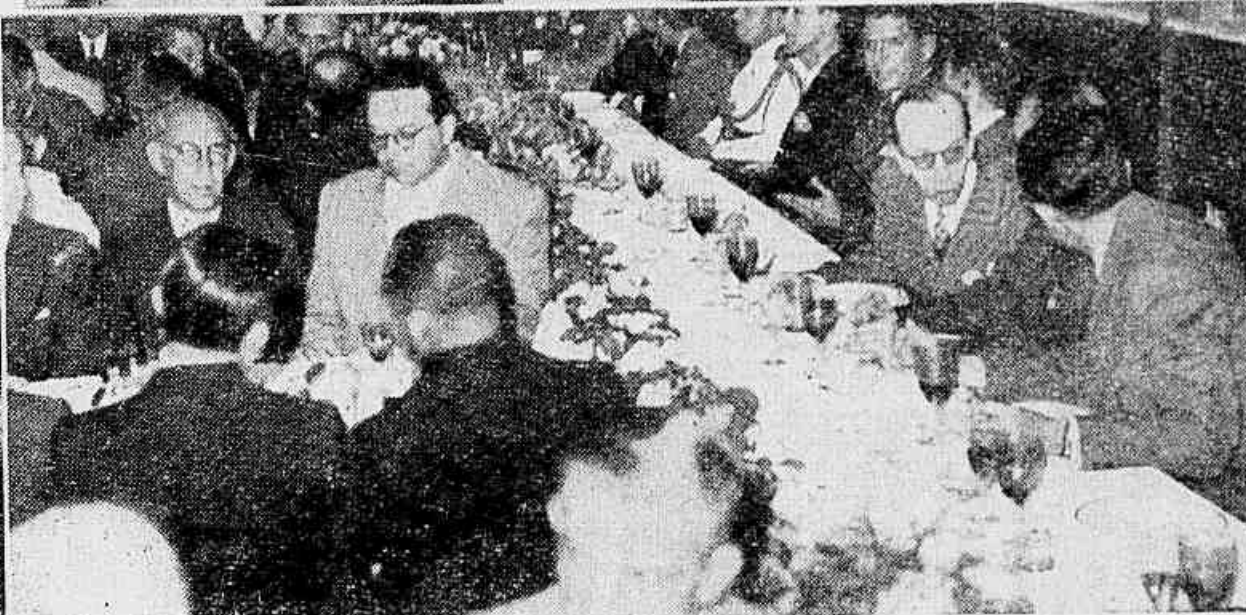
1 — A multidão em frente ao Palácio Rio Branco assistindo ao discurso do Interventor Federal, general Renato Onofre Pinto Aleixo.

2 — O Interventor Federal Pinto Aleixo discursando á grande massa popular após a sua posse.

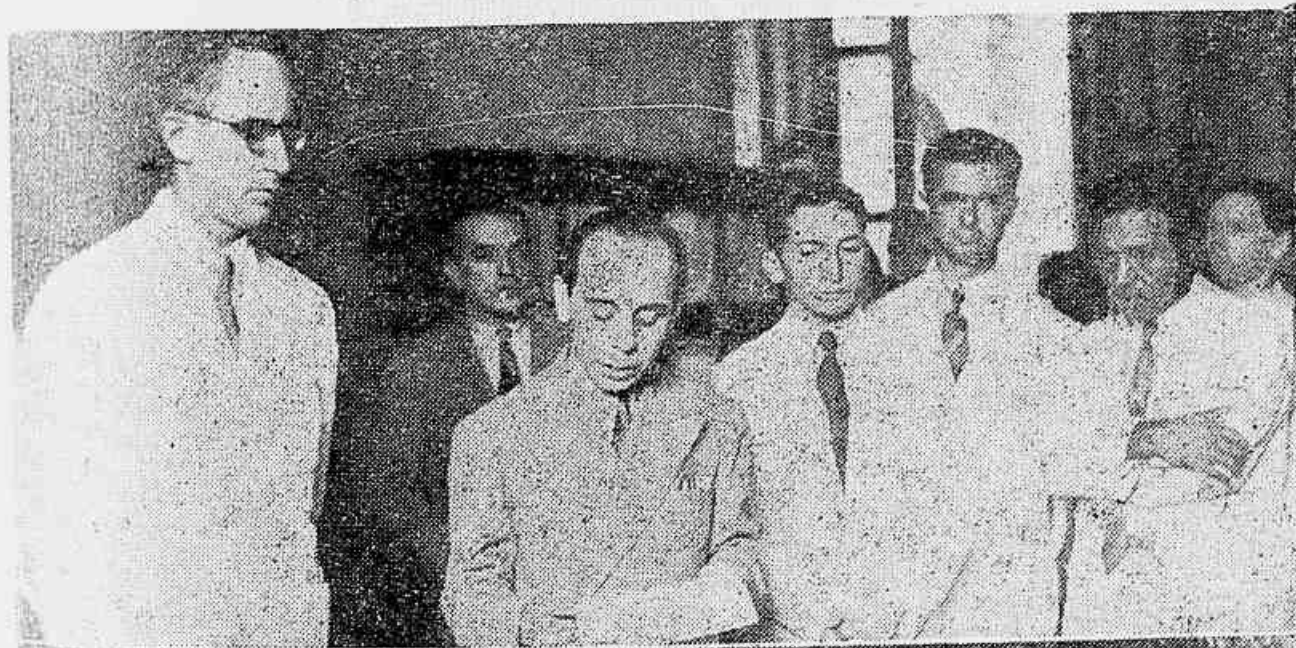
3 — Assume a presidência da Legião Brasileira de Assistência a senhora Ruth Aleixo, esposa do Interventor Federal, general Renato Onofre Pinto Aleixo. Flagrante do momento em que a sra. Ruth Aleixo assinava o termo de posse.

4 — O professor Altamirando Requião agradecendo a homenagem.

5 — Homenagem ao prof. Altamirando Requião pela sua nomeação para o cargo de secretário da Interventoria. Banquete que lhe foi oferecido pelos amigos.



S E R G I P E



Primeira foto acima assinala o ato de posse do Dr. Luiz Pereira de Melo, no cargo de Diretor Geral do D. E. I. P., de Sergipe, no momento em que lia o seu discurso. As demais fotografias apresentam aspectos da distribuição de presentes aos filhos dos soldados do 28.º B. C. e dos operários sindicalizados de Aracaju, vendo-se entre outras senhoras e senhoritas da sociedade local, a exma. D. Helena Nobre Maynard, presidente da Comissão Estadual.



Diplomandas do Instituto Musical. Festa na Escola Caetano de Campos.

De São Paulo

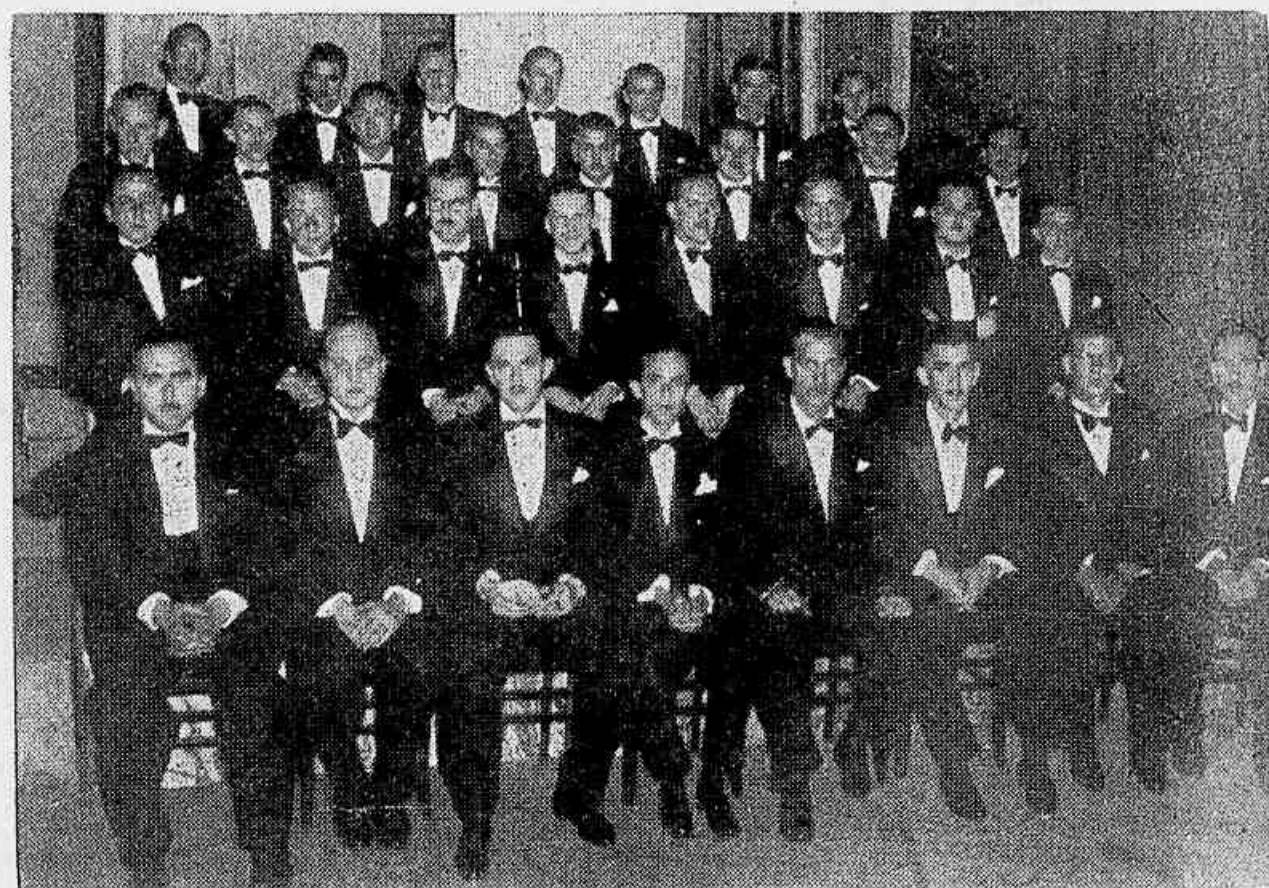
MATRIZ: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/ loja-1.º e 2.º and.
Caixa Postal, 178-B e 2999
fone 2-4550
Tele grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL
a maior organização predial do Brasil

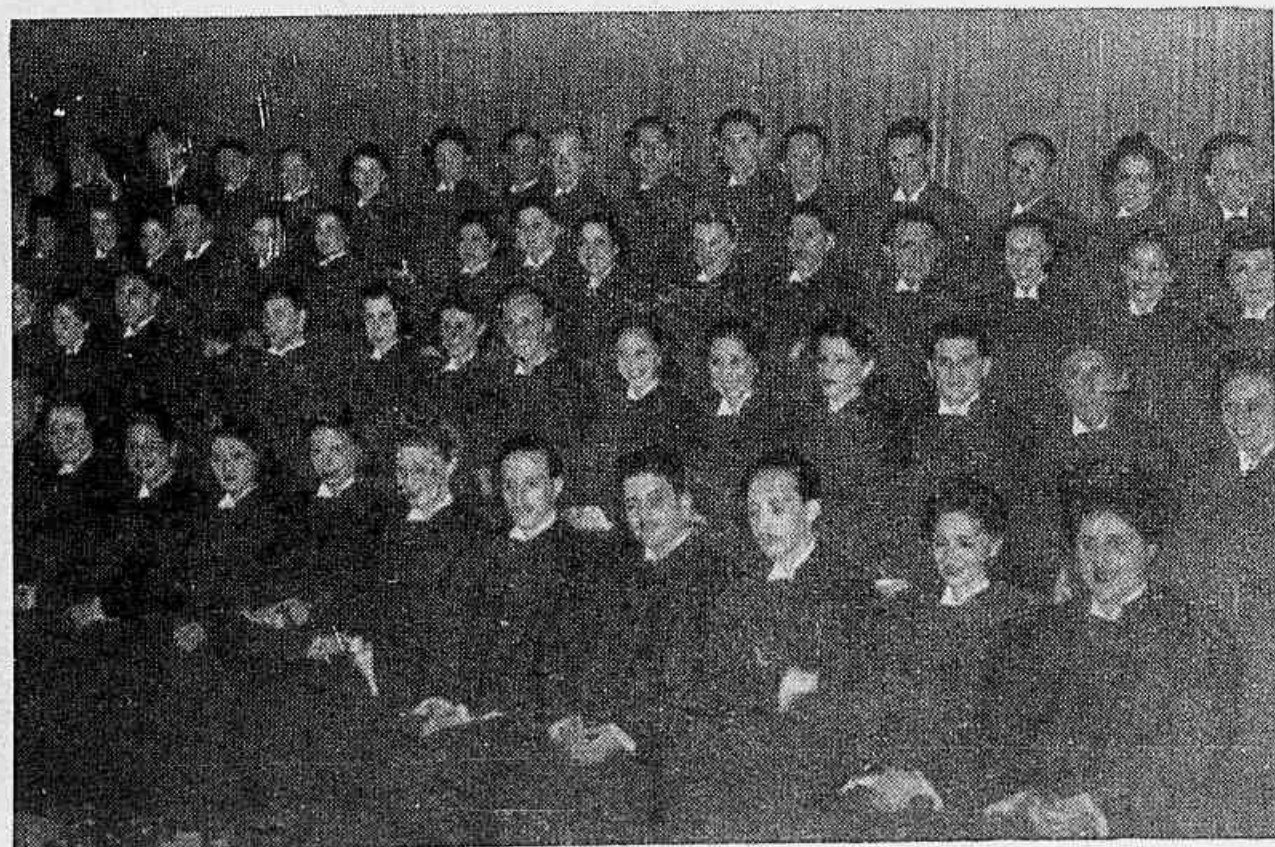
Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agencias em todas as cidades do Brasil



As novas professoras da Escola Normal Padre Anchieta na festa de colação.



Turma dos novos engenheiros da Escola de Engenharia Mackenzie, no Teatro Municipal.



Fac. de Filosofia, Ciências e Letras — formatura no Teat. Municipal.



Colação de grau dos novos advogados, no Salão Nobre da F. de Direito.

JOCKEY CLUB MUNDANO



O mau tempo não conseguiu empanar o brilho das corridas de domingo no Hipódromo da Gavea, as qua's transcorreram num ambiente de franca animação. A assistência foi numerosa e o movimento de apostas avultado. "Crecelle" venceu o "handicap" final em grande estilo, produzindo excelente performance.

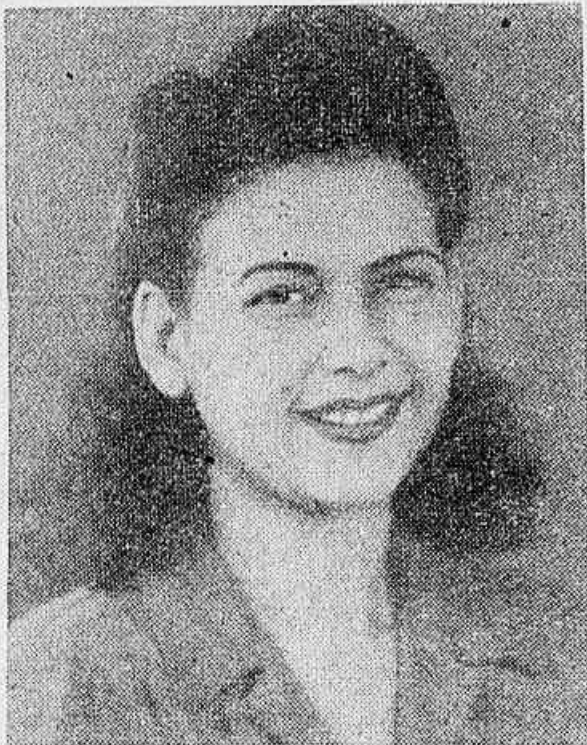
Dames aqui alguns aspectos sociais.



NOTICIARIO ELEGANTE



CLEA SCHAPKE, filha do sr. Waldomiro Schapke, industrial em Porto Alegre, e de sua senhora d. Aracy Schapke.



Senhorita Maria de Lourdes Silva, da sociedade paulista.

BOAS-FESTAS

Recebemos e retribuimos votos de boas festas e ano novo que nos formularam:

O Mandarin, Companhia Paulista de Papeis; Paula, Galati & Cia Ltda., Grande Hotel, de Campina Grande; Pedro Xavier & Cia. Schilling, Hillier & Cia. Ltda., Companhia de Seguros Minas-Brasil. Caixa Economica Federal do Rio de Janeiro, Tijuca Tennis Club, Club de Regatas Vasco da Gama. Industria de Tintas e Vernizes "Cot-tomar" Ltda., Instituição Carlos Chagas, capitão Luis de Abreu Lins.

COLAÇÃO DE GRAU

Realizou-se em fins de Dezembro p. passado a festa de colação de grau dos dentistas recém-formados pela Faculdade de Odontologia do Estado do Rio de Janeiro. E' dessa solenidade que estampamos um aspecto ao lado vendo-se ao alto a mesa que presidiu a solenidade, assim constituída: representante do Embaixador dos Estados Unidos, á direita — Dr. Abgar Renault, Diretor Geral do Dep. Nac. de Educação, paraninfo da turma e que representou o Ministro da Educação e Saude, Dr. Gustavo Capanema; Prof. Ribeiro da Silva Filho, Diretor da Faculdade; Dr. Francisco Olybano Rosas, Inspetor Federal; Prof. Almeno Ferreira de Souza; Gaspar Soares Brandão, Secretário da Faculdade; Vêem-se á esquerda - Prof. Edgar Carvalho Neves, representando o Dr. Antenor Rangel Filho; Prof. Militino Rosa; Prof. Abel de Oliveira; Representante do Com. da Polícia Militar do Distrito Federal; Dr. Wladimir Pereira.

Em baixo: aspecto da assistencia.



Aspecto da visita feita pelos jornalistas estrangeiros ao diretor do DIP, major Coelho dos Reis.

ANIVERSARIOS

16 Senhoras Judith Alves Alvarenga, Elsa de Moraes Singer e Carmen Limociro.

17 Embaixador Olyntho de Magalhães; doutor Jorge Dodsworth.

18 Senhora Adelaide Salema; senhorita Ida Brito; general Francisco José da Silva Junior; doutores Geraldo de Rezende Martins e Alvaro Moutinho.

19 Senhora Esmeralda Carvalho; senhorita Isaura de Noronha; general doutor Alvaro Tourinho; jornalista Victorino de Oliveira.

20 Professor Clovis Salgado Garcia; senhor Armando Gonzaga; general Estanislau Vieira Pamplona.

21 Senhoras Sophia Tavares de Lyra, Déa Dantas Carrilho e Angelina de Souza Garcia de Noronha;

doutor Julio de Azurem Furtado; professor José Joaquim da Trindade Filho.

22 Senhora Virginia Magalhães de Almeida; senhoritas Stella de Araújo Lima e Cremilda dos Santos; doutores Vicente Saboya, Vicente Norberto da Cruz Guanabario e Barbosa Lima Sobrinho, da Academia Brasileira; senhor Carls de Moura Fontes.

CASAMENTO

Realizou-se no dia 26 de Dezembro nesta capital o enlace da senhorita Yvonne Pires Ferreira, filha do tenente-coronel Alkinder Pires Ferreira (falecido) e D. Ruth Pires Ferreira — com o dr. Joaquim Leal Ferreira, chefe do gabinete do Chefe da Policia Civil do Distrito Federal, filho do dr. Mario Leal Ferreira e D. Miracy Leal Ferreira. O ato civil foi realizado na casa da noiva á Rua Ronald de Carvalho 95.



Flagrante dos noivos quando se felicitavam.

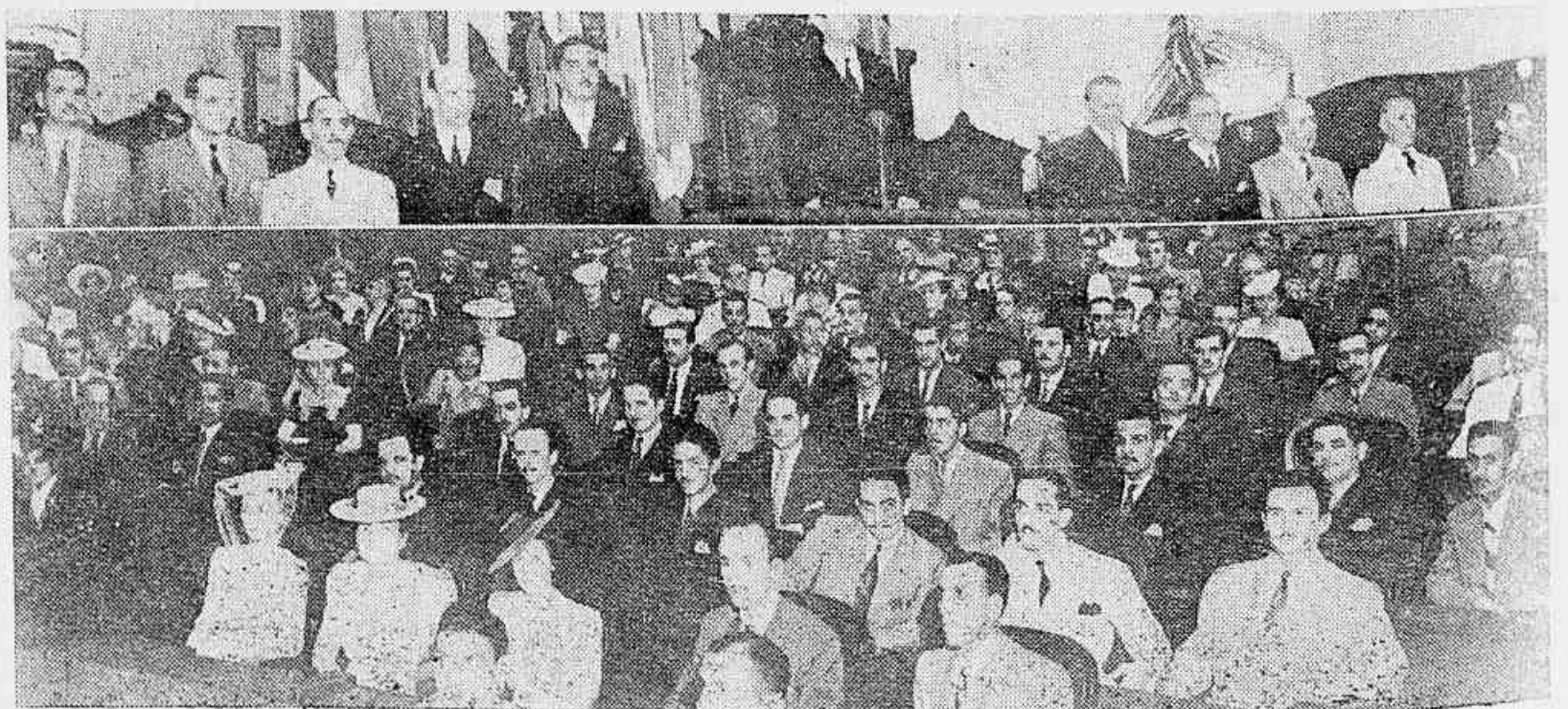


Senhorita Helena de Souza Cabral, gracioso ornamento da nossa sociedade.



A noiva, senhorita Yvonne Pires Ferreira, quando assinava o livro no acto civil.

ap. 7, servindo de padrinhos da noiva o dr. Octacilio Dantas dos Santos e senhora, e do noivo o professor Santiago Dantas e senhora. A cerimônia religiosa, que teve lugar na Igreja do Sagrado Coração, foi destacada pela imponencia do ritual, servindo como padrinhos da noiva, general Mario Ary Pires e d. Ruth Pires Ferreira e do noivo, coronel Etchogoyen e senhora.



Crianças



NIZA, filha do sr. Manoel Carlos e d. Léa Gomes Carlos.



ADRIANO, MARIA e HELENA, filhos do sr. Vasco Vieira e de sua esposa d. Palmira Vieira.



JORGE, filho do sr. Antonio A. Fonseca e d. Elza A. Fonseca.

O gavião e o pintinho

(Conto popular brasileiro)

Uma galinha estava ciscando no terreiro com a sua ninhada de pintos, quando veio de lá o gavião, agarrou um deles e pôs-se lá em cima de um pé de páu, com o pobrezinho nas unhas:

—Quantos irmãos tu tens?

O pintinho, gemendo, fazia:

—Eh! hum...

O gavião pensava que ele estava dizendo - « eu, um » - por isso tornava:

—Não contes contigo não, bobo, que tu já estás comido. Quantos irmãos tu tens?

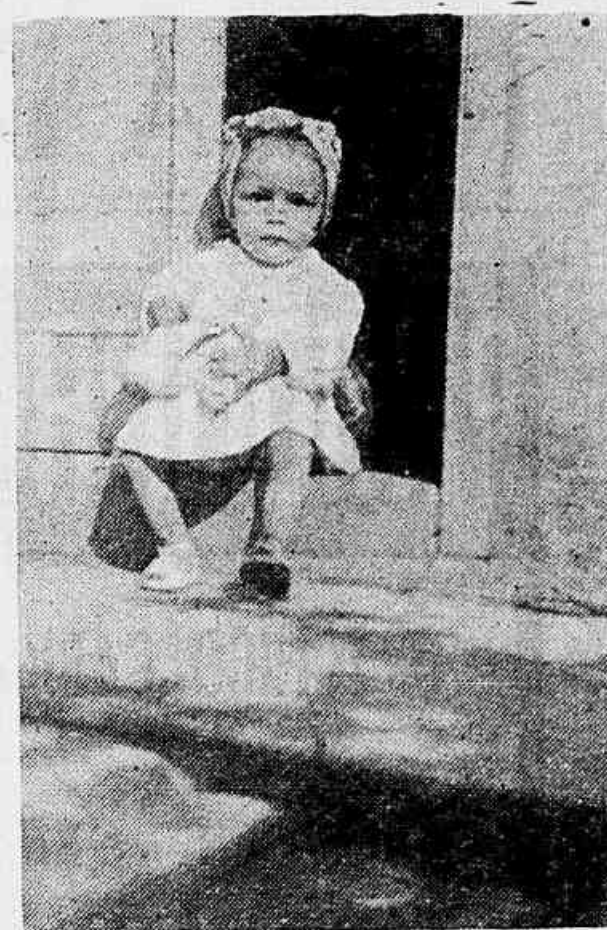
O pintinho:

—Eh! hum...

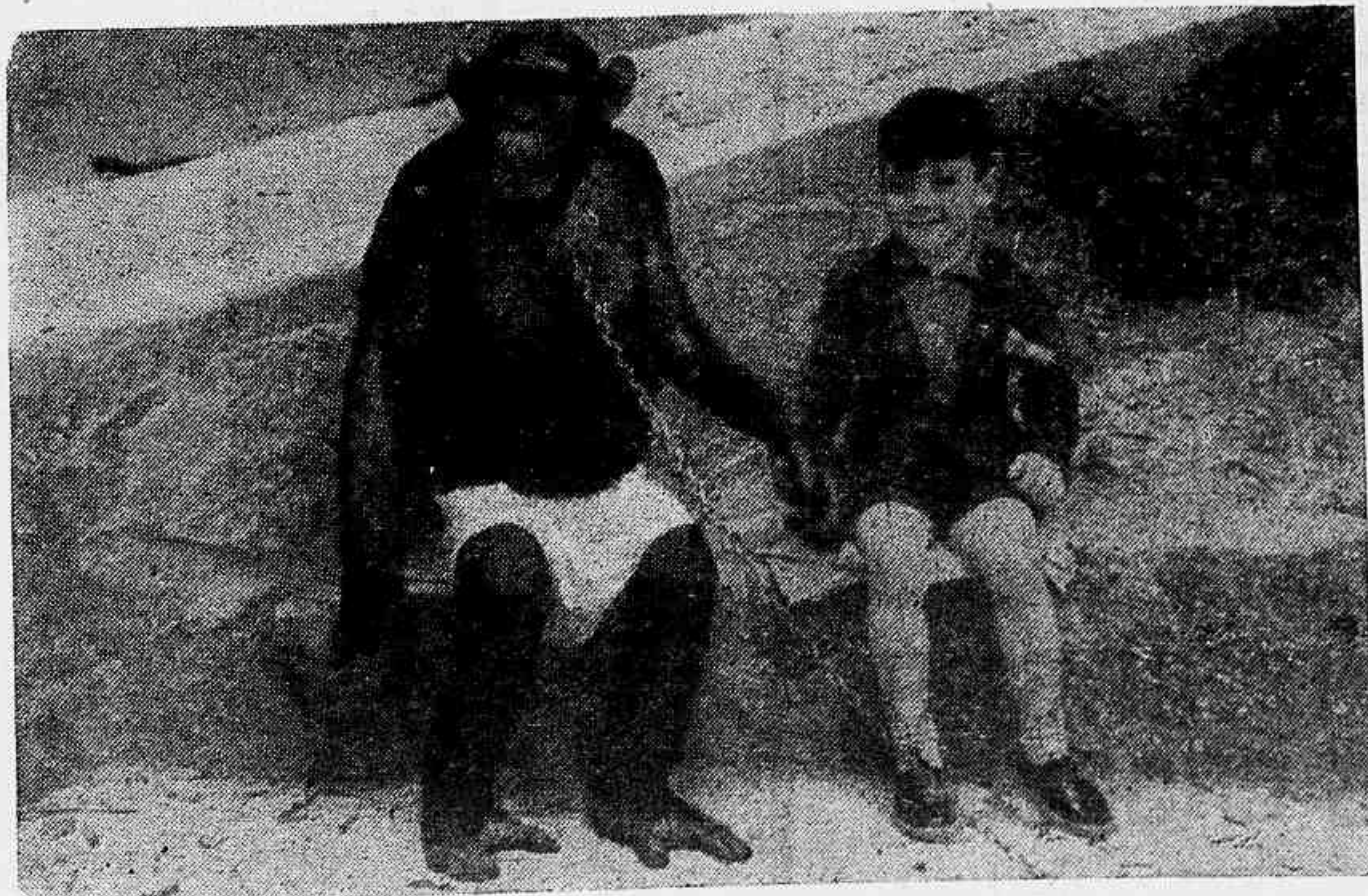
—Tu, não, tolo. Tu já estás no papo...

E tanto perguntou ao bichinho quantos irmãos tinha, tanto falou, até que, distraído, deixou-o soltar-se-lhe das garras e cair. Assim que o pintinho se achou no chão, fez - « piu »... - metendo-se debaixo de uma moita. E o gavião, apesar de estar a dizer que ele já estava comido, ficou com água no bico.

(Do livro FOLK-LORE NO BRASIL, de Basilio de Magalhães e J. da Silva Campos)



ROSALI, filha do sr. D'Alessandro Dieguez.



RICARDO, filho do sr. Nelson Hoffmann, oficial da Marinha Mercante.



1



2



3



PARA A PRAIA

PETROLINA MINANCORA

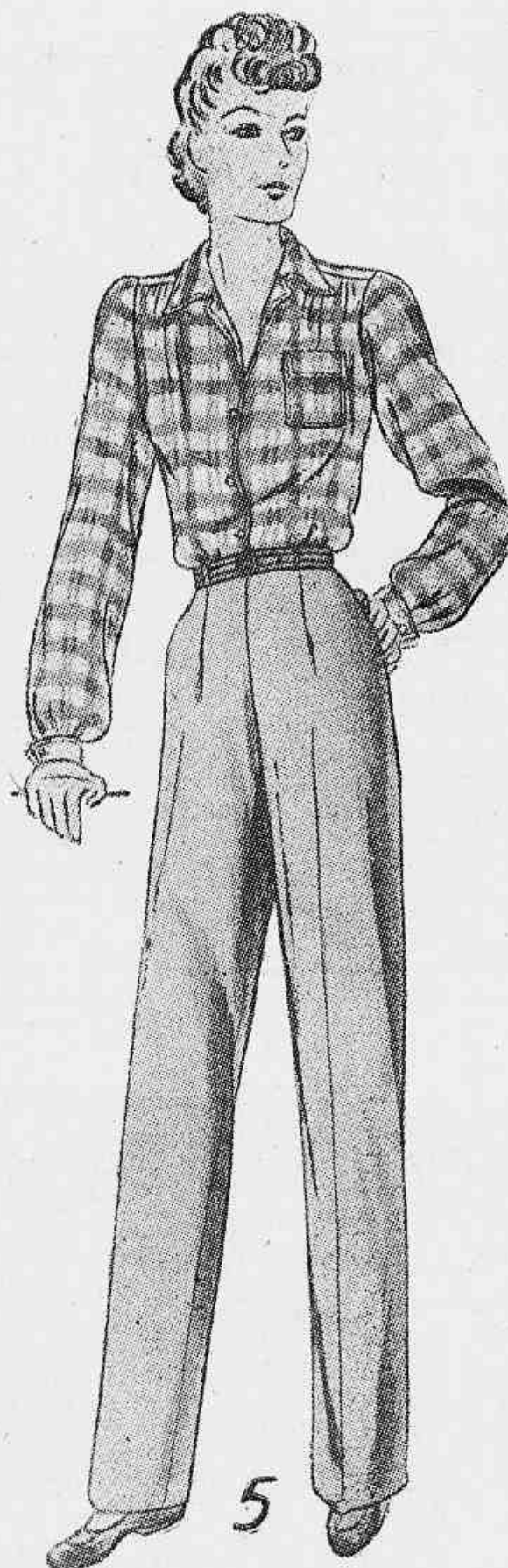
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

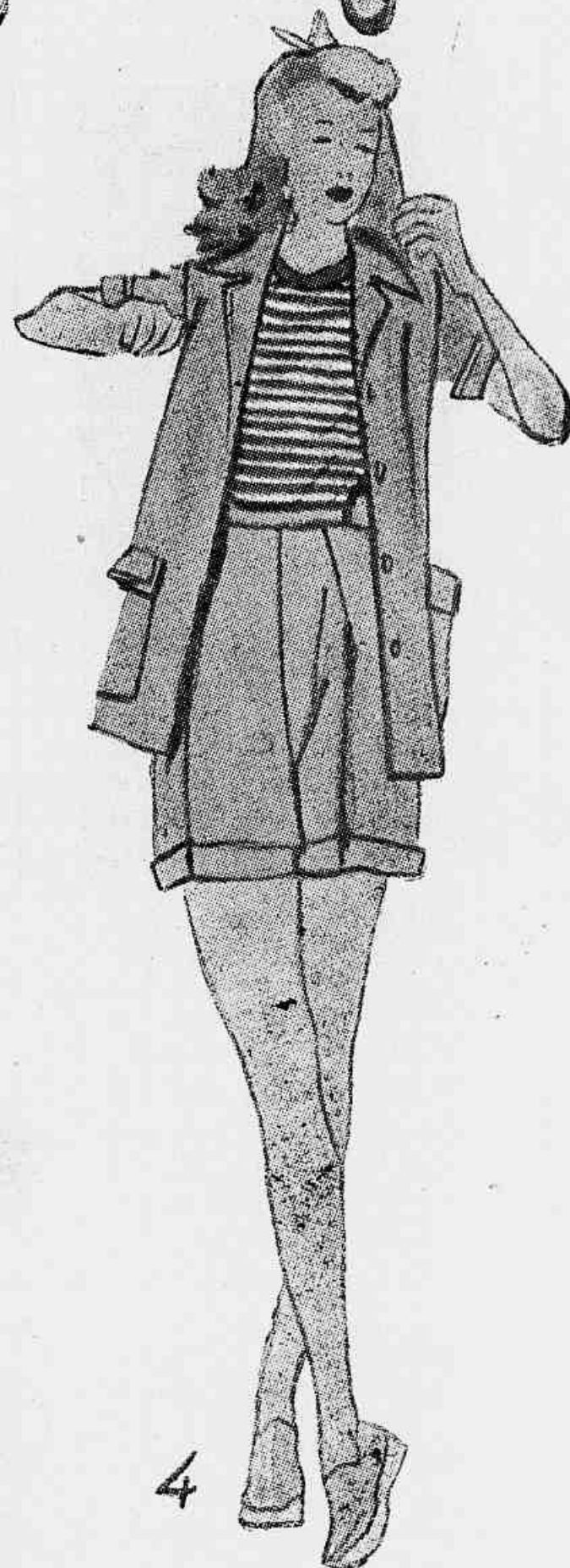
REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo



5



4

- 1 — Um pijama distintissimo, de linhas classicas.
- 2 — Saia-calça com falsas pregas.
- 3 — Vestido ligeiro em tobalco branco com *debruns* e laços azues, aplicados.
- 3A — *Short* de *shantung* com graciosos recortes na blusa.
- 4 — *Short* juvenil: dobrada a barra da calça, como nota original, e amplo casaco.
- 5 — Um interessante modelo de 2 peças, executavel em linho.

Já decorrem mais de 50 anos do aparecimento dos últimos capítulos de *Os irmãos Karamasoff*. Este romance encerrou o ciclo das obras de Dostoiévsky, começadas no ano de 1846 com o romance "Gente Pobre." Tanto a época em que viveu, como o meio ambiente que Dostoiévsky descrevia imortalizaram-se, nada tendo de comum com a atualidade. Parecia que seu talento, russo por excelência, fosse completamente alheio ao espírito dos leitores da Europa contemporânea. Não obstante, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na América e até no Japão se observa grande entusiasmo pela obra do autor de *Os irmãos Karamasoff*.

Condenado a trabalhos forçados e arrastando seus grilhões, o ex-delinquente político foi salvo do patíbulo quase por milagre e, como um raio, inundou a literatura sacudindo a consciência mundial como se ameaçasse descobrir um mistério somente pelo conhecimento, somente pela dor.

Qual é este mistério e como se poderia determinar a influência dolorosa de Dostoiévsky?

Frederico Nietzsche em 1888, foi o primeiro em prever a influência de Dostoiévsky sobre a literatura mundial. Desde então multiplicam-se as edições de seus romances, assim como cresce o número de seus críticos e biógrafos. Antes da presente guerra Dostoiévsky era o escritor que estava mais em moda na Europa e na América.

A pesar do seu conservantismo refletido, acima de tudo, em *Demonio* e *O diário do escritor*, aumenta o entusiasmo pelos seus livros também na Rússia Soviética. Desde 1828 a 1935 apareceram suas cartas, as memórias de sua esposa e de sua filha *A vida e o trabalho de Dostoiévsky* de Grosman e muitos outros livros, analisando sua existência e suas cartas inéditas.

Ana Grigorievna Dostoiévsky, a viúva do escritor, que morreu na Itália, em 1918, disse em suas memórias que tudo o que escreveu seu esposo, tanto os rasgos característicos de seus heróis, como os temas de seus romances, foram tirados da própria vida; suas aventuras amorosas sugeriram-lhe os tipos femininos de seus romances.

A lista donjuanesca de Dostoiévsky não é muito extensa; encontramos no seu caminho cinco mulheres, das quais só duas, sua primeira esposa M. D. Isaieva, e Apolinaria Suslova, lhe inspiraram uma paixão profunda, quase mórbida.

O escritor D. V. Grigorovich, amigo do jovem Dostoiévsky, o doutor Risenkamf, que o assistia durante a juventude, Strajove Ianischvsky que conheciam o autor de *Crime e Castigo* descrevem um quadro lúgubre e austero de sua mocidade. Doentio ora reservado ora franco e entusiasta, embora sua situação fosse precária, o jovem Dostoiévsky apesar de ser um admirador das mulheres, aos 28 anos, quando foi condenado a trabalhos forçados, conheceu um amor profundo e verdadeiro.

A viúva de Dostoiévsky, com quem o esposo falava com toda franqueza, escreve nas suas memórias:

— "Eu perguntava a Fedor Mijalovich pelos seus amores. Em sua juventude não teve nenhum verdadeiro e forte; explicou-me, dizendo que estava demasiadamente apegado à vida intelectual, preocupado com os problemas de sua obra, de modo que sua vida pessoal e privada ficava relegada ao segundo plano. Cedo dedicou-se à política, causa de seu desterro e condenação a trabalhos forçados.

Em 1846 escreveu a seu irmão Mijail Mijailovich:

— Estive enamorado loucamente, agora minha loucura está passando mas não sei se estarei seguro, se passará por completo.

É interessante também o caso que sucedeu em uma festa, quando apresentaram o escritor a certa beleza famosa de San Petersburgo, Seniavina. Deslumbrado, ele desmaiou, sofrendo um ataque de nervos.

Turgueneff, que conheceu Dostoiévsky antes de ser condenado a trabalhos forçados, chamava-o "o Marquês de Sade", russo.

Em uma carta dirigida a León Tolstói em 1883, N. N. Strajov diz que Dostoiévsky durante a juventude era "um homem mau e viciado". O doutor Risenkamf dizia que seus ataques de epilepsia eram consequência de suas privações e sofrimentos, durante os quatro anos de trabalhos forçados.

Na obra de Volotzky, *Crônica da família dos Dostoiévsky*, onde se estuda sua genealogia desde duzentos anos atrás, vê-se o quadro patológico do caráter de seus antepassados. O mesmo quadro se observa nos descendentes dos irmãos de Dostoiévsky, Mijail e Andrés; a filha de Dostoiévsky era uma histérica típica.

Encerrado, em 1849, aos 28 anos, na prisão de Omsky passou quatro anos na casa dos mortos, sendo depois conduzido a Semiplatinsk, com 32 anos de idade.

O trabalho físico e o clima seco da Sibéria fortaleceram sua saúde; mas estava solitário e estranhava a companhia de uma mulher, pois não conhecia ainda o verdadeiro amor; os anos de reclusão o esgotaram.

Nessa época conheceu M. A. Isaieva, esposa de um funcionário do governo, apaixonou-se e manteve com ela relações íntimas; as cartas dirigidas a seu irmão Mijail, estão pletóricas deste amor.

M. D. Isaieva, filha de um soldado napoleônico que fôra parar na Sibéria depois da guerra de 1812, era de natureza sentimental e sonhadora. Suas relações amorosas com Dostoiévsky não a impediam de entreter outro amante, certo mestre-escola.

jovem de 23 anos, Em 1856 Isaieva enviuvou e Dostoiévsky depois de várias cenas espantosas de ciúmes, casou-se com ela. Na sua obra intitulada *O Povoado de Stepanchilov* a protagonista tem as atitudes de sua esposa; os mesmos rasgos se repetem no caráter de Sônia Marmeladova, em *Crime e Castigo*.

Voltando em 1860, a San Petersburgo, Dostoiévsky, com seu irmão Mijail, fundou a revista *O Tempo*. O jornalista Dostoiévsky era tão brilhante e genial quanto o romancista. A aureola de preso político e o êxito literário emprestaram-lhe grande popularidade.

As mulheres buscavam a ocasião de conhecer o autor de *Memórias da casa dos mortos*. Entre suas admiradoras apareceu na redação de *O Tempo* Maria Brown, uma interlocutora liberal e sedutora. Sua biografia era desconhecida para todos: apareceu em São Petersburgo depois de algumas aventuras fantásticas, que ressoaram em toda a Europa. Suas relações amorosas com Dostoiévsky duraram pouco tempo, tendo ele o cuidado de ocultá-las de sua esposa enferma.

Em 1861 apareceu na redação de *O Tempo* com o manuscrito de um conto, jovem elegante e formosa, Apolinaria Suslova. Apolinaria tinha 20 anos quando conheceu Dostoiévsky e foi ela que lhe declarou seu amor, enviando-lhe uma carta carinhosa e apaixonada. Uniram-se assim dois espíritos que viveram em contínuo sofrimento, para os quais o amor foi um tormentoso suplício.

Suslova, tipo de mulher fatal, personificava a figura de Gruschenka em *Os irmãos Karamasoff*, de Natasia Filipovna em *Idiota* e Polina em *O Jogador*. Apaixonada e impulsiva, de estatura alta, muito bem formada, no apogeu da beleza russa, era às vezes meiga, às vezes despótica; sua alma constituía um mistério. Sempre ansiava algo distante e impossível, todo seu ser refletia inquietude, parecia que uma força inexplicável a empurrava para o desconhecido, longínquo e perigoso. Sua imagem perseguiu a Dostoiévsky toda sua vida. 22 anos mais velho do que ela, os ataques de epilepsia, as preocupações com a enfermidade de sua esposa, a falta de recurso, os encargos da revista e a criação de sua obra convertiam seu amor em uma angústia profunda. Os anos de 1861 a 1863, época de suas rela-

ções com Suslova foi o lapso mais difícil e mais triste de sua existência.

No ano de 1862 sobreveio uma crise em seu amor. Suslova foi para França, ingressou na Sorbonne e se uniu a um estudante espanhol. Ela informou a Dostoiévsky desta traição e ele correu a Paris, para buscá-la, levando-a à Itália.

Na sua memória Suslova descreve suas relações com Dostoiévsky; essa paixão do escritor de 42 anos por uma jovem de 20 anos tinha um caráter tão particular que a mesma Suslova estava atemorizada. Separaram-se e se cartearam durante muito tempo. Estranhando-a, Dostoiévsky em suas cartas chamava-a "minha única e eterna amiga".

Suslova ficou muitos anos no estrangeiro, voltando à Rússia aos 40 anos, casando-se com um escritor, Rosanov, de 24 anos de idade. Este matrimônio foi desgraçado e sobreveio a separação depois de um convívio de cinco anos. Rosanov caracteriza Suslova como uma mulher *coquette* e cruel, uma espécie de Catarina de Médicis; havia algo de hereje na sua beleza.

Apolinaria Suslova morreu com a idade de 82 anos, em 1921.

Depois da separação de Suslova, Dostoiévsky voltou à Rússia em 1813; sua esposa nesta época estava moribunda. A situação material do escritor era crítica; a revista *O Tempo* exgotava todas suas forças e as ansias de seu amor o desorientavam.

Então apareceu uma nova colaboradora da revista, Ana Korovin — Krukov que mandou da província distante, um conto, *O Sonho*.

A autora tinha 18 anos, era loura, de olhos azuis, de pele clara, com maneiras aristocráticas. Dostoiévsky estava impressionado pela sua beleza visitando-a com bastante frequência, mantendo com ela longas palestras. Um dia declarou-lhe seu amor e quis pedir sua mão, porém a enorme diferença de idade e o seu caráter raro e impulsivo impediram tal união.

Em 1865 morreu em Moscou a esposa de Dostoiévsky. O escritor estava extenuado e se sentia completamente solitário. Vivía na ilha Vasilievsk, em uma casa inhospita e desagradável de solteiro.

O autor de *Os irmãos Karamasoff* estava sempre necessitado. Por esse tempo, quando escrevia *O Jogador* recomendaram-lhe uma estenógrafa-copista Ana Grigorievna Snitkina, jovem de 22 anos, estudante dos cursos de Bestuyev. Era uma jovem modesta e culta que adorava o autor de *O Jogador*. Dostoiévsky viu nela a própria Maria do Evangelho, que chegava para o afastar a tormentosa e apaixonada Madalena, Apolinaria Suslova. Casou-se dois meses depois de conhecê-la.

Foi uma esposa carinhosa e terna, uma verdadeira amiga; perdoava seu caráter, seus ataques de epilepsia, a paixão pelo jogo, e com muito carinho organizava a parte material de sua vida. Era uma colaboradora em toda a extensão da palavra, e ele morreu em seus braços, em São Petersburgo, ao amanhecer de um dia hibernal, 28 de Janeiro de 1880.

— Leia-me algo no Evangelho — disse-lhe, quando sua vida estava a apagar-se. Ela tomou o Evangelho, que desde 1849 acompanhou Dostoiévsky em seu desterro e nos trabalhos forçados e, abrindo-o ao acaso, leu:

— "E disse Jesus a João: "Não me deterás, pois devemos cumprir uma grande verdade".

— Já vês... disse: "vem... Chamam-me... Não me detenhas!... — murmurou. E no mesmo dia cerrou os olhos para sempre.



DOSTOIEVSKY

As mulheres na vida de Dostoiévsky

Por P. NICHASCHIN

MODA INFANTIL



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS, A "LOÇÃO ACNÉA", PARA ESPINHAS E CRAVOS, O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA — SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



Moda Infantil

Algumas sugestões para o difícil problema de vestir os meninos: um calção ligeiro para os folguedos, uma roupinha para o diário e uma de mais cerimonia para as festas.

Um ligeiro *tailleur* e um vestido para as meninas; como sempre, de tecido lavavel.



O CAPITÃO DESERTOU... da vida de solteiro!

A
PRÍNCÍPIO
ÉLE
ERA
INDIFERENTE!

— NOTASTE, ODETE, O
CAPITÃO MARIO FIN-
GE QUE NÃO ME VÊ...



— HELENA... NÃO SERÁ
CULPA DO MÁU HALITO? EU
CONSULTARIA O DENTISTA.



HELENA CONSULTA O DENTISTA

— GERALMENTE O
MÁU HALITO PRO-
VÉM DAS PARTÍCULAS DE ALIMENTO
QUE FICAM ENTRE
OS DENTES. EU
RECOMENDO COL-
GATE PORQUE RE-
MOVE ESTAS PAR-
TÍCULAS E ELIMINA
O MÁU HALITO.



DEPOIS... GRACAS A COLGATE

— HELENA! TODO
O REGIMENTO AS-
SISTIRA AO NOS-
SO CASAMENTO.



VOCE PODE TER MAU HALITO SEM SABER!

A espuma de Colgate contém o novo ingrediente que penetra até às fendas escondidas entre os dentes. Livra-as dos resíduos dos alimentos e das bactérias que são a maior causa do mau halito, dos dentes embaçados e amarelos, das gengivas moles e das cáries dolorosas. Por isso é que Colgate limpa realmente os dentes, embeleza, conserva as gengivas firmes e saudáveis e o hálito perfumado. Comece a usar Colgate hoje mesmo.

3 TAMANHOS



Tamanho Gigante
DUPLA ECONOMIA
Especial para Famílias

PARA PASSEIO

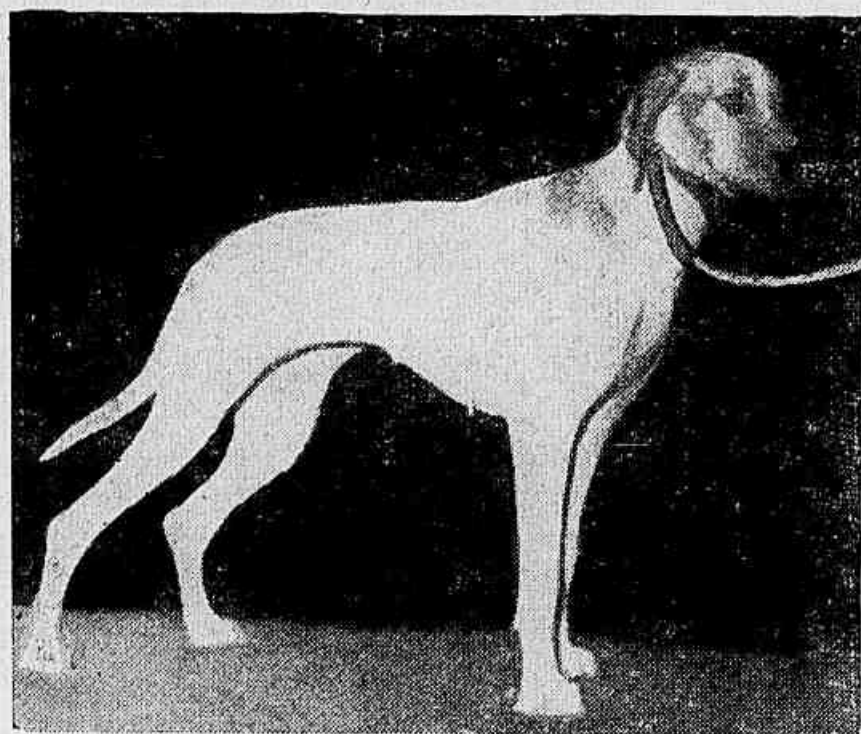
A — A volta do bolero: jabot e punhos plissados. Um modelo para as tardes chics. Outro modelo para o "trotteur" de todas as tardes: shantung com incrustações de batista na pala, mangas e bolsos da saia.

B — Os tailleurs que formam a grande moda deste verão, em seda — a saia plissada e a blusa com ruches também plissadas. O outro distinto e discreto em panamá ou linho inglês.

C — Um discreto modelo para tecido escuro com debruns em tom claro. Saia com grupo de pregas, bolero solto. Interessantíssimo modelo toilette: saia com recortes, blusa listada em tom forte. E nesse tom mais forte a gola e as iniciais.

E — Lindo tailleur para linho em tom forte: gola e chapéu em branco. Saia com duas pregas e casaco pespontado. Vestido leve para as tardes — listas verticais, bolso com debruns em branco.

D e F — Dois simples e juvenis modelos para tarde, em linho azul claro.

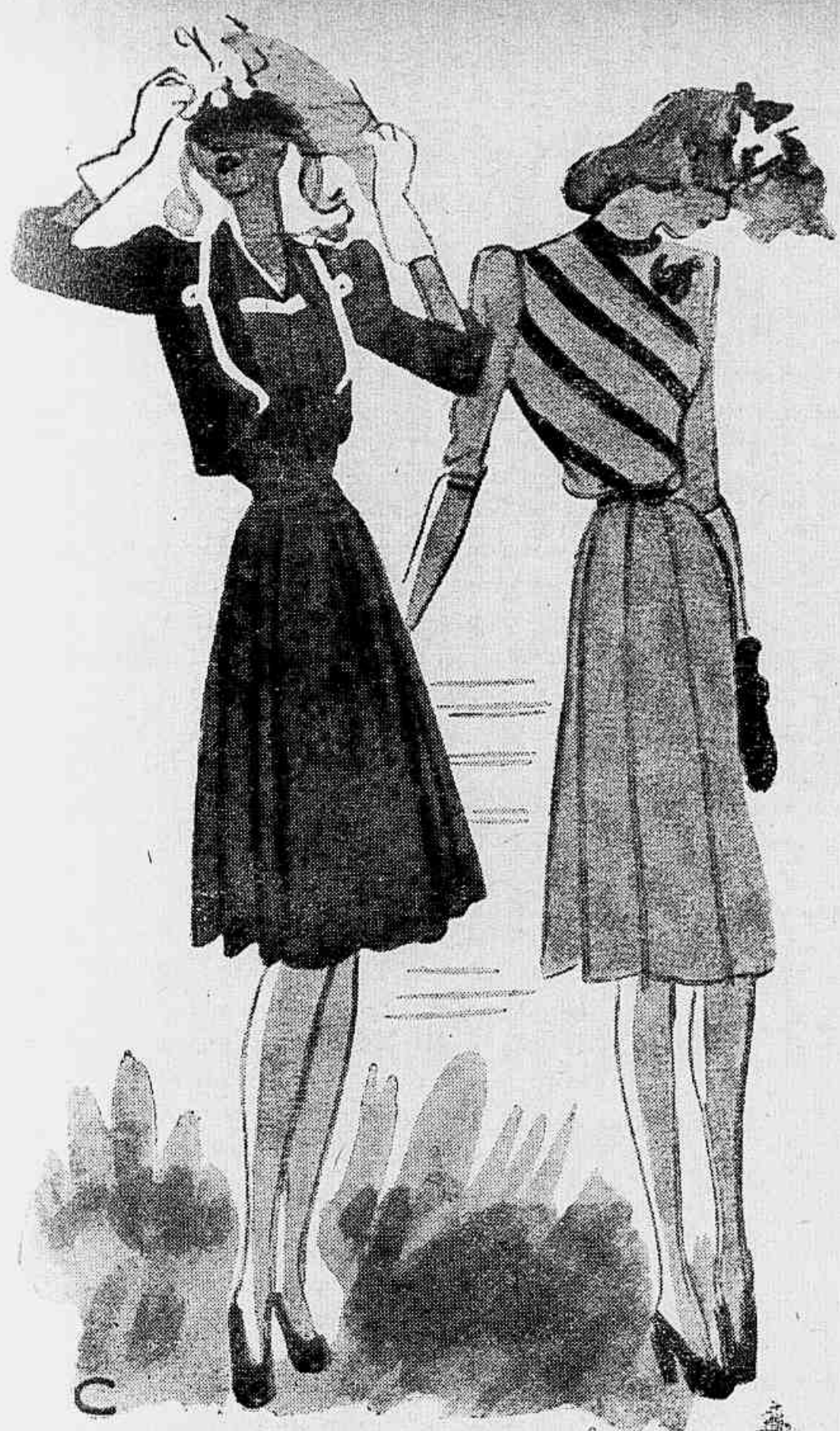


Metrofina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.





Para o
Verão



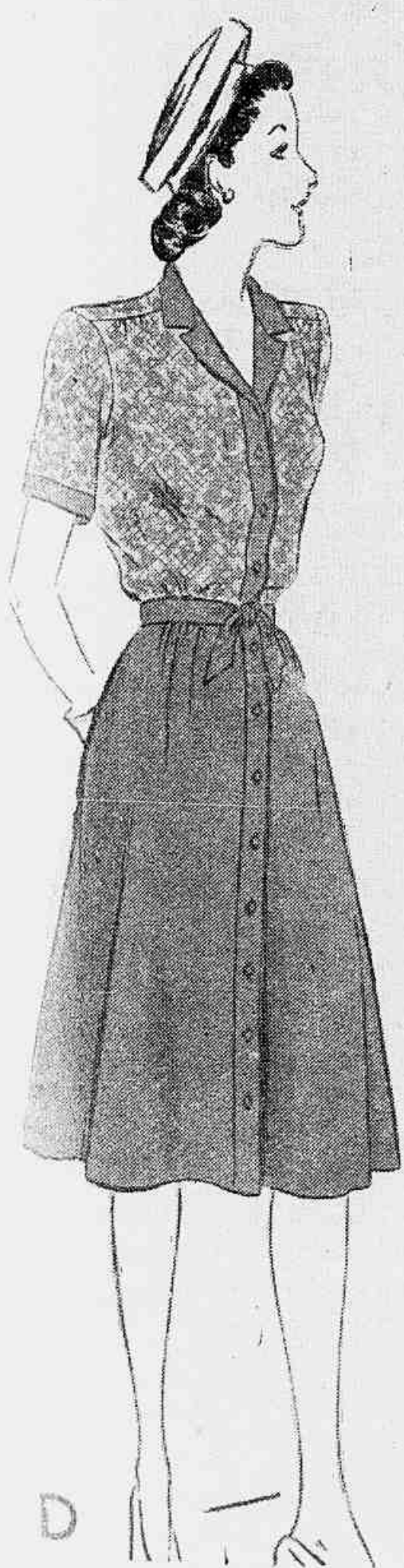
Helena Rubinstein aconselha:

COMECE o dia usando o CREME PARA AVIVAR A PELE (Wake-up-Cream). Esse tratamento de beleza reanima e suaviza a cutis, dando-lhe mais vida e transparência e restabelecendo o tom natural da face. CREME PARA AVIVAR A PELE é para a pele o que a ginástica é para o corpo. Peça que lhe mostrem esse creme e os outros produtos de Helena Rubinstein.

CASA HERMANNY

RIO DE JANEIRO:
Rua Gonçalves Dias, 50

PETROPOLIS:
Av. 15 de Novembro, 766



Salgadinhos para "lunch"

Os pequeninos pasteis podem acompanhar as taças de chá e os copos de refrescos. Escolha aqui, alguns, para o seu próximo lanche:

PASTELINHOS DE RICOTA—Faça uma massa doce de torta(ou aproveite os restos da massa de 1 torta), abra com o rolo, corte pequenos quadrados e recheie com o recheio de ricota, dobre a massa como se fosse fazer um embrulhinho e, depois de todos os pasteis prontos, pinte-os com gema de ovo dissolvida em manteiga derretida, levando-os ao forno quente num taboleiro polvilhado de farinha de trigo.

PASTEIS DE NATA—Massa: 1 prato de farinha de trigo pura, 1 colher de gordura, 1 de manteiga, 3 ovos e salmoura de leite. Recheio: 1/2 xícara de calda grossa, 4 colheres de nata de leite, 1 de manteiga e 4 gemas de ovos. Modo de preparar a massa: junte a farinha num monte, faça uma cova no centro e deite aí a manteiga, a gordura e os ovos. Misture ligeiramente e vá amassando com a salmoura de leite até obter uma massa uniforme e lisa. Deixe descansar 1 hora e abra com o rolo, corte os pasteis com a boca de um cálice, recheie com o recheio de nata, dobre os pasteis por si mesmos, aperte as beiradas e frite em gordura quente. Fritos, leve-os para uma peneira forrada de papel pardo e depois para um prato, polvilhando-os com açúcar e canela. Modo de preparar o recheio: deite a calda grossa numa panela, junte-lhe a nata de leite (a nata obtem-se do seguinte modo: tome certa quantidade de leite e fêrva; deixe esfriar e retire a nata; torne a levar o leite para ferver, deixando-o esfriar de novo, retire a nata assim que obtenha a quantidade de nata precisa) e as gemas batidas. (Pode-se comprar a nata já pronta). Misture tudo e leve ligeiramente ao fogo para que as gemas percam o gosto, mexendo sempre. Recheie os pasteis depois do creme frio.

PASTEIS DE OVOS MOLES—Faça uma calda em ponto forte com 1/2 quilo de açúcar. Deixe esfriar e misture-lhe 8 gemas de ovos e essência de baunilha, levando ao fogo brando para engrossar bem. Tome rodela de hostia (compre folhas de hostia numa boa confeitaria), deite sobre elas 1 colherinha dos ovos moles e leve-as ao fogo para tostar ligeiramente.

PASTEIS DE SANTA CLARA—Massa: 1 copo de água morna, 1 colherinha de sal, 2 ovos, farinha a que bastar para formar a massa. Recheio: 350 grs. de amêndoas moídas o mais possível, 15 gemas, 5 claras em neve, 2 colheres de manteiga e 600 grs. de açúcar. Modo de preparar a massa: vire a água numa vasilha funda, junte-lhe o sal e os ovos, e bata com a mão até levantar espuma. Então, vá juntando farinha aos poucos, sempre trabalhando a massa até

que ela fique bem ligada e elástica. Divida-a em 4 partes, leve uma dessas partes para uma mēsa polvilhada de farinha de trigo e sove-a até abrir bôlhas. Estenda então com o rolo e leve para o centro de uma mēsa forrada com uma toalha e em lugar arejado. Duas pessoas esticam-na com as mãos, com muito cuidado para não arrebentá-la demais, pois que terá de ficar fina como uma folha de papel de sêda. Deixe-a secar e nos lugares em que forem enrugando passe manteiga derretida com pena ou pincel. Corte a massa em quadrados de 15 cent. mais ou menos, junte dois a dois êsses quadrados, ponha no centro, ao comprido, um pouco do recheio, enrole sem apertar e dobre as pontas por cima. Prontos todos os pasteis, leve-os ao forno em taboleiro polvilhado de farinha de trigo. O forno deve ser bem quente e os pasteis devem ficar ligeiramente tostados. Depois de assados polvilhe-os lentamente com açúcar e arrume-os num prato com cuidado. Modo de preparar o recheio: faça com o açúcar uma calda, deixe esfriar, junte-lhe os outros ingredientes e leve a panela ao fogo brando, mexendo sempre até aparecer o fundo da panela. Recheie então os pasteis como foi explicado acima.

VAMOS PREPARAR OVOS?

OVOS DUROS PARA HORS D'OEUVRE—Cozinham-se em água a ferver durante uns 8 a 10 minutos. Ao tirar do fogo, deve-se mergulhá-los em água fria. Despojados da casca, cortam-se ao meio e arrumam-se sobre folhas de alface.

Tempera-se á vontade, com sal, vinagre, mostarda, tempêros esses que devem estar no galhetreiro. São mais digestivos acompanhados com um «cocktail» seco ou vinho branco.

OVOS PARA GUARNIÇÃO—Cozidos e descascados os ovos, arrumam-se á volta do prato de peixe, de carne ou sobre a salada de legumes. Usa-se também picá-los em pedacinhos, distribuindo-os assim sobre o acepipe.

OVOS DECORADOS—Depois de cozidos e descascados, cortam-se ao meio, pelo comprimento, tiram-se as gemas e enche-se a cavidade com um molho de anchovas ou um molho de maionese. As gemas passam-se pelo passador e servem para decorar o prato. Pode-se colocar, em vez de molho de anchovas ou de maionese, um camarão inteiro com um pingo grosso de molho de tomates.

OVOS MEXIDOS A' BEIROA—Quebram-se alguns ovos, batendo-os ligeiramente de mistura com sal, salsa picada e cebola também picada ou batida e despejam-se sobre manteiga quente, mexendo sempre até que fiquem cozidos. Pode-se temperar, se fôr de gosto, com pimenta.

OVOS VERDES A' FIGUEIRENSE—Tome-se alguns ovos e cozam-se. Depois de cozidos, cortem-se ao meio e tirem-se-lhes as gemas, conservando inteiras as metades das claras. Pique-se muito miudo uma cebola e uma porção equivalente de salsa, deitando-se-lhe uma ou duas colheres de pó de rosca, pimenta e sal. Aloure-se isto numa frigideira com um pouco de manteiga. Amasse-se depois com as gemas e com esta massa encham-se as claras. Faça um mingáu com duas gemas e um pouco de farinha de trigo, passe as metades de ovos recheados nesse mingáu e frite em manteiga até dourar, tendo o cuidado de não deixar que o recheio se desprenda das claras.

OVOS COM RECHEIO DE CAMARÃO—Cozinhe a quantidade de ovos que desejar, descasque-os, corte-os ao meio, tire as gemas e esmague-as, juntando alguns camarões secados e temperados com azeite, cebola e salsa. Encha as metades das claras cozidas com esse recheio, passe em ovos batidos com uma colher de farinha de trigo e envolva-os em pó de rosca, levando-os ao forno para corar.

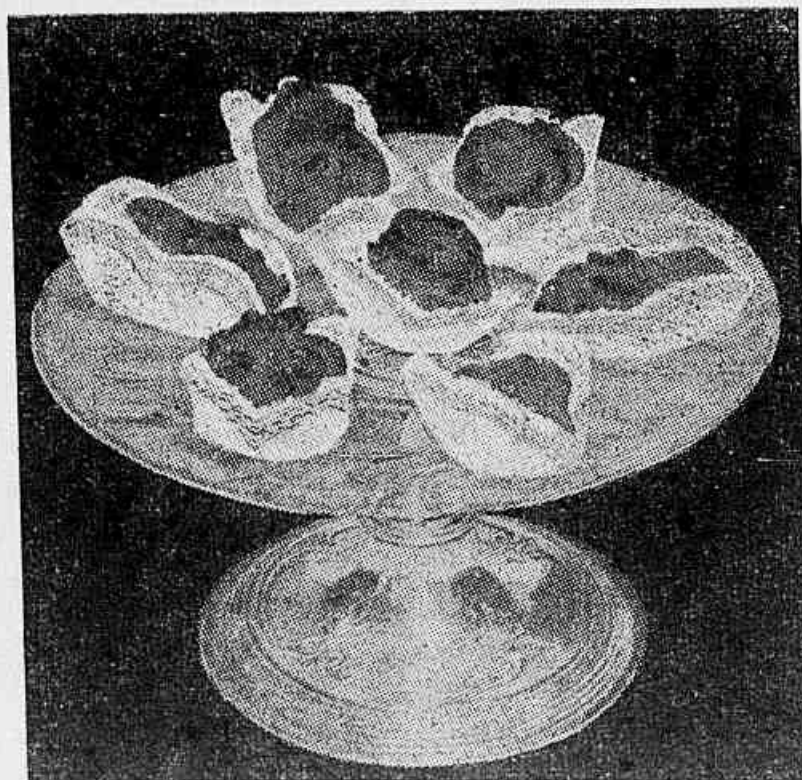
OVOS RECHEADOS COM CHAMPIGNONS—Cozidos, descascados e cortados ao meio, tirando as gemas com cuidado. Prepara-se com alguns champignons bem picados, sal, pimenta do reino, salsa picada, manteiga e massa de tomates, um molho grosso, que se apura, ao fogo. Misturam-se nesse refogado as gemas esmigalhadas, enchendo-se então as claras. Forra-se uma travessinha com molho bechamel, colocando-se por cima as claras recheadas, polvilhando-as com um pouco de queijo ralado e uma porção de farinha de rosca. Rega-se com manteiga derretida e leva-se ao forno para dourar. Serve-se assim que se retira do forno.

OVOS MEXIDOS COM QUEIJO—Procede-se como na receita para ovos mexidos á beirôa, juntando-se, antes de ir ao fogo, umas colheres de queijo duro ralado. Mistura-se bem o queijo aos ovos. Não se deve pôr queijo em demasia.

OVOS MEXIDOS COM TRUFAS—Deita-se numa frigideira um pouco de manteiga, sal e salsa picada. Quebram-se num prato seis ovos que se batem ligeiramente e que se deitam na manteiga quente, juntamente com pedacinhos de trufa (ou de champignons), mexendo-se sempre até que fiquem ligeiramente cozidos.

OVOS PARTIDOS—Encha-se incompletamente de água uma vasilha e leve-se ao fogo. Assim que abrir a fervura, quebram-se dentro os ovos, mas com cuidado para que não se desmanchem. No fim de cinco minutos, tira-se com uma espumadeira, deixa-se enxugar, servindo-se deles para misturar na sopa ou com qualquer molho que preferir.

OVOS A' LUCANESA—Refogue num pouco de manteiga cebola picada e, assim que começar a dourar, junte uma xícara de leite ou meia de nata. Ao abrir a fervura, colocam-se nesse molho alguns ovos previamente cozidos e partidos em duas metades pelo comprimento. Deixa-se cozer tudo por uns 8 ou 10 minutos. Adicionam-se depois duas gemas com um pouco de salsa picada, queijo ralado e um nada de canela. Deixa-se ligar o molho e serve-se quente. Ao juntar as gemas batidas é preciso retirar cuidadosamente as metades de ovo, para evitar que elas se fragmentem.



NUMEROS ATRASADOS

DESTA REVISTA NA CA-

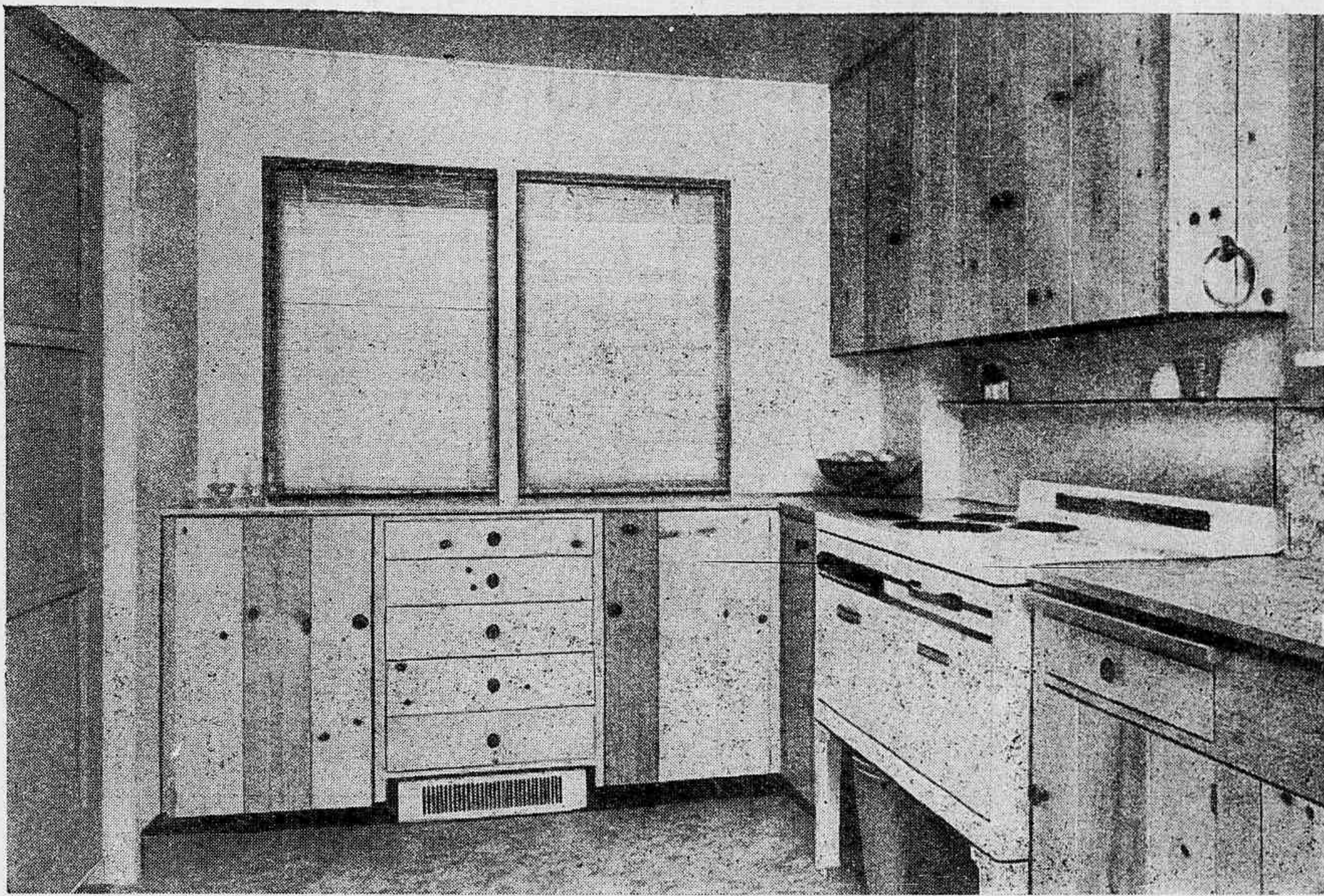
PITAL DE S. PAULO

Procurar á

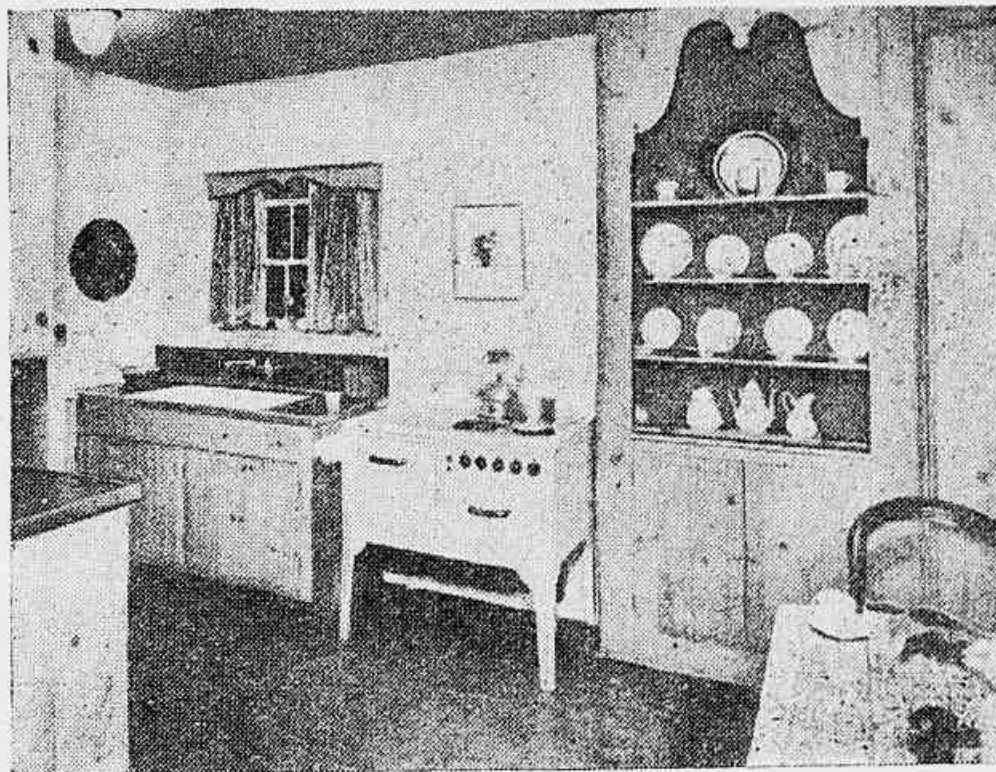
"AGENCIA SICILIANO"

Rua D. José de Barros, 323

Telefone: 4-7866

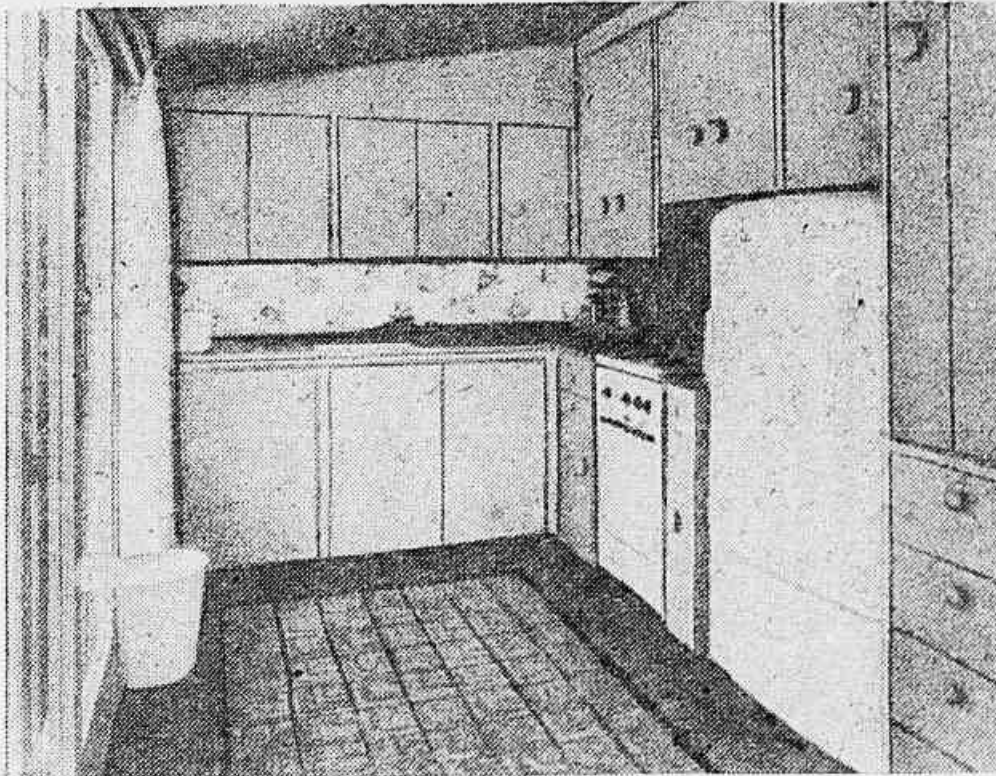
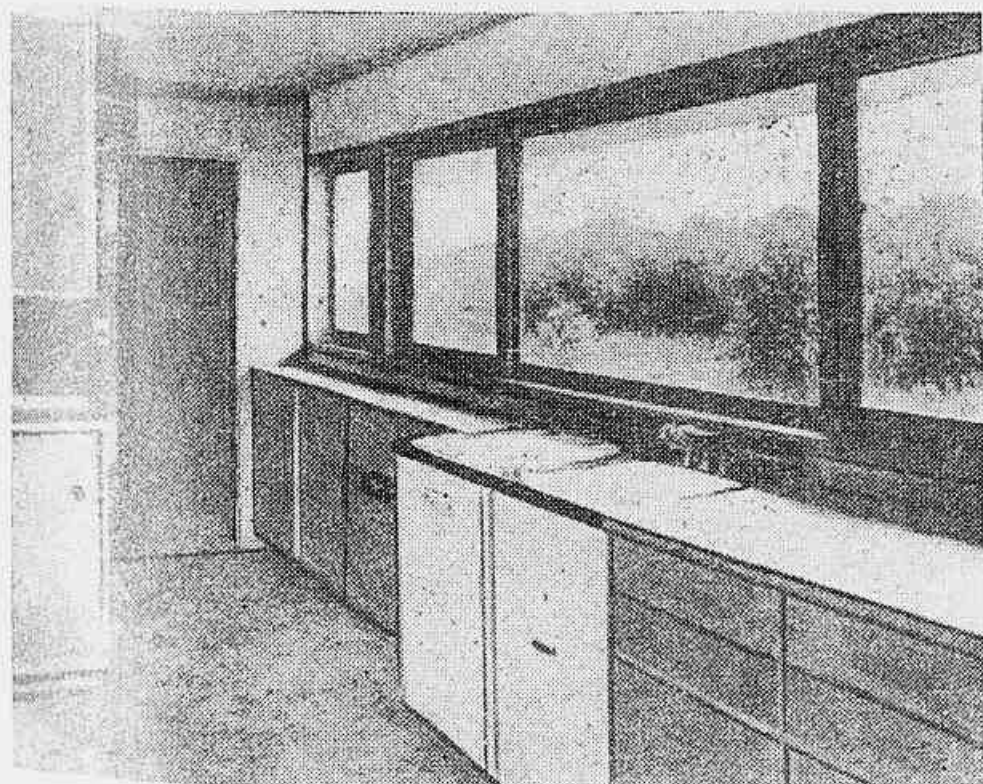


O tom da madeira, levemente corado, combina com o mobiliário do resto da casa.



A' esquerda — As paredes de cerâmica e mosaicos vermelhos conservam esta cozinha bem clara.

Cozinhar na sala de jantar em vez de comer na cozinha, nesta sala de dupla finalidade forrada de madeira e de paredes verdes.



A' esquerda — Tudo aqui é de madeira, exceto os ganchos. As portas e janelas deslizam horizontalmente.

Madeira polida e encerada, numa cozinha do campo. As gavetas para a prata e os linhos ficam perto da sala de jantar.

COZINHAS DE MADEIRA

As cozinhas de madeira — as mais indicadas enquanto durar a guerra pelo menos — apresentam o aprazível aspecto caseiro que não tem as que são guarnecidas de armários de metal, lembrando laboratórios. São um alegre recanto para o café e o almoço da família, com a quente tonalidade da madeira pondo uma nota de animação ao cenário. A madeira, bem polida e encerada, é fácil de conservar limpa.

"Robes" para as horas íntimas

A arte do *deshabillé*: ser elegante, agradável e bonita dentro de um amplo *peignoir* ou do desalinho quase "aprumado" de uma roupa de dormir.

E' essa a parte mais feminina do seu guarda-roupa. As *toilettes* para as doces horas de intimidade quando ha em

todo o seu lar uma vontade de dormir, um cansaço, um bocejo. As *toilettes* para as primeiras horas da manhã: ainda um resto de sono em seus gestos, uma maciez de cobertor, de aconchego em sua voz pausada.

Algumas sugestões para essas horas: robes para intimidade.

1) De traços amplos para as FAUSSE-MAIGRES, um roupão com fecho ECLAIR de galalite em toda a blusa.

2) Em tecido felpudo com grandes botões de madreperola abotoando toda a extensão.

3) Para as silhuetas menos delgadas: crepe espesso com JABOTS e punhos de Racine.

4) Filas passadas na larga gola dobrada e nos punhos. Uma reminiscência das roupas de nossas avós.



O Lar

**CORTINAS
STORES
MADRÁS**

GRANDE
VARIEDADE
EM
TECIDOS
PARA
ESTOFOS

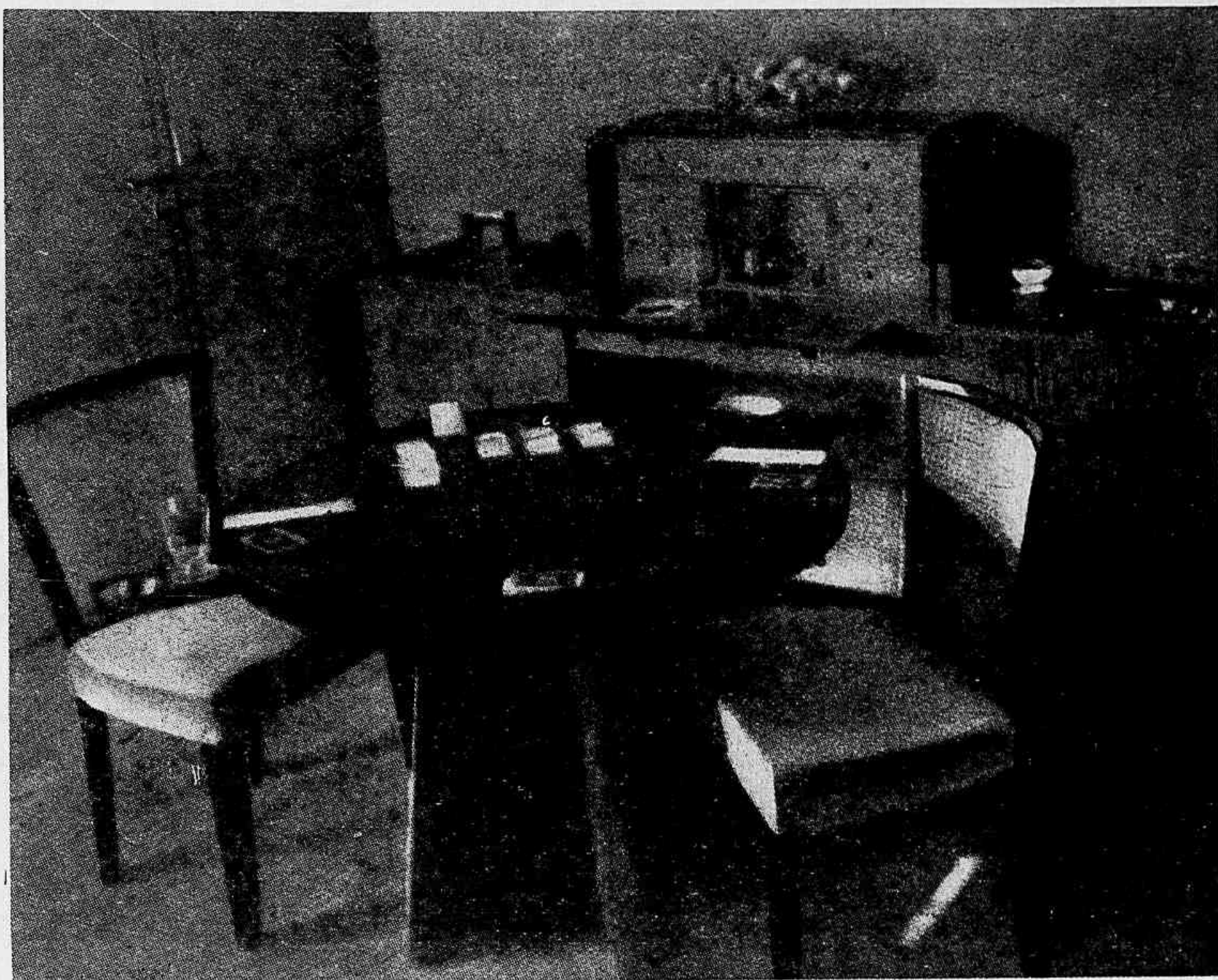
CASA BEIRIZ

RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Móveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir móveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os móveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade, em certos casos, de pagamento.



Saleta de jogo, com mesa redonda em carvalho com folheado negro. Tem tampa postiça, que pôde cobri-la quando não esteja utilizada para o jogo. Cadeiras forradas de amarelo. Detalhe de dormitório, no qual o nicho entre os dois painéis se forrou de chintz salmão claro com flores da cor de barro. Tamborete forrado do mesmo chintz. Tapetes azul escuro e móveis executados em laqueado côr de marfim.



COMO PROJETAR SUA CASA?

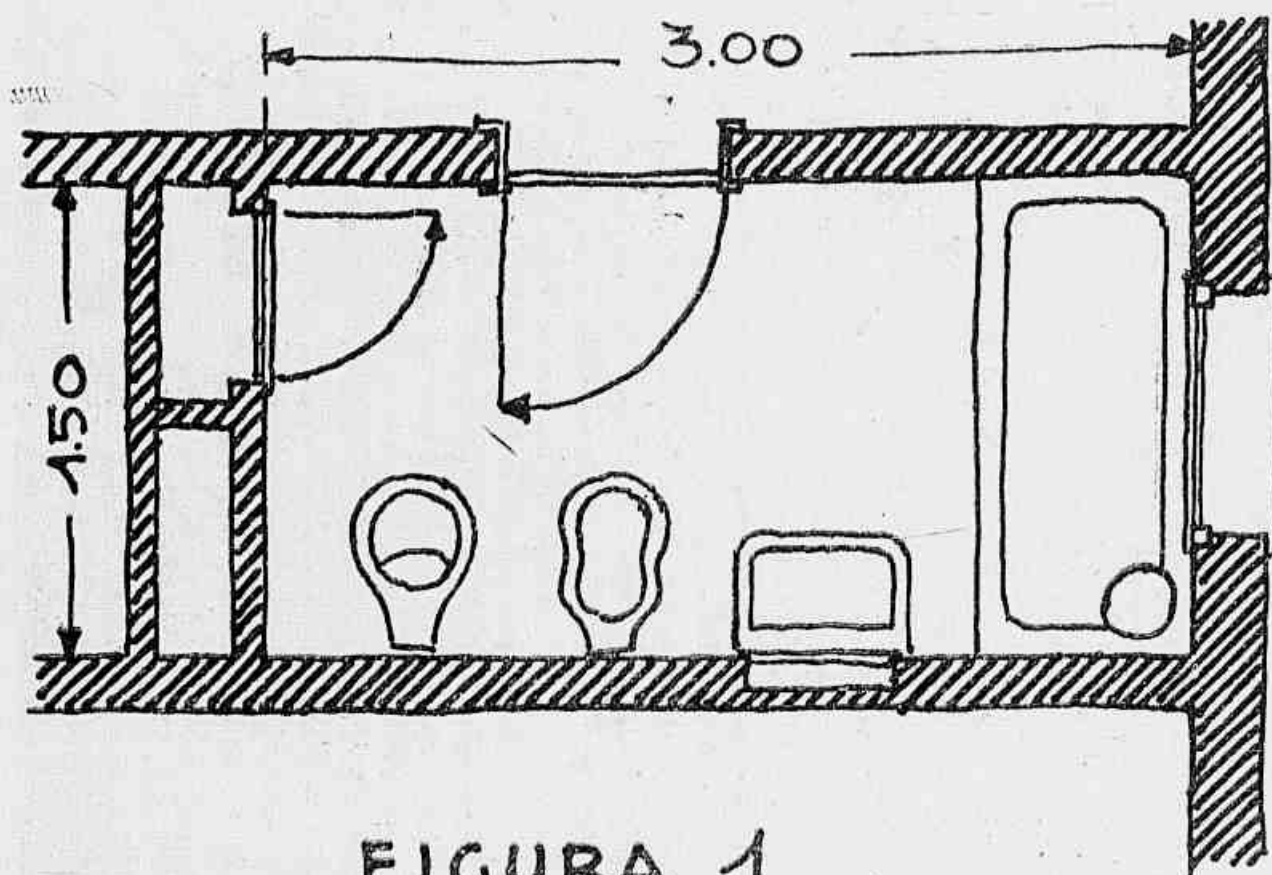


FIGURA 1

Pondo em balanço o desenvolvimento de nossa atividade arquitetônica, quer sob o ponto de vista creador, quer realizador, podemos concluir que o problema da planta, isto é o modo de dividir e dispor as peças não tem tido um progresso apreciável, sobretudo na parte que diz respeito a habitação, talvez por uma falta de compreensão mais exata por parte do publico — ao passo que a construção propriamente dita, isto é o processo de aplicar os materiais, tem experimentado uma evolução mais rápida. E' muito frequente verificar-se, por exemplo, uma casa defeituosa na sua concepção, mas relativamente perfeita na sua construção. As instalações sanitarias, estas então têm melhorado consideravelmente. Hoje nota-se a pre-

sença de boas salas de banho em comparação com as que se faziam antigamente. Não queremos elogiar os chamados banheiros de côr, que quasi sempre pecam pelo carater de pretensão, mas nem por isto deixamos de reconhecer na sua aparelhagem a boa qualidade das louças e a presença de certos dispositivos que concorrem para o conforto da instalação.

Para que um quarto de banho ofereça comodidade não é preciso ter grandes dimensões como pensa muita gente — pelo contrario, não devemos perder espaço com peças de permanencia transitoria. A questão está apenas na conformação do ambiente e na justa posição dos aparelhos. Quando o quarto é estreito devemos procurar a posição

da banheira sempre no fundo e os demais aparelhos de um lado só, como exemplifica aqui o arquiteto Angelo Bruhns (figura 1). Quando se trata de uma instalação luxuosa é então conveniente condicionar a banheira entre duas cabines, sendo uma para o chuveiro e outra para o vaso sanitario. Resulta um aspecto de arrumação agradável, mas neste caso é preciso ter pelo menos 3m,50 no maior sentido e 2m,50 no menor. Devemos prestar atenção para que o aquecedor fique junto á parede externa, assim como devemos prever nesta categoria de banheiros o seguinte: Um deposito de roupa usada, um bico de gaz para ferver seringas de

injeção e um pequeno armario para remedios com altura suficiente para conter uma garrafa. Estas três necessidades podem aliás se sobrepor sem perda de espaço, porque um armario duplo com 1m,30 de alto serve de mesa para o fogareiro, e pode ser dividido em duas secções independentes, a inferior para a roupa usada e a superior para os frascos de remedio. E' de bom aviso colocar este conjunto proximo á janela afim de facilitar o escapamento dos gases de combustão produzidos pelo fogareiro. Abaixo damos outro desenho do mesmo arquiteto destinado a este tipo de sala de banho (figura 2).

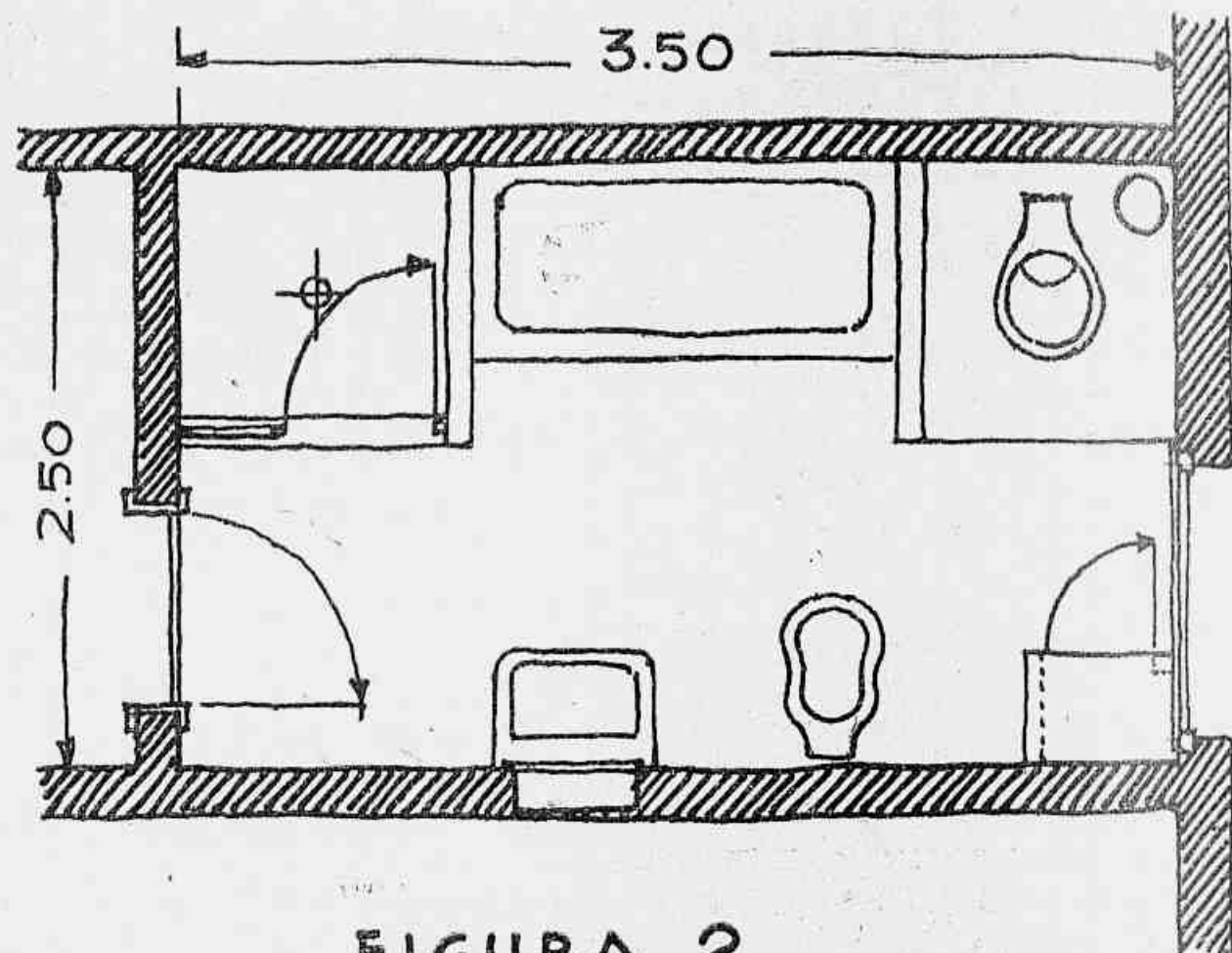


FIGURA 2

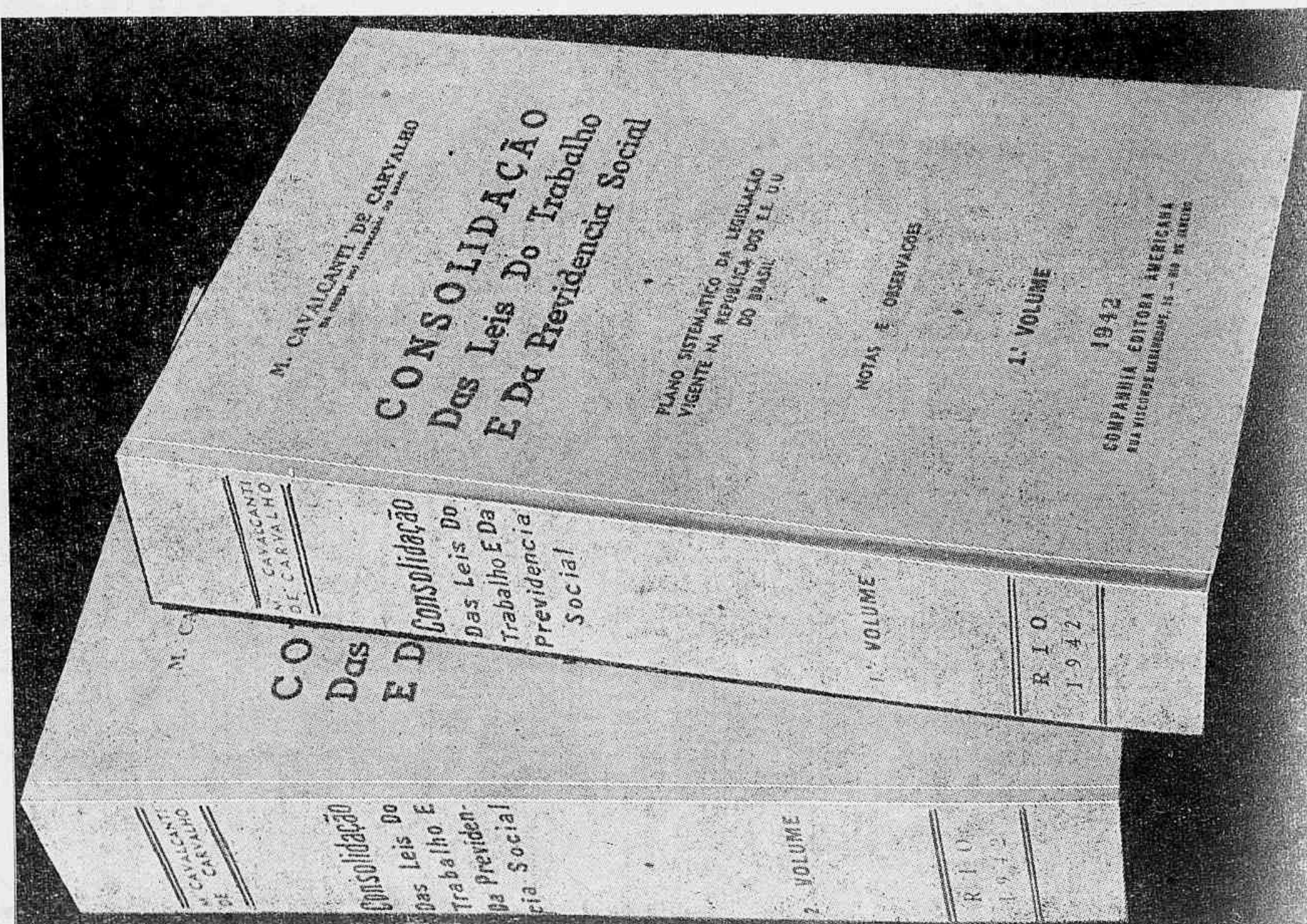
"CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL"

Obra que interessa não somente aos advogados, magistrados, juizes dos tribunais trabalhistas, mas também a quantos exerçam atividades no territorio nacional, a "CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E DA PREVIDENCIA SOCIAL", em 2 volumes com mais de 1.000 paginas, de autoria do jurista patricio M. Cavalcanti de Carvalho — advogado no Distrito Federal, veio preencher uma lacuna. E' perfeitamente a coordenação da materia, tornando facilimas as consultas.

Preço dos 2 volumes: Cr\$ 70,00 á venda em todas as livrarias.

Pedidos — mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio — á

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
MARANGUAPÉ,
15 — RIO.



Grito de Carnaval da "SUA" P.R.A. 9

Sabado,
dia 16, às 21.20 horas

Carlos Galhardo
Dircinha Batista
Ciro Monteiro
Odette Amaral
Dupla Joel e Gaucho
Nelson Gonçalves
Patricio Teixeira

Orquestra Passos - Conjunto Regional de
Pixinguinha e Luperce Mi-
randa-grande côro e ritmos.



Radio Mayrink Veiga

Luiz Sá
RIO-42



O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

- Informações sobre o Brasil
- O que ha de novo no mundo
- Notas sobre o ano. Calendario
- Diversões, anedotas, curiosidades
- Muitas paginas coloridas
- Contos para adultos e creanças
- Historia, literatura, ciência
- Maior numero de paginas



VER A MARAVILHOSA EDIÇÃO DO
ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1943

A VENDA